



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERUNIDADES EM
ENSINO DE CIÊNCIAS

AMANDA CRISTINA DA SILVA

A compreensão dos monitores de espaços de educação não formal
sobre sua atuação em museus e centros de ciências: uma
abordagem biológico-cultural

MESTRADO EM ENSINO DE CIÊNCIAS

São Paulo

2013

AMANDA CRISTINA DA SILVA

A compreensão dos monitores de espaços de educação não formal
sobre sua atuação em museus e centros de ciências: uma
abordagem biológico-cultural

Dissertação apresentada à banca
examinadora do Programa Interunidades
em Ensino de Ciências da Universidade
de São Paulo, como exigência parcial
para obtenção do título de Mestre em
Ensino de Ciências.

Área de concentração: Biologia

Orientadora: Prof^a Dr^a María Elena
Infante-Malachias.

São Paulo

2013

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada à fonte.

Catalogação da Publicação
Serviço de Documentação de Biblioteca e Informação
Instituto de Física da Universidade de São Paulo

Silva, Amanda Cristina da

“A compreensão dos monitores de espaços de educação não formal sobre sua atuação em museus e centros de ciências: uma abordagem biológico-cultural”. – São Paulo, 2013.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação, Instituto de Física, Instituto de Química e Instituto de Biociências.

Orientador (a): Profa. Dra. María Elena Infante-Malachias

Área de Concentração: Biologia

Unitermos: 1. Biologia (Estudo e ensino); 2. Educação não formal; 3. Museus de ciência e tecnologia; 4. Monitoria em museus

USP/IF/SBI-099/2013

SILVA, A. C. “A compreensão dos monitores de espaços de educação não formal sobre sua atuação em museus e centros de ciências: uma abordagem biológico-cultural”. 2013. 155 f. Dissertação apresentada ao Programa Interunidades em Ensino de Ciências da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em ensino de ciências, São Paulo, 2013.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof (a). Dr (a). _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof (a). Dr (a). _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof (a). Dr (a). _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Dedicatória

Dedico o resultado deste longo e sinuoso percurso de trabalho aos corajosos e destemidos desbravadores de Licenciatura em Ciências da Natureza da Escola de Artes, Ciências e Humanidades, especialmente à Karen Nashiro, Norton Felipe, Bianca Gonzales, André Oliveira, Gabriela Aramaqui, Diana Borges, Juliana Nadu e Luana Matias.

Ao meu único, até o momento, pai científico e primeiro orientador de pesquisa Paulo Rogério Miranda Correia e a todos os meus irmãos científicos, mas especialmente à Cícera da Silva e John Donner Jr., da velha-guarda, e ao Herbert Gomes, entre meus novos irmãos científicos.

Ao meu hoje querido amigo, que outrora fora mais que isso, Luis Paulo Goda Perroni. A todos os meus demais amigos, mas especialmente, ao Zaqueu Vieira e à Aline Jordan.

À minha grande família que a seu modo sempre procurou me apoiar, mas especialmente aos meus pais. Aos meus irmãos Messias, Francielle, William, Camila, Wellington, Welson e Elaine, e às minhas sobrinhas Yasmin e Lalinha.

À minha orientadora, mãe científica e um dos anjos que me guardam na Terra, María Elena Infante-Malachias.

Agradecimentos

Agradeço especialmente àqueles colegas de Licenciatura em Ciências da Natureza que participaram da coleta de dados das diferentes etapas desta pesquisa.

Ao Paulo Rogério Miranda Correia, por seu trabalho sistemático e metódico que muito me ensinou.

Ao Luis Paulo Goda Perroni por sua enorme paciência comigo, por todo seu apoio e presença, em todas as horas, ao meu lado. Ao Zaqueu Vieira por suas palavras sinceras e assertivas, por seu jeito metódico, pragmático e lindo de ser. À Aline Jordan por ser essa minha amiga louca de sempre.

À minha amável mãe por sua serenidade e confiança incondicional em tudo que me propus a fazer sempre e a meu pai por me ensinar a acreditar em Deus.

À minha orientadora, por sua infinita paciência comigo e com minhas derivações ontogênicas.

Resumo

SILVA, A. C. “A compreensão dos monitores de espaços de educação não formal sobre sua atuação em museus e centros de ciências: uma abordagem biológico-cultural”. 2013. 153 f. Dissertação (Mestrado). Programa Interunidades em Ensino de Ciências. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Esta é uma pesquisa de natureza qualitativa elaborada através da metodologia de grupo focal em sua coleta de dados e da estratégia de análise textual para o *corpus* resultante da transcrição dos dados. Procurou-se neste trabalho indagar e escutar qual era a compreensão de monitores de espaços científicos de educação não formal sobre sua atuação junto ao ambiente e ao público. Além disso, buscou-se analisar as experiências narradas pelos monitores à luz da biologia cultural e identificar no discurso destes elementos relacionados ao seu “encantamento” pelas atividades desenvolvidas nos museus e centros de ciências. Percebe-se neste trabalho que a mediação humana é essencial no processo de transformação do indivíduo. Considerando o indivíduo não apenas o monitor ou o público, mas ambos. A mediação humana proporciona experiências de encantamento, mas o monitor pode também representar um papel de morte. O fenômeno social humano permeia todas as relações que se estabelecem entre os sujeitos, e estas podem caracterizar-se pela aceitação ou negação do outro. Na aceitação do outro, e de nós mesmos, podemos ter experiências de encantamento que de forma direta ou indireta atuam na transformação pessoal e coletiva dos indivíduos sociais. Nesse contexto, a ação do monitor dentro de um espaço de educação não formal como museus ou centros de ciência pode ter resultados positivos ou negativos sobre o público atendido, além de gerar experiências de encantamento quando essas ações são positivas, as ações do monitor podem representar um papel de morte na vida de cada indivíduo que passa pelo museu. Diante dessa perspectiva inicial, surgiu neste trabalho o processo de conquista de território de um grupo de estudantes do curso de Licenciatura em Ciências da Natureza, da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, que participaram desta pesquisa. Esse processo envolveu a linguagem como parte de um fenômeno social, a ruptura de certos padrões de negação impostos por determinados grupos sociais ou instituições, experiências de encantamento que surgiram a partir dessas rupturas e de um ambiente de aceitação mútua que possibilita transformação pessoal e coletiva.

Palavras-chave: Museus de ciência, monitores, mediação humana, biologia cultural, experiências de encantamento, território.

Abstract

SILVA, A. C. "Understanding of monitors of spaces of non-formal education about its activities in museums and science centers: a biological and cultural approach". 2013. 153 f. dissertation (master). Degree program in science education. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

This is a qualitative research using focus group as methodology in its data collection and textual analysis as strategy for the *corpus* resulting from the transcription of the data. In this work we investigate the monitor's understanding about their activities in museums and science centers of non-formal education. The question was based on their perception about the space and the visitors. In addition, to analyze the experiences narrated by monitors in the light of cultural biology and to identify in the speech of these, some elements related to their "enchantment" by activities carried out in museums and science centers. We realize in this work that the human mediation is essential in the process of transformation of the individual. Considering the individual not just the monitor or the public, but both. The human mediation provides experiences of enchantment, but the monitor can also represent a part of death experiences. The social phenomenon permeates all human relationships that are established between the subjects, and these can be characterized by the acceptance or denial of the other. On acceptance of the other and of ourselves, we can have experiences of enchantment that directly or indirectly act on personal and collective transformation of social subjects. In this context, the action of the monitor within an area of non-formal education such as museums or science centers can have positive or negative results about the public answered, besides generating enchantment experiences when these actions are positive. On the other hand, the actions of the monitor can represent a part of death in the life of every individual that passes by the museum. On this initial perspective, in this work emerged the process of conquest of territory of a group of students of the course of degree in natural sciences, from the school of Arts, Sciences and Humanities of the University of São Paulo, who participated in this survey. This process involved the language as part of a social phenomenon, the rupture of patterns of denial imposed by certain social groups or institutions, experiences of enchantment that emerged from these ruptures and of an environment of mutual acceptance which results in a continuous process of personal and collective transformation.

Keywords: science museums, monitors, human mediation, cultural biology, experiences of enchantment, territory.

Lista de siglas

EACH	Escola de Artes, Ciências e Humanidades
GD	Grupo de discussão
GF	Grupo focal
LCN	Licenciatura em Ciências da Natureza
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

Capítulo I. Primeiros escritos

Apresentação	13
Introdução	17
Educação em museus de ciências	17

Capítulo II. Outra proposta de olhar

Fenômeno social humano e sistemas sociais	25
Sobre a experiência humana	33
Pergunta da pesquisa	36
Hipótese	36
Objetivos	36

Capítulo III. Desenho metodológico

Referencial metodológico	38
Procedimentos metodológicos	43
O convite e a adesão para participação na pesquisa.....	43
Caracterização dos participantes do GF	43
Caracterização do GF	45
Processo de categorização	46

Capítulo IV. Outro olhar sobre as palavras ditas

Resultados e discussão	48
Comentários do pesquisador sobre a realização do GF	48
Comentários do observador sobre a realização do GF	49
Análise do <i>corpus</i> produzido na transcrição do GF	50
Categorias obtidas a partir da análise do <i>corpus</i>	50
Considerações finais	93
Bibliografia	95
Apêndices	103
Anexos	105

Capítulo I. Primeiros escritos

Apresentação

As influências para a realização deste trabalho foram as mais diversas. Na graduação, pude conhecer mais a fundo as possibilidades de atuação em museus e centros de ciências, dentre outras instituições chamadas de espaços de educação não formal. Em 2009, já graduada, trabalhei como educadora no Espaço Catavento Cultural e Educacional, coordenando a área de Física. Era responsável por várias atribuições, dentre elas, a formação e capacitação dos monitores para o atendimento e adequação dos conteúdos para os mais diversos públicos que recebíamos no local.

Neste panorama, presenciei o amadurecimento de muitos monitores que de início tinham pouco conhecimento da aplicabilidade das leis e princípios da Física, conhecimentos que por sua vez, estavam presentes na exposição e no cotidiano. Ou ainda, aqueles que tinham dificuldades de falar em público, mesmo que dominassem o conteúdo. Eles se maravilhavam diante das descobertas realizadas no espaço do museu, e posteriormente, a paixão que demonstravam ao explicar tais descobertas a seu público era evidente. Essa descoberta do conhecimento propiciava um imenso prazer e isso era ainda mais visível no tratamento com o público, falavam daquela ciência, antes qualificada como “*hard*”, difícil e incompreensível por alguns, como se fosse a oitava maravilha do mundo. Era incrível observar este percurso, esse encantamento que se dá em um caminho que começa cheio de incertezas, mas que depois ganha contornos tão suaves, quase como uma dança, aonde o monitor conduz o visitante por todo o salão, com as respectivas explicações sobre os eventos em questão.

Em 2010, passei a lecionar em um colégio particular na zona leste de São Paulo, foi uma experiência muito válida, entretanto, ainda havia algo que me inquietava: aquele encantamento que os monitores demonstravam por conteúdos ora tão abstratos e incompreensíveis, e o fato de comunicá-los de forma tão apaixonante “momentos depois”.

Nestes dois anos em que estive trabalhando depois de graduada amadureci as ideias do trabalho que desenvolveria em meus estudos de mestrado. Mas a partir deste momento, tive certeza de que minha paixão dentro da educação era o trabalho com a

educação não formal e mais precisamente, por esta experiência vivenciada pelos monitores em seus respectivos espaços. Em 2011, ingressei no mestrado pelo Programa de Pós-graduação Interunidades em Ensino de Ciências, na modalidade ensino de Biologia.

Minha maior vontade era estudar o processo de adaptação dos monitores nos museus, defini então que gostaria de estudar aquele encantamento que observava se desenvolver nos monitores diante de suas descobertas, as chamadas experiências vivenciadas por cada indivíduo. Assim defini o objetivo do projeto: explorar a compreensão dos monitores de espaços de educação não formal sobre sua atuação em museus e centros de ciências, enquanto professores em processo de formação inicial.

Diante do objeto de interesse do trabalho, esta pesquisa é então caracterizada como de natureza qualitativa. A primeira tentativa de coleta de dados da pesquisa, ainda em 2011, não obteve êxito, pois não houve retorno da instituição escolhida. Em um segundo momento, optamos por realizar um convite aberto a monitores de museus de ciências da lista de contatos pessoais da pesquisadora, autora deste trabalho, para participação num grupo focal, mas não houve adesão.

Estudando diversas possibilidades metodológicas, em 2012 optamos por realizar um grupo de discussão, complementado por um questionário preliminar enviado via internet. Os resultados desta coleta foram apresentados a uma banca examinadora em dezembro de 2012 e demonstraram baixa profundidade na discussão e poucas contribuições para o objetivo do trabalho. A partir disso, reestruturamos a proposta metodológica da pesquisa, o que resultou na dissertação de mestrado que será apresentada a seguir.

Breve roteiro de leitura sobre a estrutura da dissertação

Dando sequência a este primeiro capítulo, na Introdução apresento um breve panorama sobre o desenvolvimento da educação em museus desde os gabinetes de curiosidades, a primeira geração de museus de ciências até os dias atuais em que um termo muito importante para este trabalho vem ganhando destaque na literatura da área: mediação. Pensando na mediação, este trabalho vem tratar especificamente da mediação humana, pessoas inseridas em espaços científicos de educação não formal que fazem a ponte entre a exposição e o público.

No capítulo II, trazemos outra proposta de olhar ao inserir a perspectiva da biologia cultural, de Humberto Maturana e Ximena Dávila, no contexto dos museus e centros de ciências. Enquanto seres humanos, somos seres sociais, mas só nos tornamos humanos se vivemos entre humanos. Nesse sentido, consideram-se dois nascimentos para o indivíduo, um nascimento biológico do útero materno e um nascimento cultural que desenvolve em nós possibilidades de humanidade a partir da convivência social. Assim, é possível pensar a mediação humana em espaços científicos de educação não formal enquanto um processo formativo a partir da biologia cultural. A expressão das transformações pelas quais passamos em nosso viver biológico-cultural pode se dar por meio das experiências que nos marcam. Experiência, segundo Jorge Larrosa, filósofo espanhol, é “aquilo que nos passa”, um acontecimento que nos atravessa, deixa-nos uma marca, uma ferida, algo que nos transforma, onde a superfície de transformação somos nós mesmos, enquanto seres biológico-culturais. As experiências que marcam a mediação em museus e centros de ciências podem relacionar-se tanto ao público quanto aos monitores, pois ambos são passíveis de transformação numa convivência social. Ainda neste capítulo são apresentadas a pergunta de pesquisa, que justifica sumariamente a proposta deste trabalho, a hipótese e nossos objetivos. Sendo nosso objetivo geral o de estudar a compreensão dos monitores de espaços de educação não formal sobre sua atuação em museus e centros de ciências e os específicos: trazer as contribuições de Humberto Maturana e Ximena Dávila para entender a mediação em museus e centros de ciências e, identificar no discurso dos monitores elementos relacionados ao seu “encantamento” pelas atividades desenvolvidas nos museus e centros de ciências.

No capítulo III apresentamos o desenho metodológico que envolveu este trabalho de pesquisa. Em nosso referencial metodológico, sinalizamos que optamos por uma análise qualitativa dos dados que foram coletados através da metodologia de grupo focal, do qual o *corpus*, considerado o texto transcrito a partir das falas dos participantes do GF, resultante passou por uma ‘Análise textual discursiva’. Em nossos procedimentos metodológicos apresentamos brevemente as características dos sete participantes do grupo focal e como se desenvolveu nosso processo de categorização.

‘Outro olhar sobre as palavras ditas’ é o título do capítulo IV, onde expomos um panorama geral dos resultados do trabalho em ‘Resultados e discussão’, em seguida os comentários do observador e do mediador quanto ao desenvolvimento do GF, a seguir a análise e as categorias obtidas a partir desta. Sendo que uma parte dos resultados nos chamou a atenção particularmente por conter todas as categorias em si, chamamos isso de Domínio, pois evidencia um processo que envolve todas as demais categorias apresentadas.

Por fim, apresentamos as considerações finais deste trabalho de pesquisa que ressalta a importância de pensar a formação de mediadores a partir da biologia cultural. Então nossa bibliografia consultada durante tal construção, seguidos dos apêndices e anexos.

Introdução

Educação em museus de ciências

Os museus e centros de ciências são hoje reconhecidos por diversos estudos como espaços imbuídos de uma função educativa (Cazelli et al, 2003; Braund & Reiss, 2004; Maradino, 2001, 2005, 2008ab; Marandino e Ianelli, 2012). Além disso, também são vistos como espaços de lazer e deleite (Massarani, 2005, 2008ab), como um instrumento de mudança social, onde o visitante não saia da mesma forma que entrou, mas sim, com ainda mais perguntas do que quando chegou.

Na história da educação em museus de ciências, estes espaços sofreram influência de diversas teorias educacionais. O construtivismo enfatizando o papel ativo do indivíduo na construção de seu próprio aprendizado, as ideias de Jean Piaget quanto ao desenvolvimento cognitivo, de Lev Vygotsky tratando do papel das interações sociais nas relações de aprendizagem e Howard Gardner com a contribuição de estudos sobre as inteligências múltiplas que um indivíduo pode ter e como as mesmas podem estar contempladas num espaço como o museu (Stuart, 2000 apud Marandino e Ianelli, 2012).

Históricamente, os museus de ciências são divididos em três gerações definidas pelas temáticas que os geraram (Cazelli et. al, 2003; Marandino e Ianelli, 2012). Marandino e Ianelli (2012) identificaram em seu trabalho, intitulado “Modelos de educação em ciências em museus: análise da visita orientada” diferentes modelos educacionais que podem estar presentes no ambiente do museu, isso determinado basicamente pelo tipo de mediação adotada no espaço. As autoras assumem que por vezes, as instituições podem não ter clareza suficiente quanto aos modelos educacionais que impregnam sua prática.

A primeira geração é a dos museus de história natural. O ancestral comum dos museus de ciências são os gabinetes de curiosidades datados do século XVII, os reis, principalmente, reuniam variadas e extensas coleções das mais diversas áreas, desde moedas a fósseis. O foco neste momento ainda era muito voltado para o objeto, tanto que poucos indivíduos tinham acesso a essas coleções. No final do século XVII, essas coleções ganham uma organização mais estruturada, permitindo que as mesmas passem

a ser utilizadas como referência para estudo e difusão do conhecimento científico por meio da pesquisa.

A segunda geração de museus tem foco na ciência e na tecnologia industrial, apresentando finalidades de utilidade pública e de ensino mais específicas comparada aos museus da primeira geração. O principal objetivo desses museus era a divulgação do mercado de trabalho e dos avanços científicos obtidos até então. Assim, estas duas primeiras gerações são caracterizadas como mais próximas de uma pedagogia tradicional (Marandino e Ianelli, 2012).

Ainda nesta segunda geração, houve uma tentativa de diálogo, onde surgiram aparatos interativos numa tentativa de comunicação com o público, mas eram apenas com respostas programadas e interação limitada, basicamente através de um sistema *push-botton*, de apertar botões. Para Marandino e Ianelli (2012), este momento caracteriza-se dentro do movimento da 'Pedagogia nova'.

Já os museus da terceira geração diferenciam-se substancialmente das duas gerações anteriores, o foco não está mais nos objetos e uma de suas principais funções é a transmissão de ideias e conceitos científicos, bem como informar a sociedade (Cazelli et. al, 2003). A comunicação entre a instituição e os visitantes é mediada por uma maior interatividade com os aparatos. Nesta perspectiva, a proposta educativa museal aproxima-se do cognitismo.

Numa exposição museal as informações que aparecem na forma de textos, imagens, aparatos interativos, objetos contemplativos, entre outros, têm a função de cativar o público, ensinar e divulgar conhecimentos (Marandino, 2008b). A depender do objetivo e da forma de articulação da instituição, esses são também instrumentos de mediação. Mas essa abertura proporcionada pela interatividade nos museus permite as mais diversas interpretações dos fenômenos abordados. Assim, se faz presente uma figura humana habilitada a negociar esse olhar do público durante a mediação no espaço, sendo este o mediador em si (Massarani, 2008; Cazelli et. al, 2003).

Com isso, a mediação humana também passa a fazer parte das exposições da terceira geração. Nesta geração, são reconhecidos alguns elementos da corrente construtivista, que enfatiza o papel ativo do indivíduo, através de um processo dinâmico de interação entre o indivíduo e o espaço (Cazelli et. al, 2003; Marandino e Ianelli,

2012). Mas é importante ressaltar que estas divisões não se constituem em fronteiras rígidas, e que mesmo dentro de cada geração, nessa divisão simbólica, houve tentativas de transpor o modelo vigente e é esse o processo que nos trouxe ao momento atual.

A partir da década de 1960 surgem os primeiros *science centers*, espaços que privilegiam a percepção sensorial humana, o objetivo era que eles funcionassem como um laboratório. Daí em diante se intensificam então os estudos sobre a natureza dos processos de aprendizagem nos museus (Cazelli et. al, 2003). Para Braund e Reiss (2004), tais espaços permitem um maior grau de interação com a exposição em relação ao que ocorre geralmente nos museus mais tradicionais. Estes ainda carregam muitos elementos dos museus da primeira geração, focados quase que exclusivamente na observação de mostruários. Nos centros de ciências, os visitantes são encorajados a tocar, explorar e investigar as possibilidades do espaço. Cabe ressaltar que o ambiente do museu é um espaço educativo em sua totalidade, pois exige uma organização específica, como a divisão em grupos, a fala do mediador e a própria experiência de estar em um espaço diferente com pessoas e desafios novos, isso implica a função educativa do museu, que também é uma forma de mediação (Massarani, 2007, 2008).

Alguns pontos justificam a importância do aprendizado nestes locais (Braund e Reiss, 2004):

- constituem um ambiente diferente, onde o público fica mais motivado e, por vezes, pode interagir com a exposição, possibilitando o aprendizado de conceitos e fenômenos científicos a partir de situações do cotidiano das pessoas;
- permitem um acesso tátil ou mais concreto a exemplos e simulações de fenômenos e conceitos científicos abstratos, favorecendo o entendimento do funcionamento de máquinas ou sistemas tecnológicos;
- estimulam o desenvolvimento de atitudes consideradas de grande importância para a aprendizagem em ciências: curiosidade, reflexão crítica, criatividade, perseverança, tolerância da incerteza e sensibilidade ao ambiente. Além de fornecer ambientes seguros e estimulantes onde a ciência seja vista e aprendida com uma sensação de temor e admiração.

Perante este cenário e a partir dos estudos realizados até então, definimos que o museu de ciências hoje é um centro cultural educativo, lúdico e interativo que visa a formação para a ciência, arte e tecnologia, enfim, uma formação para a vida. Ao longo dos séculos, os museus vêm perdendo a face única de lugar de “coisas velhas” e assumindo outras facetas como lugar de pesquisa científica, de lazer, de deleite, de contemplação, de educação e de diversão (Marandino, 2008a).

Segundo Braund e Reiss (2004), espaços como os museus e centros de ciências podem ser significantes para o crescimento intelectual e emocional do público que os frequenta. Os modos de agir e reagir a diferentes situações de aprendizagem são produtos de nossa cultura. Algumas das contribuições desta formação dentro de espaços de educação não formal podem ocorrer por meio de três domínios de aprendizagem: cognitivo, afetivo e psicomotor. Considerar todos estes aspectos em museus e centros de ciências é fundamental, pois os sistemas sensoriais que podem ser explorados nestes espaços vão muito além da visão e da audição (Momo et al, 2011).

Conforme citações anteriores, um aspecto que se revela como uma crescente preocupação dentro dos museus é a importância da mediação entre o público e as exposições, e as atividades oferecidas por essas instituições. As diferentes perspectivas das ciências humanas afirmam que a sociedade tem necessidades de instâncias de mediação, que constituem os seus processos de socialização. Segundo Freire e Shor (1986): “a curiosidade, a percepção crítica dos alunos sobre a realidade são fundamentais para a transformação social, mas só isso, por si só, não é suficiente” (Freire & Shor, 1986, p. 178). Para que a transformação social comece a ocorrer necessitamos de ações mediadoras integradas a esse processo. Isto é, a mediação humana, a intervenção de outros sujeitos que promovam o diálogo e a problematização entre o público e o espaço expositivo (Freire e Shor, 1986).

Um aspecto importante na formação dos mediadores é a valorização do diálogo ao conversar com um público diversificado, e perceber a importância do papel de problematização, do estímulo à reflexão e ao pensamento crítico. O mediador precisa estar atento às falas e expressões de seu público no sentido de que essas informações são um acesso privilegiado as suas consciências (Freire & Shor, 1986). O mediador não é diferente apenas por sua formação, mas por que no momento da mediação, ele lidera um processo de reflexão que pode gerar transformações que possivelmente não

ocorrerem por si só. No diálogo estamos recriando nossos pensamentos na forma de palavras. O diálogo sela o ato de aprender que nunca é individual, embora tenha uma dimensão individual (Freire & Shor, 1986).

Segundo Massarani e Almeida (2008), cada espaço adota uma filosofia particular quanto à mediação, bem como estratégias diferenciadas para tal – e com relação à capacitação dos mediadores – ou mesmo opta por não incluir em sua dinâmica a mediação humana, um profissional que realize a mediação entre o espaço e o público. Nesses contextos diversos, o papel do profissional que realiza a mediação também muda de museu para museu. Até o próprio nome dado a esse profissional varia bastante: guia, monitor, mediador, facilitador, educador, animador, explicador, anfitrião, entre outros (Massarani & Almeida, 2008; Bell, 2008). Além disso, em determinados casos há distinção no papel desses profissionais de acordo com o nome que lhe cabe. De forma geral, dentro desta dissertação de mestrado, adotou-se o termo “monitor”, principalmente porque os sujeitos participantes desta pesquisa identificam a si mesmos dessa maneira. Monitor é entendido aqui como a pessoa que faz a mediação entre as atividades oferecidas em um museu ou centro de ciências e seus visitantes.

O ato de mediar é uma relação de troca, partindo sempre das necessidades do público. Os monitores participam a cada visita de uma experiência única, criada nas relações com pessoas também únicas, e devem possuir a habilidade de mostrar que a comunicação é um processo de criação conjunta de significados. Neste ponto, vale ressaltar a importância de considerar os conhecimentos prévios do público, formados através das experiências que lhe constituem enquanto seres biológico-culturais.

Pensar o papel do museu como uma instituição ou espaço físico mediador das formas simbólicas que constituem a identidade de uma determinada sociedade é dar relevância a uma de suas principais funções sociais, ou seja, portador da memória e patrimônio científico e cultural; assim, o sentido dado à mediação constitui uma das formas culturais de pertencimento e sociabilidade dos sujeitos favorecendo a transformação do público espectador em produtor de sua própria cultura. Mas o fato de pensar os museus enquanto mediadores não é privilégio dos tempos atuais (Cazelli et al, 2008).

Desde o século XIX (Cazelli et al, 2008), os museus de ciências naturais assumem essa preocupação na sociedade brasileira. Ao olhar para a prática dos museus de ciência desta época, percebe-se que eles estavam muito próximos da cultura letrada e eram tidos como lugares de onde se esperavam as soluções para os problemas nacionais. O museu, em sua característica pública, está encarregado de produzir informação e, ao mesmo tempo, difundi-la.

A partir destas colocações, consideramos que a mediação é um conjunto de experiências sociais e pessoais aplicadas às relações que se estabelecem nestes espaços. Para Garcia (2008), o processo de formação dos mediadores é muito importante, por representarem a voz da instituição, sendo também eles os coautores do processo de ensino-aprendizagem nos museus e centros de ciências. Entretanto, muitas vezes, é possível perceber proximidades e distâncias entre o discurso pretendido e o discurso real do museu, manifestadas na fala do mediador. Isso reforça a importância de maiores investimentos na formação desse profissional (Marandino, 2008).

Cazelli et. al (2008) acrescentam que entender a relação entre mediação e interatividade é uma premissa que surgiu mais fortemente com os centros de ciências e implica a necessidade da tomada de consciência de algumas condições de contorno que são intrínsecas a sua principal mídia de comunicação: a exposição. O leitor tem uma interpretação aberta, apesar de todo o esforço do autor em comunicar uma mensagem específica. A interatividade nestes espaços, apesar de sua diversidade de estratégias, consiste basicamente em possibilitar escolhas de exploração por parte do visitante. O mediador, mais do que nunca, deverá estar pronto para negociar e orientar o visitante a explorar as inúmeras possibilidades de significados advindos com a abertura favorecida pela interatividade. Portanto, a interatividade precisa ser mediada. Esta mediação deve também dar voz aos sujeitos envolvidos na ação, considerando seus saberes e reconhecendo-os como agentes capazes de construir e partilhar novos significados.

Entre os muitos papéis atribuídos aos monitores (Massarani e Almeida, 2008; Nascimento, 2008; Marandino, 2008; Brito, 2008; Lindegaard, 2008; Hakas, 2008; Bell, 2008, entre outros), destacamos principalmente o de estabelecer uma mediação entre o público e a exposição. Isso dá-se principalmente através da linguagem e da flexibilidade do monitor para tratar com os diferentes públicos que frequentam espaços de educação não formal. A função social do monitor é distinta daquela do professor, principalmente

pelo primeiro ter uma missão em relação à democratização do acesso a uma cultura científica, enquanto o segundo, na escola, possui uma responsabilidade institucional em relação ao conhecimento disciplinar das ciências. Desta forma, podemos considerar, ainda, três funções da mediação (Nascimento, 2008):

- 1) Ligação entre o sujeito e os objetos;
- 2) Transformação de significado atribuído pelos sujeitos a diferentes objetos;
- 3) Transformação de significados a partir de ações do sujeito sobre os objetos.

Sob nosso olhar, o monitor deveria escutar o público para incluir as opiniões, dúvidas e outros comentários deste, para incorporá-los em seu próprio discurso. Só o fato da presença do público em um museu de ciências indica uma pré-disposição para aprender e a abordagem do monitor fará toda diferença.

Levando em conta que o museu tem um papel e uma função educativa perante a sociedade, ressaltamos que é fundamental considerar a importância da mediação humana nos museus e centros de ciências. Os mediadores que compõem o corpo da instituição são aqueles que representam e comunicam as ideias e ações do espaço. O reconhecimento desses mediadores como parte essencial da instituição, e do seu papel transformador, os leva a um estágio de reconhecimento de território, que possibilita sua integração e assunção desse espaço como seu. Este termo está envolto por duas ideias principais: pertencimento e identidade.

Segundo Flores (2006), o conceito de território foi e é tratado por diferentes áreas científicas e culturais. Nas Ciências Naturais estabeleceu a relação entre o domínio de espécies animais ou vegetais com uma determinada área física. Incorporado à Geografia relaciona espaço, recursos naturais, sociedade e poder. E diversas outras disciplinas passaram a incorporar o debate, entre elas a Sociologia, a Antropologia, a Economia e a Ciência Política. No contexto deste trabalho, o conceito de território incorpora uma apropriação do espaço pela ação social de diferentes atores (Flores, 2006).

“O território surge, portanto, como resultado de uma ação social que, de forma concreta e abstrata, se apropria de um espaço (tanto física como simbolicamente), por isso denominado um processo de construção social.” Flores, 2006, p. 4.

Flores (2006) cita também que este espaço constitui-se num ambiente que apresenta processos associados à construção de identidade por meio das relações histórico-culturais.

“Nesse sentido, se percebe o território construído como um espaço de relações sociais, onde há o sentimento de pertencimento dos atores locais à identidade construída, e associada ao espaço de ação coletiva e de apropriação, onde são criados laços de solidariedade entre esses atores (BRUNET, 1990).” Flores, 2006, p. 5.

Segundo Zimmer (2004), é indispensável o encanto com o ato para que o significado da ação comece a brotar e assim impulsionar uma educação transformadora, do indivíduo e de sua forma de ser e estar no mundo. A conquista do território pode ser uma das formas de encantar-se, por aquilo que se faz, por aqueles com quem se convive ou se comunica. Encanto esse que carrega o significado e a semelhança a algo maravilhoso, de sedução, que fascina e que causa satisfação (Zimmer, 2004).

CAPÍTULO II. Outra proposta de olhar

Fenômeno social humano e sistemas sociais

O pensamento de Humberto Maturana e Ximena Dávila foi essencial para esta pesquisa. Nascido no Chile, Humberto Maturana tornou-se Ph.D. em Biologia pela Universidade de Harvard em 1958 e junto com Francisco Varela propuseram uma perspectiva biológica para o conhecimento. Nesse sentido, toda a argumentação que permeia este trabalho não é apenas filosófica, sociológica ou psicológica, mas essencialmente uma argumentação biológica, ou seja, observando os fundamentos mesmos de nossa existência como seres vivos.

Segundo Maturana (2002), nós, seres humanos, somos seres constitutivamente sociais: vivemos nosso ser cotidiano em contínua imbricação com o de outros. Ao mesmo tempo em que somos sociais, somos indivíduos: vivemos nosso ser cotidiano como um contínuo devir de experiências individuais intransferíveis. Assim, é possível afirmar que o ser humano individual é social, e o ser humano social é individual, e não existe humano fora do social. Para tornar-se humano é necessário crescer como tal, entre humanos. Cada vez que os membros de um conjunto de seres vivos constituem, com seu viver, uma rede de interações que opera para eles como um meio no qual eles se realizam como seres vivos e existem em uma co-deriva contingente com sua participação em tal rede de interações, temos um sistema social. Um sistema social no âmbito humano é o resultado inevitável das interações recorrentes entre seres vivos (Maturana, 2002).

Em cada sistema social se conserva a identidade da classe dos seres vivos que o integram. Assim, se os componentes de um sistema social são formigas, a identidade que se conserva na dinâmica estrutural do sistema social é a identidade formiga. Se os seres vivos componentes de um sistema social são médicos, a identidade conservada nos seres vivos componentes desse sistema social durante sua dinâmica estrutural é a de médicos. Por isso, nossa individualidade como seres humanos envolve a conservação de nossa vida na conservação de tantas identidades quantos forem os sistemas sociais aos quais pertencemos. Por isso mesmo, podemos deixar de pertencer a um ou outro sistema social sem necessariamente nos desintegrarmos como seres humanos (Maturana, 2002).

Nós, seres humanos, podemos ser membros de muitos sistemas sociais, simultânea ou sucessivamente. Basta que no processo de viver cheguemos a realizar as condutas próprias de cada sistema social no lugar oportuno. Assim, podemos ser de maneira imbricada, e sem contradições, membros de uma família, de uma comunidade religiosa, de um clube e de uma nação, através das distintas dimensões de nosso viver. Se ao realizar as distintas condutas próprias dos distintos sistemas sociais, não o fazemos envolvendo nossas vidas, mas apenas pretendemos fazê-lo, não somos seus membros, e estaremos imersos em suas respectivas tramas de conduta até que, ao sermos descobertos, sejamos expulsos como hipócritas ou parasitas.

Maturana (2002) acrescenta que cada sistema social particular, isto é, cada sociedade, se distingue pelas características da rede de interações que a realiza. Assim, por exemplo, uma comunidade religiosa, um clube e uma colmeia de abelhas, na medida em que são sistemas sociais, são sociedades distintas porque seus membros, ao integrá-las, realizam condutas distintas, os comportamentos adequados em cada uma delas são diferentes. Para ser membro de uma sociedade basta realizar as condutas que definem seus membros. Assim, se pertencemos a sociedades que validam com a conduta cotidiana de seus membros, por exemplo, o respeito aos mais velhos, a honestidade consigo mesmo, a seriedade na ação e a veracidade na linguagem, este será o nosso modo de sermos humanos e o de nossos filhos. Ao contrário, se pertencemos a uma sociedade cujos membros validam com sua conduta cotidiana a hipocrisia, o abuso, a mentira e o autoengano, esse será o nosso modo de sermos humanos e o de nossos filhos (Maturana, 2002).

Na história da humanidade, a formação de grandes comunidades, com a sobrecarga do meio natural que ela implica, priva cada vez mais os seres humanos de seu acesso livre aos recursos de subsistência de que eles necessitam e recai, necessariamente, sobre a sociedade enquanto sistema de convivência, a responsabilidade de proporcioná-los. Essa responsabilidade é frequentemente negada com algum argumento que põe o ser individual como contrário ao ser social, isso é falacioso. A natureza é, para o ser humano primitivo, o âmbito onde encontra à disposição tudo aquilo de que necessita se convive adequadamente nela. Para o ser humano moderno a sociedade é a natureza, que deve configurar o âmbito onde há tudo o que gera seu bem-estar como resultado de seu conviver nela. Isso, em geral, não ocorre

impedido pela alienação que geram o apego e o desejo de posse, alienação essa que transforma tudo, as coisas, as ideias, os sentimentos, a verdade, em bens adquiríveis, gerando um processo que priva o outro do que deveria estar à mão, como resultado de seu mero ser e fazer social. No apego, no desejo de posse, negamos o outro e criamos com ele um mundo que nos nega.

Os problemas sociais são sempre problemas culturais porque têm a ver com os mundos que construímos na convivência. Por isso, a solução de qualquer problema social sempre pertence ao domínio da ética, isto é, ao domínio da seriedade na ação frente a cada circunstância que deriva da aceitação da legitimidade de todo ser humano, de todo outro, em suas semelhanças e diferenças. O fundamento do fenômeno social é essencialmente ético. Isto é, a natureza íntima do fenômeno social humano está na aceitação e no respeito pelo outro, que está no centro do amor como fundamento biológico do ser social humano. E, por último, a harmonia social não surge da busca da perfeição a que convidam todos os fanatismos ideológicos, senão de estar disposto a reconhecer que toda negação, acidental ou intencional, particular ou institucional, do ser humano como o centro do fenômeno social humano, é um erro ético que pode ser corrigido somente se se quer corrigi-lo.

Segundo Maturana (2002), na medida em que um sistema social está constituído por seres vivos, são todos e cada um dos seres vivos que o integram os que de fato o constituem com seu modo de viver. Portanto, e constitutivamente, não há componentes supérfluos em um sistema social, já que, se um componente se perde, o sistema social muda. Devido à morte de seus componentes todo sistema social está exposto à mudança. Além disso, como as propriedades e características de cada ser vivo estão determinadas por sua estrutura, na medida em que as estruturas dos seres vivos que integram um sistema social mudam, mudam suas propriedades, e o sistema social que geram com as suas condutas também muda.

Dado que o sistema social é o meio no qual seus membros se realizam como seres vivos, esse sistema opera necessariamente como seletor da mudança estrutural de seus componentes e, portanto, de suas características. Sem dúvida, na medida em que são os componentes de um sistema social os que de fato o constituem e o realizam com sua conduta, são esses indivíduos que segundo seu viver selecionam as características dos componentes do mesmo sistema social que eles constituem. Toda sociedade é

conservadora de sua organização como tal sociedade, e das características dos componentes que a geram. Devido ao caráter conservador de todo sistema social, resiste-se a toda inovação social, ao menos inicialmente, e, às vezes, de maneira extrema (Maturana, 2002).

Os sistemas sociais são constitutivamente conservadores. Que isso ocorre no domínio social humano é evidente. Os membros de uma sociedade humana qualquer realizam essa sociedade com sua conduta, e com ela continuamente selecionam em seus membros, antigos e novos, essas mesmas condutas. Assim, por exemplo, em um clube, as condutas de seus membros definem o clube, eliminando dele todos aqueles que não têm as condutas apropriadas, e confirmando como membros todos aqueles que as têm, em circunstâncias que são condutas apropriadas aquelas com as quais eles mesmos, os membros do clube, definem o clube. O mesmo ocorre na família, nas comunidades religiosas, enfim, em qualquer sociedade humana.

A conduta social está fundada na cooperação, não na competição. A competição é constitutivamente antissocial porque, como fenômeno, consiste na negação do outro. Não existe a “competição sadia” porque a negação do outro implica a negação de si mesmo ao pretender que se valide o que se nega. A competição é contrária à seriedade na ação, pois aquele que compete não vive naquilo que faz, aliena-se na negação do outro (Maturana, 1998, 2002).

De todo modo, ainda que um sistema social seja constitutivamente conservador, todo sistema social está também em contínua mudança estrutural devido à, conforme já citado, perda de membros por morte ou migração, a incorporação de novos membros com propriedades além daquelas que são necessárias para sua incorporação, diferentes das dos outros membros e mudanças nas propriedades de seus membros, que surgem de mudanças estruturais não desencadeadas (selecionadas) por suas interações dentro do sistema social que integram, por interações fora dele, ou como resultado de sua própria dinâmica interna. Como toda sociedade se realiza na conduta dos indivíduos que a compõem, há mudança social genuína em uma sociedade somente se houver uma mudança genuína na conduta de seus membros. Toda mudança social é uma mudança cultural.

Na medida em que é a conduta individual de seus membros o que define um sistema social enquanto uma sociedade particular, as características de uma sociedade só podem mudar se a conduta de seus membros também for alterar-se. Além disso, as características dos membros de um sistema social podem mudar de maneira não conservadora se estes tiverem interações fora dele. Isso ocorre no domínio humano de duas maneiras: concretamente, por encontros fora da própria dinâmica do sistema social, em viagens, por exemplo, e por reflexões na linguagem. Os encontros fora do sistema social dependem da mobilidade de seus membros e da abertura destes para admitir tais encontros.

Em geral, os componentes de um sistema social podem fazer parte de outras interações além daquelas de que necessariamente devem participar ao integrá-lo, isto é, podem participar de interações fora do sistema social que constituem. Se, como resultado de tais interações, a estrutura dos componentes de um sistema social mudar, de modo que sua maneira de integrá-lo mude sem destruir sua organização, a estrutura do sistema muda, e aparece, para um observador, como sendo o mesmo sistema, porém constituído como uma rede de conduta diferente. O mesmo pode ocorrer com a incorporação, em um sistema social, de novos membros com uma história prévia de interações independentes dele.

Todo sistema social humano se funda no amor, que é a emoção fundante do humano, o amor é a abertura de um espaço de existência para o outro como ser humano junto a alguém. Se não há amor, não há socialização genuína e os seres humanos se separam. Uma sociedade na qual acaba o amor entre seus membros, isto é, a aceitação legítima entre seus membros, se desintegra. Somente a coerção de um tipo ou outro, isto é, o risco de perder a vida, pode obrigar um ser humano, que não é um parasita, à hipocrisia de conduzir-se como membro de um sistema social sem amor. Ser social envolve sempre ir com o outro, e se vai livremente apenas com quem se ama. Em última instância, não é a razão o que nos leva à ação, mas a emoção. Sempre que afirmamos que temos uma dificuldade no fazer, existe de fato uma dificuldade no querer, que fica oculta pela argumentação sobre o fazer. Assim, ao observar as atitudes de um indivíduo, conheceremos suas emoções como fundamentos que constituem suas ações (Maturana, 1998).

Segundo Maturana (1998, 2002), o amor é o fundamento do social, o que não significa que toda convivência seja social. O amor é a emoção que constitui o ato da aceitação do outro como legítimo outro na convivência, e é esse modo de convivência que ele se refere quando fala do social. Neste sentido, o amor é a emoção que funda o social e sem a aceitação do outro na convivência, não há fenômeno social. Tal aceitação se constitui numa chamada conduta de respeito, para Maturana, do contrário, o resultado é a separação ou a destruição. O amor é a condição necessária para a conservação da saúde física, comportamental, psíquica, social e espiritual do ser humano em qualquer fase do seu desenvolvimento.

A aceitação do outro no fenômeno social ocorre fundamentalmente na linguagem, e o cérebro é o órgão necessário para estar na linguagem, o que não implica que esta esteja no cérebro ou na estrutura do corpo, nem na gramática ou na sintaxe. Neste sentido, cada ser humano é único, pois o sistema nervoso de cada um percebe e interpreta o mundo de forma diferente e única a partir de si próprio (Maturana e Davila, 2009). Tudo que chega aos sistemas sensoriais de um indivíduo faz sentido para este de uma forma única, mesmo que tenhamos sensações parecidas em resposta ao mesmo estímulo. Cada um interpretará um determinado estímulo segundo o conjunto de experiências que marcaram o funcionamento, o operar de seu sistema nervoso. Todas estas experiências deixam marcas no ser humano através das emoções. Quando se diz que a memória ou qualquer outro ato humano é emocional implica que determinado fato ou situação foi captada pelo nosso sistema nervoso de forma que nos tocou, que em alguma medida nos alterou. As emoções são respostas biológicas que ocorrem, através de dinâmicas internas e externas do sistema nervoso central, como resposta a determinados estímulos (Maturana e Davila, 2009).

O central do fenômeno social humano é que ele se dá na linguagem, e o central da linguagem é que apenas nela se dão a reflexão e a autoconsciência. A linguagem retira a biologia humana do âmbito da pura estrutura material, e inclui nela o âmbito da estrutura conceitual ao tornar possível um mundo de descrições no qual o ser humano deve conservar seu viver. Assim, a linguagem dá ao ser humano sua dimensão espiritual na reflexão, tanto da autoconsciência quanto da consciência do outro.

Nosso viver humano ocorre num contínuo conviver no *linguajar*¹ entrelaçado com nossas emoções expressos em redes de conversações (Maturana e Dávila, 2009). Estes autores acrescentam que toda dor humana constitui-se em dores da alma e toda dor da alma surge do desamar que se vive ao não ser visto ou escutado, num conviver que nega o outro como legítimo outro na convivência. Essa dor e sofrimento surgem em redes de conversações fechadas de nosso conviver que negam e aprisionam nossa humanidade, por estarem centradas no medo, na insegurança, na desconfiança, no controle, na dominação e na subjugação. A dor mantida gera sofrimento, nosso viver cotidiano desta forma afeta nosso ser biológico, levando-nos a adoecer física e mentalmente.

A linguagem, manifestada em redes de conversações, pode caracterizar-se por um conversar doloroso (que nega o outro) ou por um conversar liberador (que aceita o outro como legítimo outro na convivência). Através de distintas condutas relacionais é possível distinguir as emoções envolvidas em nosso viver. Uma dessas classes de condutas relacionais pertencente ao conversar doloroso é a superficialidade, que se caracteriza por manter os padrões dados por uma determinada cultura sem refletir sobre estas ações e suas conseqüências (Maturana e Dávila, 2009). Outra classe de condutas relacionais do conversar doloroso é a certeza, que também se baseia na ausência de reflexão sobre seus atos, mas não por seguir os padrões impostos por um determinado grupo e sim por acreditar cegamente em seus próprios preceitos/ verdades, permanecer nessas certezas traz segurança. Assim torna-se mais confortável ao indivíduo manter-se na condição que se encontra do que arriscar-se, o ato de refletir e/ou agir para mudar sua condição lhe traz medo e insegurança, o que gera também um mal-estar físico e psíquico (Maturana e Dávila, 2009).

Dentro do conversar liberador, temos dimensões *psíquicas-relacionais-sensoriais-operacionais* que o tornam possível. Algumas dessas dimensões são o escutar – a si e aos outros -, o soltar as certezas e o ato de humildade, que implicam em escutar-se e escutar o que os demais têm a dizer desprendidos de suas próprias verdades e dispostos a refletir sobre o que está sendo dito sem expectativas nem exigências (Maturana e Dávila, 2009).

¹ Os termos em itálico dizem respeito à terminologia própria da obra de Humberto Maturana.

Em outras palavras, toda a nossa realidade humana é social, e somos pessoas, somente enquanto somos seres sociais na linguagem. O significativo da reflexão na linguagem é que ela nos leva a contemplar nosso mundo e o mundo do outro, e a fazer da descrição de nossas circunstâncias e das do outro, parte do meio em que conservamos nossa identidade e nosso viver. A reflexão na linguagem nos leva a ver o mundo em que vivemos, e a aceitá-lo ou rechaçá-lo conscientemente.

Tudo o que foi dito mostra que não existe, biologicamente falando, contradição entre o social e o individual. Ao contrário, o social e o individual são, de fato, inseparáveis. A contradição que a humanidade chega a viver neste domínio é de origem cultural. Para Maturana (2002), esse é o resultado de:

a) uma sobrecarga ecológica que produz e tem produzido, na história da humanidade, uma população humana sempre crescente, e que traz consigo a cegueira que gera a justificativa ideológica da competição pela sobrevivência;

b) a exclusão que toda sociedade faz de todo ser que não satisfaz as condições de pertinência que a definem, e que justificamos ideologicamente, apesar de sabermos, em uma reflexão íntima, que todos nós, seres humanos, como seres humanos somos iguais. Dessa maneira, haveria apenas uma saída: a estabilização e eventual redução da população mundial, e a inclusão efetiva de todo ser humano na mesma comunidade social.

Com já vimos, a estabilidade de um sistema social depende de que não se interfira com seu caráter conservador. Por isso, em todo sistema social humano, a busca da estabilidade social leva à, entre outros fatores, estabilidade na rigidez de condutas, por um lado, mediante a restrição às circunstâncias reflexivas, ao limitar os encontros fora do sistema social e reduzir a conversação e a crítica, e, por outro lado, mediante a negação do amor, ao substituir a ética, que é a aceitação do outro, pela hierarquia e a moralidade, dada pela imposição de normas de conduta, ao institucionalizar relações contingentes de subordinação humana.

Nesse sentido, uma distinção se faz importante no contexto dos sistemas sociais: as relações de trabalho são acordos de produção nos quais o central é o produto, não os seres humanos que o produzem. Por isso, as relações de trabalho não são relações sociais, pode-se criar vínculo entre indivíduos no ambiente de trabalho com os quais

possam se estabelecer relações sociais, mas as relações institucionais não se constituem em relações sociais. Que isso seja assim é o que justifica a negação do humano nas relações de trabalho: ser humano em uma relação de trabalho é uma impertinência. Que as relações de trabalho não sejam relações sociais torna possível a substituição dos trabalhadores humanos por autômatos, e o uso humano no desconhecimento do humano, que os trabalhadores que ignoram essa situação vivenciam como exploração (Maturana, 2002).

Sobre a experiência humana

Considerando o conjunto de experiências sociais que marcam o operar de um indivíduo, trazemos aqui o conceito de experiência definido pelo filósofo espanhol Jorge Larrosa (2001). A primeira importante distinção que se faz dentro de sua abordagem é a diferenças entre os conceitos “experimento” e “experiência”, conforme o Quadro 1:

Quadro 1: Diferenças entre experimento e experiência, segundo Larrosa (2001).

Experimento x Experiência	
✓ Repetível, testável;	✓ Singular, irrepitível;
✓ Planejável, calculável;	✓ Sempre havendo algo novo pela primeira vez, imprevisível;
✓ Antecipável, previsível, predizível;	✓ Algo que não se pode pré-ver nem pré-dizer.

Em nossa perspectiva, no museu de ciências pode haver tanto experiência como experimento, a depender da proposta do espaço. Mas Larrosa (2001, 2002) traz junto a esses conceitos de ‘experimento’ e ‘experiência’ os conceitos de ‘razão’ e ‘emoção’, já discutidos em alguma medida na abordagem de Maturana. O conceito de experimento relaciona-se à razão na medida em que ambos estão imbuídos de raciocínio lógico e, ‘experiência’ relaciona-se com emoção à medida que é necessário em ambos que se crie um espaço de aceitação do outro, mesmo que este não pertença *à priori* ao seu sistema social. Para Jorge Larrosa, quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos. Assim, o conceito de experiência é definido por

Larrosa como “aquilo que nos passa” (Larrosa, 2001, 2006, 2011), a seguir esta ideia será explicada:

- Aquilo: trata-se de um acontecimento, algo que está externo, que não depende do indivíduo em si, que não é uma projeção dele próprio. Larrosa chama isso de princípio da exterioridade, pois se trata, até então, de um elemento externo ao indivíduo. Ou ainda, de princípio de alteridade, por tratar-se de algo ou alguma coisa outra. Ou ainda princípio da alienação por ser algo alheio a nós, que não nos pertença.

- Nos: não que passe ante ou frente, mas que passe ao ou no indivíduo. O lugar da experiência somos nós. Larrosa chama esse de princípio da reflexividade pois considera que esse acontecimento provoca-nos uma saída de nós mesmos, de nossas ideias, sentimentos e princípios, e um retorno supondo que este acontecimento que se dá na experiência nos afeta. Chama ainda de princípio da subjetividade, pois toda experiência é subjetiva e o sujeito da experiência é sensível e vulnerável. E chama de princípio da transformação, pois esse sujeito sensível e vulnerável é um sujeito aberto à sua própria transformação e a transformação do outro.

- Passa: um passo, uma passagem, um percurso, um caminho, uma viagem. Uma saída de si para outra coisa. Aqui também se distinguem duas abordagens, sendo uma delas o princípio da passagem, onde o sujeito da experiência é como um território de passagem, uma superfície de sensibilidade, e o princípio da paixão, onde isso que nos passa, deixa-nos um vestígio, uma marca, um rastro, uma ferida.

Sendo que a experiência é, para cada um, de um modo único, singular, particular, própria. Neste sentido, Larrosa (2001, 2006) acrescenta que os seres humanos atualmente vivem em função da razão, repreendendo massivamente a emoção. Essa razão muitas vezes baseia-se pura e simplesmente no instinto de sobrevivência: trabalhar para comer e comer para trabalhar mais. Isto se torna cíclico, o ser humano não para mais para sentir, olhar, ouvir e até mesmo, dificilmente é capaz de enxergar o que está diante de seus olhos. Suas emoções são frias, é tudo tão automático que realizamos mil atividades e ao final de cada dia podemos dizer que passamos, a saber, coisas que antes, não sabíamos, que adquirimos mais informação sobre algo e ao mesmo tempo, nada nos aconteceu, nada nos tocou e continuamos os mesmos.

Esta sociedade, constituída sob o domínio da informação, é uma sociedade na qual a experiência torna-se difícil de ser vivida, ainda mais rara por causa do excesso de opinião. Além de outros fatores que causam a dificuldade para a experiência, podemos destacar a falta de tempo e o excesso de trabalho. O sujeito da experiência se define não por sua atividade, posição, imposição, oposição ou proposição, mas por sua passividade, receptividade, disponibilidade, abertura, por aceitar o outro como legítimo em um espaço de convivência sadia. Esses fatores quando fazem parte do sujeito da experiência permitem que este estabeleça uma relação entre o “eu e o outro”, o individual e o social e, a experiência muitas vezes une os seres humanos, por essa capacidade de acolher e aproximar as pessoas.

Resgatando o conceito ‘encanto’ (Zimmer, 2004) aliado ao conceito de ‘experiência’ (Larrosa, 2006), propomos um novo conceito chamado ‘experiências de encantamento’. Onde a experiência, esse ‘aquilo que nos passa’, é encantadora, pois envolve algo maravilhoso, um acontecimento fascinante.

Ao contrário do experimento, da lógica, da racionalidade, a experiência é singular, sempre havendo algo que ocorre pela primeira vez, mas ressaltamos que, assim como Maturana coloca em sua obra, a razão não exclui a emoção, e vice-versa, ambos são elementos constituintes dos seres humanos e coexistem no viver de suas dinâmicas de interações.

Paulo Freire destaca também a importância da linguagem e indica que o corpo das palavras opera como um simples portador do seu sentido e “sua compreensão consiste em obter esse sentido arrancando-o do corpo e abandonando depois o cadáver como letra morta inanimada. Uma palavra sem sentido é somente um corpo, uma palavra que não expressa nada, que não diz nada” (Freire e Shor, 1986, pg. 178).

Uma palavra com sentido favorece o ato de posicionar-se, e este é um ato político, não partidário, mas político no sentido de que é necessário que se conheça minimamente o fato em questão para que se seja possível pensar sobre o assunto e talvez criar então uma opinião sobre tal. Oferecer palavras sem sentido aos indivíduos é negar a possibilidade de reflexão. Em um espaço como o museu de ciências, a curiosidade, o questionamento, o olhar, o tocar e o sentir são fundamentais; funcionam como ganchos

para o desenvolvimento de uma postura política frente aos acontecimentos da sociedade que os cerca (Freire e Shor, 1986).

Assim, o espaço do museu deve possibilitar, em nossa perspectiva, a formação de um sistema social que dê abertura a um conversar liberador, reconhecendo os indivíduos participantes desta dinâmica e promovendo experiências de encantamento que permitam o diálogo com sentido entre os sujeitos. Desta forma, as pessoas podem refletir e assumir uma postura política transformadora diante da realidade.

Pergunta da pesquisa

A situação – problema deste trabalho surge a partir da observação do dia a dia laboral dos monitores de um museu de ciências. Frequentemente chegavam novos monitores ao espaço, especialmente no setor de física. A rotatividade no setor era alta e o número de monitores necessários neste espaço era o maior em relação a outros setores da instituição. Por vezes, chegavam monitores que não estavam preparados para trabalhar com a dinâmica e a abordagem que esse espaço requeria. Mas “de repente” algo acontecia e após algum tempo, uma transformação se dava no perfil daqueles monitores. Eles passavam a dominar os conteúdos, a falar em público e apresentar as atividades com uma maestria até então desconhecida. Na perspectiva do monitor, que experiências marcam sua passagem pelo museu de ciências? Esse é o objeto deste estudo, as experiências que os levaram a transformar-se.

Hipótese

A transformação que se dá na atuação de monitores de museus e centros de ciências é resultado de suas experiências durante o processo de mediação humana realizado nessas instituições, enquanto um movimento social de natureza biológico-cultural.

Objetivos

Objetivo geral:

- Estudar a compreensão dos monitores de espaços de educação não formal sobre sua atuação em museus e centros de ciências.

Objetivos específicos:

- Trazer as contribuições de Humberto Maturana e Ximena Dávila para entender a mediação em museus e centros de ciências.
- Identificar no discurso dos monitores elementos relacionados ao seu “encantamento” pelas atividades desenvolvidas nos museus e centros de ciências.

CAPÍTULO III. Desenho Metodológico

Referencial metodológico

Esse trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, por apresentar em seus dados: descrições, interpretações e análises de pessoas, locais e conversações. Optamos por uma análise qualitativa dos dados, visto que, tratam-se de opiniões, atitudes, sentimentos dos participantes da pesquisa (Bogdan & Biklen, 1994). Além dos resultados apresentarem um difícil tratamento estatístico, neste tipo de investigação o principal instrumento de coleta de dados é o próprio pesquisador. Para McDaniel & Gates (2003), essa abordagem deriva dos estudos do historiador Giambattista Vico que, em meados do século XVIII, registrou que somente pessoas podem entender pessoas.

Considerando os objetivos desta pesquisa, optou-se por utilizar a metodologia de grupo focal para a coleta de dados. O grupo focal teve início na década de 1980, em terapias de grupo conduzidas por profissionais da área de psiquiatria. O objetivo deste método é ouvir e interpretar o que as pessoas têm a dizer livremente sobre algo e o por que. Isto que o diferencia de uma entrevista: não há perguntas diretas nem respostas certas ou erradas, as pessoas estão livres para dizer e expressar o que sentem. Desta forma, procura-se fazer com que as pessoas explorem ao máximo as possibilidades do assunto em questão e a dinâmica do grupo tende a facilitar este movimento. Essa facilitação deve-se ao diálogo gerado mesmo diante de divergências de opinião e dos diferentes pontos de vista sobre um mesmo objeto. Os resultados, neste caso, contribuem de maneira mais rica e profunda com a pesquisa do que as entrevistas individuais. Os trabalhos de McDaniel & Gates (2003), Neto, Moreira & Sucena (2002) e Aschidamini & Saupe (2004), por exemplo, fazem uma cuidadosa revisão e descrição da metodologia de grupo focal como ferramenta de pesquisa.

Esta metodologia, a depender dos objetivos de pesquisa, considera um número variável de 4 a 12 pessoas (McDaniel & Gates, 2003; Neto, Moreira & Sucena, 2002 e Aschidamini & Saupe, 2004) discutindo profundamente um determinado assunto, tópico ou conceito. No entanto, não existe um número ideal de participantes, mas quanto maior o grupo, menos tempo de fala tem cada um dos participantes. Assim deve-se observar o objetivo da pesquisa, os pontos a serem abordados e o número de participantes, para

então definir a quantidade de encontros necessários para atender todas as questões a serem abordadas. Desta forma, segundo estes mesmos autores, descrevemos a seguir as funções de alguns membros do grupo focal:

Mediador: deve estar presente do início ao fim do encontro e interagir com os participantes do grupo a fim de gerar um ambiente propício para o diálogo, controlando o tempo e a comunicação adequada de todos na discussão;

Relator: registra a linguagem não verbal de todos os participantes, inclusive do mediador; por exemplo, tons de voz, expressões faciais e gesticulação;

Observador: analisa e avalia o processo de condução do grupo, a compreensão, a integração e a liberdade de expressão dos participantes diante do mediador e a forma como os diversos participantes conduziram suas funções no grupo focal;

Operador de gravação: responsável por controlar o equipamento de gravação durante toda a duração do grupo focal;

Transcritor de fitas: transcreve todo o material de áudio gravado. Função de extrema importância, que, em caso de falha, pode alterar os dados. A transcrição deve ser a mais literal possível, todos os erros, as pausas e vícios de linguagem devem ser mantidos;

Digitador: tem a função de colocar em um *software* apropriado todas as anotações realizadas pelos profissionais que conduziram e observaram o grupo;

Esta distribuição de funções é colocada para a realização de um grupo focal ideal, mas as condições em que os mesmos são realizados nem sempre seguem estes padrões já que os papéis e as funções podem sobrepor-se.

Para análise dos dados gerados a partir da transcrição do grupo focal, optamos pela análise textual discursiva, na qual seu objetivo principal é a compreensão, o ato de fazer emergir sentidos e significados dos dados em questão. Segundo Moraes (2003), o material analisado é chamado de *corpus* e, nesse caso, foram produzidos especialmente para esta pesquisa, não se constituindo em documentos pré-existentes. O *corpus* constitui-se num conjunto de significantes, onde o pesquisador atribui, a este, significados segundo seus conhecimentos e teorias. Mas exige também do pesquisador

que assuma autoria dos textos que constrói a partir de suas análises. Este tipo de análise divide-se nas seguintes etapas (Moraes, 2003; Moraes e Galiazzi, 2006):

1ª Desmontagem do texto, que compreende, por sua vez:

- a) Um processo de leitura e significação do *corpus*, considerando que toda leitura já é uma interpretação e que não existe uma leitura única e objetiva. É também um esforço de exercitar a leitura a partir da perspectiva do outro, imprimindo as próprias ideias e teorias sustentadas pelo autor do trabalho. Toda leitura é realizada a partir de uma perspectiva teórica, seja esta consciente ou não.
- b) A desconstrução e unitarização do *corpus* dão-se na fragmentação dos textos e separação dos trechos em unidades de análise, também denominadas unidades de significado ou de sentido. Posteriormente faz-se a reescrita das unidades de análise de forma que cada uma assuma um significado a partir do contexto de sua produção e enfim, a nomeação de cada uma delas.
- c) Esse processo exige envolvimento e impregnação intensos do *corpus* de análise, visando à produção de compreensões aprofundadas, sempre com muito rigor em todo o processo analítico.

2ª Estabelecimento de relações: o processo de categorização das unidades de análise levantadas anteriormente.

a) Processo de categorização

É um processo de constante comparação entre as unidades resultantes da primeira etapa de unitarização, que visa reunir os elementos semelhantes, além de nomear e definir as categorias. Para chegar às categorias na análise textual há diferentes metodologias:

- I. Método dedutivo: um movimento do geral para o específico. Implica construir categorias a partir das teorias que sustentam o trabalho de pesquisa antes mesmo de examinar o *corpus* de textos. As categorias são vistas como “caixas” nas quais unidades de análise serão depositadas.

- II. Método indutivo: resultam nas chamadas categorias emergentes, pois surgem a partir da leitura do *corpus*, na organização das unidades de análise com elementos semelhantes entre si.
- III. Método misto (dedutivo/ indutivo): partindo de categorias definidas a partir das teorias que sustentam a pesquisa, o pesquisador adequa as mesmas de acordo com as informações contidas no *corpus* de análise (Moraes, 2003).
- IV. Método intuitivo: as categorias aqui produzidas surgem de inspirações repentinas, *insights* do pesquisador a partir de uma intensa impregnação e envolvimento com o *corpus* de análise.

Contudo, Moraes (2003) complementa que tanto o método dedutivo como o indutivo ainda exigem em alguma medida certo grau de intuição, pois é daí que surgem novas compreensões para os fenômenos investigados.

b) Propriedades das categorias

Uma dessas propriedades é a questão da validade ou pertinência de uma categoria, que é expressa quando a categoria representa adequadamente as informações categorizadas e os sujeitos-autores dos textos analisados sentem-se contemplados nas descrições e interpretações realizadas. Outra coisa, é que um mesmo dado pode ser contemplado em mais de uma categoria, visto que há múltiplas leituras de um texto dependendo do foco em questão. Esse movimento pode levar a compreensões mais holísticas e globalizadas da situação pesquisada.

c) Categorização e teorias

Uma premissa importante é que toda categorização implica em uma teoria e não assumindo nenhuma teoria específica *a priori*, as categorias resultantes são consideradas emergentes. Entretanto, mesmo tendo suas ideias sustentadas em uma teoria, o pesquisador precisa assumir-se autor de seus próprios argumentos.

d) Produção de argumentos em torno das categorias

Definidas e descritas as categorias a partir dos elementos que as constituem, inicia-se a construção de um metatexto, um processo de explicitação das relações existentes entre as categorias na intenção de interligá-las e propiciar o entendimento do todo. O metatexto constitui-se num conjunto de argumentos descritivo-interpretativos capaz de expressar a compreensão atingida pelo pesquisador a partir do *corpus* de análise.

3ª Captando o novo emergente: expressando as compreensões atingidas.

Para elaboração dos argumentos que irão compor o metatexto, o pesquisador precisa afastar-se dos dados que analisa e dos resultados parciais já atingidos e examinar o texto com um olhar mais abrangente, distante dos textos já analisados.

Sempre que nos expressamos, seja como for, nossa expressão é fortemente carregada de nossas teorias e visões de mundo, do que somos. Assim não é possível expressar-se de forma neutra, estamos sempre a interpretar um evento a partir de nós mesmos. Mas é importante ressaltar que contrastar as interpretações com teorias já existentes ancoradas com argumentos extraídos do *corpus* de análise são formas de validar a pesquisa.

Essa produção textual na forma de um metatexto e a compreensão do material analisado se tornam cada vez mais claros à medida que o pesquisador faz um movimento de vai e volta ao texto. Outro elemento que surge nesse processo é a teorização, que se propõe a construir novas teorias a partir do *corpus* de análise ou a ampliação de teorias já existentes.

4ª Auto-organização: um processo de aprendizagem viva.

O desafio desta última etapa está em tornar elementos até então não compreendidos em algo compreensível, com um texto atraente e de qualidade que comporá a análise textual discursiva (Moraes, 2003).

Procedimentos metodológicos

O convite e a adesão para participação na pesquisa

Utilizando a rede de contatos pessoais da pesquisadora, no dia 26 de janeiro de 2013, foram contatadas 15 pessoas que possuíam alguma experiência com educação não formal, consultando-os sobre uma possível participação num grupo focal dentro do referido trabalho de pesquisa. Até o dia 10 de fevereiro, recebemos cinco respostas afirmativas, sendo que mais duas pessoas convidadas compareceram no dia da atividade, mesmo não confirmando anteriormente. A partir destas sinalizações, foi confirmado o dia e horário de realização do GF.

Caracterização dos participantes do GF

Dentre os sete participantes do grupo focal, havia quatro homens – Isaque, Jorge, Gustavo e Rafael - e três mulheres – Eliana, Joana e Juliana² - todos possuíam formação superior e alguma experiência com educação não formal, idades entre 21 e 31 anos, solteiros, sem filhos. A tabela 1 apresenta algumas informações em detalhe:

Tabela 1: Caracterização dos participantes do GF

Nome fictício	Eliana	Isaque	Jorge	Gustavo	Joana	Rafael	Juliana
Idade	21	24	25	31	24	30	24
Formação	LCN 4º ano	LCN concluída	LCN concluída	Biologia concluída	LCN concluída	LCN 3º ano	LCN 6º ano
Instituição	Feira de ciências no Cientec	Estação Ciência	Estação Ciência	Museu biológico do Instituto Butantã	Catavento Cultural e educacional	Estação Ciência	Estação Ciência e Parque Cientec
Tempo de atuação	1 mês	20 meses	2 meses	24 meses	12 meses	10 meses	25 meses

Como se pode observar, dentre os sete participantes, apenas um é biólogo, todos os demais são formados ou estão cursando LCN. O curso de LCN é um dos dez oferecidos entre as graduações da EACH-USP, *campus* inaugurado com sua primeira turma de alunos ingressantes no ano de 2005. A proposta da implantação desse *campus* na zona leste da cidade de São Paulo visava atender à população de uma das regiões

² Nomes fictícios

mais carentes da cidade e aumentar o acesso à universidade pública. Além disso, esse *campus* traz uma proposta curricular diferenciada, onde no primeiro ano (1º e 2º semestres) todos os cursos têm uma grade de disciplinas comuns que o compoem o chamado “Ciclo básico”. É um momento muito rico da graduação, visto que alunos de diferentes cursos, com diferentes interesses se encontram e trabalham juntos.

O curso de LCN tem duração de quatro anos e forma professores de Ciências do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, estando aptos também a lecionar em certas disciplinas do Ensino Médio devido à carga horário das matérias específicas do curso. Segundo dados das comissões internas do próprio *campus*³, LCN é, desde seu início, o curso com menor relação candidato/vaga e o que apresenta o maior índice de alunos considerados de baixa renda.

Com relação às instituições em que os monitores trabalharam, o Espaço Catavento Cultural e Educacional é o mais novo deles, inaugurado em 2009. O Catavento fica localizado no centro da cidade de São Paulo e é um dos espaços de divulgação científica mais visitados atualmente, tendo um número de quase 2 milhões de visitantes em cerca de 4 anos. Possui 4 sessões chamadas ‘Universo’, ‘Vida’, ‘Engenho’ e ‘Sociedade’. Visto os conteúdos abordados nas citadas sessões, os estudantes de LCN têm a possibilidade de atuar em todas elas, com algumas restrições apenas para a Sessão Sociedade, mas que também apresenta conteúdos das áreas de ecologia, química e nanotecnologia, por exemplo, que dão total abertura de atuação aos estudantes do curso de LCN. Devido a sua estrutura hierárquica, no ato da contratação, os monitores são alocados numa área específica, não podendo transitar entre elas, mas, como já dito, os estudantes de LCN podem ser contratados para quase todas as áreas.

Já a Estação Ciência hoje se encontra fechada ao público devido a obras de reforma estrutural. Esse já foi um espaço de referência em educação científica não formal, com cerca de 400 mil visitantes/ ano, mas passou e tem passado por diversas gestões, mudanças e reestruturações até chegar ao momento atual. Nesse espaço, os monitores eram alocados em áreas específicas, mas tinham uma liberdade maior de transitar entre as áreas, o que possibilitava um aprendizado e compartilhamento mais amplo entre os monitores. Nesse caso, LCN podia atuar em todas as áreas, sem exceção.

³ Dados obtidos do documento “EACH em números: graduação”. Disponível em: <<http://each.uspnet.usp.br/site/download/each-numeros-graduacao-2012.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2013.

No Parque Cientec os monitores contratados podem atuar em todas as áreas do parque. Não há um treinamento específico, os monitores mais velhos orientam os mais novos e os estudantes de LCN têm total abertura de atuação nesse espaço, mas sua localização na cidade não é tão acessível quanto os dois anteriores.

Por último, a mais antiga dentre as instituições citadas neste trabalho, como espaços onde os monitores que participaram desta coleta de dados atuaram, o Museu Biológico do Instituto Butantã, inaugurado em 1968. Esta instituição recebe em seu quadro de monitores principalmente biólogos e logo após a criação do curso na capital, os estudantes de LCN. Tem uma ação educativa conjunta com o Museu de microbiologia e o Museu histórico do Instituto Butantã. Tem uma abordagem mais direcionada se comparado às instituições anteriormente apresentadas, além de uma melhor organização em relação às ações educativas dos espaços.

Caracterização do GF

Considerando o número de pessoas do grupo, sete, e os objetivos da pesquisa, optamos por manter apenas um encontro de 3 horas de duração e abordar os tópicos de interesse do trabalho, descritos no *roteiro de debate* (Apêndice 1), através de 3 momentos, como se segue:

1º momento: foi utilizado o excerto de um texto de Jorge Larrosa (2011) com o intuito de promover uma reflexão sobre a identidade de cada participante. A proposta era pensar sobre o que nos passa diariamente, o contato com outras pessoas ou com as notícias, por exemplo; uma exteriorização do processo inconsciente de construção da identidade do sujeito;

2º momento: aqui outro trecho de texto, também de Larrosa, foi utilizado com a finalidade de que os participantes se dessem conta de algumas atitudes próprias e dos outros, ações individuais que afetam o coletivo, e dialogassem sobre isso;

3º momento: o texto utilizado trazia uma frase de Moacir Gadotti para discutir o que eles entendiam como a prática de mudar mundos, uma proposta de pensar no coletivo principalmente.

Assim, no dia 20 de fevereiro de 2013 foi realizado o grupo focal nas dependências da EACH-USP. Na oportunidade, além dos 7 voluntários, compareceram

um relator, um observador e o operador de gravação. Em uma sala ampla com cadeiras, foi montado um semicírculo onde todos podiam ver-se mutuamente e de forma que a câmera pudesse captar todos os gestos dos participantes ao falar. Também foi montada uma mesa com doces, salgados e bebidas para favorecer o clima de diálogo e descontração. O grupo foi realizado num ambiente de cordialidade, onde lhes foi explicado o intuito da pesquisa e que tipo de coleta de dados se daria naquele momento. Em seguida, os participantes preencheram o *termo de consentimento de participação em pesquisa* (Anexo 1). O intuito inicial era que a atividade durasse 2 horas, no entanto, o grupo focal estendeu-se por 3 horas e 20 minutos de maneira confortável. Posteriormente, o material gravado foi encaminhado para análise a um serviço especializado de transcrição.

De posse do material transcrito (Anexo 2), iniciamos a análise dos dados. Foi realizada uma primeira leitura do material para detectar possíveis equívocos na transcrição e já estabelecer alguns parâmetros a partir das falas dos participantes. Muitas leituras do texto foram realizadas de modo a compreender o que estava dito na fala dos participantes e de alguma maneira relacionar esta com a visão dos autores do referencial teórico. Esta foi uma análise dedutivo-indutiva de acordo com Moraes (2003), que buscou identificar possíveis unidades de sentido e posteriormente categorizá-las segundo o referencial teórico.

Processo de categorização

As categorias que se apresentam nesta pesquisa emergiram principalmente do *corpus* analisado aportado pelo referencial teórico. Inicialmente tínhamos 10 categorias, conforme o Quadro 2. Após a separação dos respectivos trechos que compunham cada categoria, percebemos que muitos desses trechos encaixavam-se simultaneamente em mais de uma categoria.

Quadro 2. Categorias que emergiram inicialmente da análise

Número associado	Nome da categoria
1	Território
2	Ruptura e continuidade
3	Negação e/ ou aceitação do outro
4	Ação do monitor
5	Papel de morte

6	Domínio e articulação dos saberes
7	Monitor como propositor de currículos
8	Experiências de encantamento
9	Transformação pessoal e coletiva
10	Fenômeno social humano na linguagem

Ao reduzir a repetição de alguns trechos e entendendo que o trabalho tem em si uma circularidade na qual os trechos realmente cabem em diferentes categorias, observamos que algumas categorias tinham pouquíssimas falas a serem analisadas. Além disso, estabelecemos uma sequência entre as categorias, de forma que uma completa a outra e todas se encontram inter-relacionadas.

Desta forma, algumas categorias sofreram uma fusão, foram elas ‘Ação do monitor’ e ‘Papel de morte’ formando ‘A ação do monitor e seu papel de morte na formação do público’ e as categorias ‘ Domínio e articulação dos saberes’, ‘Monitor como propositor de currículos’ e ‘Território’ que formaram mais que uma categoria, constituindo-se num Domínio que incorpora em si todas as demais categorias, porém não as excluindo, chamado então ‘LCN: um processo de conquista de território’. Ao longo da análise ainda é possível verificar alguns trechos que se repetem, mas entendemos que estes têm igual importância em ambos os momentos e não seria válido excluí-los de tais categorias.

CAPÍTULO IV. Outro olhar sobre as palavras ditas

Resultados e discussão

O desenvolvimento do presente trabalho passou por diversas etapas de amadurecimento. A primeira coleta de dados realizada em maio de 2011 utilizou-se da metodologia de entrevista, um questionário foi elaborado e apenas uma pessoa foi entrevistada. Isso foi suficiente para perceber as limitações desta metodologia perante aos objetivos do trabalho: questões muito diretas e com pouco sentido prático para o entrevistado, além de um roteiro longo e repetitivo que pouco contribuiu para uma análise mais profunda das respostas obtidas.

Na segunda coleta de dados optou-se pelo GD e visto os resultados, também se verificou que ainda não contemplava uma profundidade suficiente na discussão dos pontos propostos. Foram dois encontros, num deles compareceram três pessoas e, praticamente, apenas dois falavam e no outro encontro compareceu apenas uma pessoa, o que caracterizou este último como uma entrevista. Analisou-se também que entre os voluntários deste grupo, um deles tinha menos de um mês de experiência direta como monitor de espaços de educação não formal, assim contribuiu pouco para a discussão, o que acabou gerando falas espaçadas e superficiais sobre os pontos levantados. E o roteiro, apesar de menos diretivo que o utilizado na entrevista da primeira coleta de dados, ainda era composto por um número alto de questões (12) muito direcionadas.

A seguir apresentamos os registros dos diferentes atores que participaram do grupo focal que originou os dados analisados neste trabalho.

Comentários do pesquisador sobre a realização do GF

Segundo a observação realizada durante o GF, este apresentou dois momentos bem demarcados:

1º momento: envolvimento parcial do grupo

Neste momento, parte das pessoas se mostrou fechada à discussão enquanto que outra parte se posicionou mais abertamente para expressar suas ideias, colocando os diversos pontos que pensavam ter relação com o assunto. Um dos participantes indicou várias vezes que a discussão estava fugindo do tema proposto por abordar questões

sociais. No entanto, em um grupo focal, independente do assunto tratado na discussão todas as discussões são relevantes, inclusive de questões sociais.

2º momento: envolvimento total do grupo

Conforme o andamento da discussão, o grupo focal chegou a um segundo momento em que todos os participantes falavam de maneira livre sobre o tema. Isso se evidencia ainda mais numa situação curiosa que ocorreu neste momento: o funcionário da universidade que fazia a filmagem do grupo focal, pediu a palavra para expressar também suas ideias e emoções a respeito do tema discutido no trabalho em questão. Ele destacou a relevância deste tipo de discussão dentro dos limites da universidade. Após vários minutos de exposição, retomou-se a gravação e a continuidade da discussão entre os participantes do GF.

Para o fechamento do grupo focal, os participantes expressaram como se sentiram durante a atividade. Alguns indicaram estranhamento com tal metodologia, devido à liberdade gerada na discussão; mas que no decorrer desta ficaram mais à vontade. Comentaram sobre a dificuldade que é uma discussão em grupo, pela forma como falam que pode, ou não, ser impositiva, o receio de como o outro pode receber sua fala, mas também da necessidade de mais diálogos como esse no dia a dia acadêmico e social, em geral.

Em uma primeira análise da atividade realizada *in loco*, percebeu-se que o roteiro foi adequado para gerar os três momentos que foram propostos. Inicialmente, os sujeitos tinham uma fala bastante individualista, respostas genéricas e padronizadas. Posteriormente, a discussão revelou uma reflexão mais profunda e uma tomada de consciência coletiva, fundamental no âmbito deste trabalho.

Comentários do observador sobre a realização do GF

Dentre as anotações do observador, há algumas indicações de que no início, com a apresentação do primeiro momento, o grupo precisou de algum tempo para entender na prática a proposta da metodologia. Ele nota que de início a discussão gira em torno do museu, mas que junto a este, outros elementos começam a surgir, tais como questões sociais, políticas e econômicas.

O observador descreveu também que no grupo questionou-se a função do museu perante todas as dissonâncias sociais com as quais os participantes revelaram conviver diariamente. Um deles citou a necessidade de se partir de um ideal, de um mundo ideal, no qual todas essas dissonâncias não interferissem nas atividades diárias. Neste ponto, o observador percebeu que os próprios colegas discordaram alegando que tudo está interligado e as coisas não funcionam de forma independente.

No segundo momento, os participantes iniciaram uma jornada mais direcionada ao indivíduo, enquanto um corpo constituído de sentimentos e emoções; e ao mesmo tempo cegos frente aos acontecimentos e informações que os atravessam diariamente. Neste momento, o museu ficou apenas nas entrelinhas e o indivíduo em destaque. No terceiro e último momento, volta-se ao coletivo e o museu é reconhecido como parte da mudança necessária no mundo.

Análise do *corpus* produzido na transcrição da discussão do GF

Dentre os domínios de aprendizagem abordados por Braund & Reiss (2004), isto é, cognitivo, afetivo e psicomotor, neste trabalho de pesquisa, damos especial importância ao domínio afetivo. Nessa perspectiva, consideramos que o domínio afetivo permeia todas as relações que se estabelecem no museu. Humberto Maturana & Ximena Dávila (2009) defendem que as emoções, que se encontram dentro do domínio afetivo de aprendizagem (Braund & Reiss, 2004), são biológicas e culturais.

As categorias emergentes na análise do *corpus* desta pesquisa foram elaboradas a partir da leitura cuidadosa da transcrição dos dados e da vinculação das ideias dos participantes com o referencial teórico. Trazemos aqui as categorias produzidas a partir da leitura do *corpus*, por meio da análise textual discursiva (Moraes, 2003).

Categorias obtidas à partir da análise do *corpus*:

Consideramos o *corpus* deste trabalho, na perspectiva de Moraes (2003), como o conjunto de todo o material a ser analisado, neste caso corresponde à transcrição das falas do GF. Para cada uma das categorias foram selecionados trechos do *corpus* que as ilustram complementados pela abordagem teórica que desenvolvemos ao longo deste trabalho. Desta forma, a continuação, indicamos cada uma das categorias de análise

criadas no Quadro 3, sendo que todas estas aparecem no Domínio de análise que intitulamos “LCN: um processo de conquista de território”.

Quadro 3. Lista das categorias utilizadas para análise do *corpus*

Número da categoria	Título
1	Fenômeno social humano na linguagem
2	Ruptura e continuidade
3	Negação e/ou aceitação do outro
4	Experiências de encantamento
5	Transformação pessoal e coletiva
6	A ação do monitor e seu papel de morte na formação do público

A seguir apresentamos primeiramente este Domínio que emergiu dos dados a partir da análise do *corpus* e em seguida a seis categorias descritas acima.

Domínio: “LCN: um processo de conquista de território”

Esta categoria surge para suscitar questões que afloraram durante o grupo focal, relacionadas especificamente ao curso e aos alunos de Licenciatura em Ciências da Natureza. O grupo focal que deu origem aos resultados aqui apresentados teve a participação quase que exclusiva de alunos do curso de LCN. O nome da categoria se deve ao fato de que LCN é um curso novo na USP, criado junto ao novo *campus* da universidade instalado na zona leste da cidade de São Paulo. Um curso que visa a formação de professores de Ciências e, desde 2005, em sua implantação, é um dos menos procurados entre as carreiras do vestibular. Como foi criado para formar professores de Ciências de 6º ao 9º ano (antigos 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental), esses profissionais atuavam na mesma área em que hoje atuam professores com formações específicas em Biologia, Química, Física ou Matemática, entre outros. Desde a conclusão do curso pelos alunos da primeira turma, ou até mesmo antes disso, tem-se enfrentado um processo de construção diária de identidade para conquista de espaços de atuação que até então não conheciam esses profissionais.

Dado este panorama para justificar esta categoria, voltamos ao grupo focal, onde num dado momento, a pesquisadora propôs uma discussão sobre a prática de mudar de mundos e questionou a posição dos participantes quanto a esta possibilidade. Como primeira resposta a esta proposta, Rafael traz um comentário que surgiu a partir de uma brincadeira entre os monitores da Estação Ciência, ambiente onde trabalhava como monitor, a respeito dos alunos de LCN.

“Na verdade, isso é... revolucionário. Revolucionar o mundo. Foi uma brincadeira que o pessoal sempre fala lá na Estação Ciência. O pessoal de LCN tá conquistando o mundo começando pela Estação Ciência, porque lá a maioria do pessoal que está lá é de LCN. Quando o pessoal de LCN chega lá, consegue fazer tudo.”

Rafael

Quando Rafael diz que LCN consegue fazer tudo, ele refere-se à abordagem dos conteúdos no espaço da Estação Ciência, assim como em outros espaços. Devido à abordagem interdisciplinar que os alunos recebem no curso de LCN, a princípio, eles possuem a bagagem necessária para atuar em qualquer área científica dentro dos museus e centros de ciências, além dos conteúdos educacionais relacionados às disciplinas pedagógicas, como o próprio Rafael reforça no seguinte parágrafo.

“Eu falo isso, porque a abordagem do pessoal que faz licenciatura e bacharel é bem diferente. Agora eu estou ajudando a treinar uns estagiários. Então, a abordagem deles é diferente. Um chegava assim: ‘Eu sou bacharel em física, não sei o quê... e eu faço bacharel porque não gosto de dar aula.’ Foi mandado embora. Mas a visão de quem faz LCN e quem faz bacharel em física, bacharel em matemática e até mesmo quem faz licenciatura, é diferente. Apesar que agora eles estão

dando preferência pra quem faz LCN. Eu indiquei nove alunos de LCN e pegaram os nove. É uma abordagem legal, porque antigamente não se dava valor à licenciatura. E hoje, pelo menos nos museus de ciências onde eu passei, isso está diferente. Como acontece na Estação Ciência, eles estão dando preferência pra quem faz licenciatura.”

Rafael

De modo a entender melhor, na visão dos próprios participantes da pesquisa, esta preferência pelos alunos de LCN, citada por Rafael, a pesquisadora questiona a diferença do aluno de LCN atuando em museus e centros de ciências, e a resposta segue:

“A pessoa é bacharel em física, vai para a área da física. É bacharel em matemática? Vai pra área de matemática. LCN? Por exemplo, eu apresento onze áreas diferentes. Então é assim. Não quer apresentar? Chama o pessoal de LCN. Eles apresentam tudo. Eles sabem tudo.”

Rafael

Isso revela que o domínio e a articulação dos saberes sobre ciências deste grupo fazem uma grande diferença na mediação destes espaços, visto que a mediação somente se concretiza na medida em que os monitores se apropriam do discurso da ciência expresso no museu (Moraes et al., 2007). A formação em LCN não visa formar especialistas em geologia, química ou física, por exemplo, mas de fato uma formação de professores de ciências capazes de articular os conhecimentos de diferentes áreas científicas para lecionar no ensino fundamental, podendo estender esta habilitação às disciplinas específicas do ensino médio.

Um biólogo, a exemplo do único indivíduo que participou deste grupo focal que não era de LCN, provavelmente teria mais dificuldade com os conteúdos do 6º ano (antiga 5ª série) relacionados ao universo, se comparado aos licenciados em ciências naturais, pois este é um conteúdo que não é obrigatório na graduação em biologia, mas compõe a grade de disciplinas obrigatórias dos estudantes de LCN. Quando os alunos de LCN chegam ao museu ou centro de ciências já têm uma noção dos assuntos apresentados nestes espaços. Neste sentido, a partir deste grupo focal percebemos um esforço para atender todas as demandas, então estes monitores colocam-se sempre dispostos a apresentar qualquer que seja a área dentro de museus e centros de ciências. Quando não sabem determinado conteúdo, pedem ajuda aos colegas especialistas e/ou estudam por conta própria, como indica o excerto abaixo:

“Eu cheguei lá e não sabia nada. Fui aprender. Então tem gente não queria me ensinar. Peguei na internet, em livro e hoje apresento onze áreas e dou treinamento lá pro pessoal. Então é assim: a gente precisa de dez monitores, vamos contratar dez monitores, mas a gente quer o pessoal de LCN, porque o pessoal de LCN... Eu indiquei nove pessoas, pegaram as nove.”

Isaque acrescenta ao discurso de Rafael que, segundo sua visão, os interesses dos alunos de LCN são diferentes dos demais, que o curso de LCN pode ter uma preocupação maior com a questão do ensino-aprendizagem, como quando Rafael citava a questão do diferencial da licenciatura.

“Eu acho que é porque a preocupação de LCN é mais de educação mesmo. Os outros querem trabalhar. Querem seguir na própria área, seguir área acadêmica, biologia, física, enquanto LCN tem interesse de ensinar.”

Isaque

Em seguida, Juliana acrescenta a esse discurso que existem outros elementos que diferenciam a formação e a atuação dos licenciados em ciências naturais, elementos esses que ultrapassam a questão conteudista e atingem a formação humana do indivíduo. O fato da não aceitação, do não reconhecimento dos profissionais de LCN em seus respectivos nichos, seja no mercado de trabalho ou ainda em formação, gera neles uma vontade de superação que é maior do que o medo, que a insegurança e outras emoções que podem estar presentes. No entanto, eles próprios não permitem que estas emoções negativas governem seu viver, o que geraria assim um viver doloroso (Maturana e Davila, 2009).

(...) “Sinceramente eu acho que o que faz a gente ser assim não é os conteúdos. Muitos professores nem sacam o quanto o lance é integral. E a gente por ser tão humilhado (...). E o que a gente faz com isso? Acho que a gente é tão humilhado e a gente tem que ter essa vontade e dizer: ‘não, agora eu vou falar... Você vai ver, vai ver o que vai acontecer.’ O Rafael é um exemplo vivo. O cara chegou lá e falaram: ‘Não boto uma fé... não sei o que...’ E o cara tá treinando o pessoal (...).”

Juliana

A aceitação do outro, como legítimo outro, numa convivência sadia, amorosa (Maturana e Davila, 2009) começa pela aceitação de si mesmo e Juliana reforça a importância desse fato. A instituição e as relações institucionais, como dizia Maturana (2002), não são representativas das relações sociais, pois seus objetivos visam a produção independente do ser humano que está por trás de determinada atividade institucional. As relações de hierarquia, típicas das estruturas institucionais, podem favorecer relações de negação, tais como inferiorização ou exploração do outro. Naturalmente, entendemos que se estabelecem dentro das instituições são relações sociais, pois as instituições são formadas por pessoas que se relacionam, mas a estruturação atual de nossas organizações favorece situações de negação do outro.

“Eu acho que é um lance da gente se autoafirmar mesmo. Não é a USP não. Não é esse professor de bosta não. Tem professores importantes que estão dentro da minha vida e nunca vão sair. Foram fundamentais. Mas é a gente também.”

Juliana

O curso de LCN está numa universidade estadual, mas os estudantes que passaram em concurso público estadual para professor tiveram grandes dificuldades para assumir seus cargos, devido ao não reconhecimento da profissão. Diariamente, esses estudantes lutam por uma conquista de espaço, de território, de identidade e de reconhecimento; isso na falta de algumas condições que lhes deveriam ser garantidas no ato da criação do curso. Assim, muitos profissionais formados foram aprovados em concursos públicos estaduais, municipais e em outras instâncias e não tiveram seus diplomas reconhecidos em tais funções, como indica a fala de Juliana a seguir:

“Quem é essa galera que tá saindo daqui? E tá sofrendo tanta pressão aí pra fora e tanta porta fechada. Esses professores que fizeram concurso e têm que entrar com recurso. Você sabe do que você é capaz. Sabe da vontade que tem de fazer e tanta energia, sabe? E aí vem uma instituição, o Estado dizer que você não tem está preparado? Dizer que você não tem o diploma...”

Juliana

Juliana demonstra em sua fala uma segurança na sua formação profissional, nos conhecimentos que adquiriu e que lhe permitem dizer que ela sabe do que é capaz. Esse é um importante elemento de apropriação de um território, sinais da criação de uma identidade (Callai, 2004; Souza, 2010) própria dos estudantes de LCN. Ressalta a seguir que esse processo de formação de identidade e construção de um território próprio tem muita dor e sofrimento, emoções estas que têm origem cultural, é na cultura que somos aceitos ou negados (Maturana e Davila, 2009). Mesmo essa luta contra todas as adversidades que se colocam ao longo de sua formação, proporciona uma apropriação e demarcação de território que é evidente em todas as falas selecionadas nesta categoria.

(...) “E nesse espaço, nessa experiência que a gente tem aqui dentro e tem muita dor. Tem muita bonança também, mas tem muita dor. Vale a gente ser bom no que a gente faz. Sabe fazer. Não, eu sei o que estou fazendo e é por isso, por isso, por isso. Elencar uma série de motivos. Os fundamentos do que eu estou fazendo ali. Os dez mandamentos do que eu estou fazendo aqui, sabe? Porque a gente passa por essa experiência... E sem falar no filtro, não é gente? A gente chega aqui dentro e já é humilhado, porque o curso de LCN não serve pra nada na linha do capitalismo aí. LCN serve pra quê? Aí você fica tipo: ‘Porra, eu passei num curso que não serve pra nada?’ Você fala pras pessoas LCN e as pessoas não falam nada... E professor também! É humilhado quando entra, é humilhado antes de entrar, é humilhado quando passa.

É humilhado dentro, é humilhado fora. Você vai fazer o que, mano?”

Juliana

Mas acima das relações hierárquicas institucionais, que por vezes negam o indivíduo, o amor como fundamento do fenômeno social pode dar visibilidade às ações humanas. As pessoas têm o poder de estabelecer relações sociais saudáveis seja individualmente ou em grupos (Maturana e Davila, 2009).

(...) “E eu acho que é isso que faz a gente ser bom. Não é a instituição, não! Eu não dou mérito pra essa instituição, não! Nenhum, nenhum! Dou mérito pras pessoas.”

Juliana

Ao final desta fala de Juliana, Rafael conclui a ideia em relação à prática de mudar mundos e reflete que apesar da brincadeira de que LCN iria conquistar o mundo, se isso fosse atingido através de sua prática profissional para ele seria um grande ganho, e percebe-se aqui novamente o compromisso deste grupo com a questão do ensino-aprendizagem.

“O legal lá que acontece isso assim é que a gente está sendo olhado de uma maneira diferenciada e talvez o grito de que nós vamos conquistar o mundo não seja conquistado. Mas talvez a gente consiga conquistar o mundo de uma criança.”

Rafael

Além do compromisso com o ensino-aprendizagem, a fala de Rafael passa novamente pela questão de mudar e conquistar mundos, mas desta vez tratando do mundo coletivo, da escola, da favela, do mundo onde ele viveu. Ele quer transformar a realidade que viveu com o mundo que cada um constrói para si, com seus objetivos e sonhos de vida. No caso de Rafael, neste trecho específico, mostrar a seus pares que assim como ele, morador da favela pode estudar em universidade pública, e que a educação pode melhorar como ele coloca a seguir:

“Eu falo isso porque, dando outro exemplo meu aí, quando eu larguei de ser bombeiro pra ser professor todo mundo falou que eu era louco. ‘Não, você tem seis anos, uma carreira consolidada.’ Fui trabalhar na Estação Ciência. Então, o meu salário caiu um sexto do que eu estava acostumado. Então assim, o olhar do Capitalismo não deixa o pessoal enxergar que é o que eu gosto, sempre gostei de dar aula. E se eu tivesse professores comprometidos, talvez seria diferente. Então olho de onde eu vim, de onde eu saí, da favela onde eu morei. Eu quero voltar lá e mostrar praquele pessoal que, da onde todo mundo falou que não saía ninguém, saiu um aluno da USP... E o pessoal chega e pergunta: ‘Você vai dar aula em escola particular?’ Eu falo: ‘Não, eu vou dar aula em escola pública, porque pra mim o dinheiro não é

tudo'. Você não sobrevive sem dinheiro, mas assim ter o mínimo possível pra viver.”
Rafael

Outra característica dos alunos de LCN que fica expressa na fala de Rafael é o nível socioeconômico dos alunos do citado curso. De acordo com pesquisas internas do *campus*, o curso de LCN é um dos que apresenta maior índice de indivíduos provenientes de escolas públicas e grande parte deste grupo tem uma renda familiar mensal entre 1 e 2 salários mínimos. Além de mudar seu próprio mundo, anseiam poder mudar tantos outros mundos quantos forem possíveis, principalmente daqueles com quem convivem ou conviveram em dado momento de suas vidas.

“Eu sei que posso fazer onde eu morava, hoje eu moro numa casa no centro da cidade, mas eu sei que eu sei de onde eu saí e aquelas pessoas precisam de um professor ou de um amigo que incentive ela por exemplo a entrar na USP. Falar: ‘Então, você mora na favela, somos marginalizados, somos negros...’ Então, você chegar e dizer: ‘Você vai conseguir!’ Com isso eu estou mudando o mundo de uma pessoa, de uma família. Então, não vou querer mudar o Brasil. Mas eu sei que o que eu estou plantando talvez eu não possa enxergar o fruto pra ver que daqui dez, quinze anos aquela criança que eu estou trabalhando, desenvolvendo, ajudando, ensinando alguma coisa, ela vai pegar alguma coisa e vai gerar frutos. Então, eu tenho que ter uma visão macro e uma visão micro.”
Rafael

A prática de mudar mundos é um movimento individual que tem reflexos coletivos e como diz Larrosa (2011), precisamos estar abertos à mudança, à experiência que em alguma medida nos altera, que nos faz mudar o nosso jeito de ser e estar no mundo, como podemos observar no excerto da fala de Rafael a seguir:

(...) “Eu posso mudar o mundo de várias maneiras, depende de como eu vou enxergar. Então é essa visão que eu tenho. Talvez eu não consiga, eu brinco e tudo. Eu falo que a gente vai mudar o mundo. Eu tenho essa utopia. Eu sei que talvez não possa fazer muita coisa. Não possa mudar o mundo ou o Brasil, mas eu sei que vou mudar a vida de alguém. A mesma coisa eu falo em aula: ‘Paulo Freire mudou a minha vida!’ A maneira dele pensar... assim de um jeito que eu gosto. Me ajudou muito. Bateu muito!”

Rafael

Mais uma vez, somos seres sociais na linguagem, nossa presença no ato de mudar mundos pode ser um sonho, uma ideia, um texto. A mensagem que passamos com nosso viver será lida por outros:

“Eu nunca vi o Paulo Freire, mas o livro dele vai despertar o que muda meu interior, me mudou. Isso eu sei eu posso fazer.”

Mas nosso viver pode também gerar como já vimos dor, medo e sofrimento. Enquanto professores, formadores e exemplos para a sociedade em geral, somos responsáveis por nossas condutas e o que as mesmas podem gerar, assim como qualquer outro cidadão, mas talvez com uma carga social maior. O professor pode ser um agente de mudança na vida dos estudantes tanto para o bem quanto para o mal, daí a importância da formação de professores, assim como de monitores, que em geral são professores em formação.

“É a batalha que eu tenho como professor de ciências: mostrar que a física pode ser legal, a matemática, apesar de eu não gostar... eu sei por que não gosto. Eu não tive matemática no ensino médio. Eu tive uma professora que matou a matemática na minha vida (...). Eu era dos melhores alunos. O primeiro “d” foi em matemática. O professor pode tanto matar o aluno, como ele pode trazer a vida pro mundo dessa criança. Depende realmente se você vai fazer isso e quer fazer isso.”

Rafael

Enfim, a conquista de um território, mesmo que simbólico, envolve muito esforço e luta. Nas falas anteriores, mesmo com todas as dificuldades, os sujeitos puderam ultrapassar barreiras, vencer seus medos e enfrentar adversidades. O domínio e a articulação do conhecimento possibilitam um empoderamento das ações desses indivíduos, dando-lhes maiores possibilidades de atuação em diferentes espaços, resultando num processo de conquista de território. A apropriação de um espaço como “seu”, onde o indivíduo é reconhecido por suas contribuições propicia um ambiente favorável de atenção e cuidado ao espaço ao qual se pertence. Desta forma, os sujeitos não só propõem, mas agem e executam ações para um melhor aproveitamento deste espaço, que é tido como seu. Os alunos de LCN são agentes de mudança, de uma mudança interna a cada um deles, que gera um espaço de relações humanas em que os membros deste território reconhecem-se entre si e geram redes de conversações abertas, que possibilitam a construção conjunta do conhecimento e de uma identidade comum.

1. Fenômeno social humano na linguagem

Conforme todo o referencial anteriormente apresentado, esta categoria reforça que a questão social permeia todas as relações humanas, inclusive as relações que se estabelecem nos museus. Ao contrário da fala de Isaque, apresentada logo abaixo, sermos seres humanos implica sermos seres sociais.

(...) “Vamos puxar pro lado do museu. Eu acho que a questão social que vocês estão indo, pra mim não faz muito sentido entrar nela agora. Eu não achava que era isso que a gente estava discutindo. Não é isso. Você tá fugindo um pouco. Eu acho. Já que é uma conversa, eu acho.”

Isaque.

Percebe-se aqui que Isaque defende um pensamento linear que não admite a questão social permeando as relações que se estabelecem no museu. Inferimos que para Isaque esse espaço é independente de qualquer sistema social, e mais, que não se constitui como tal. Assim, todas as categorias aqui listadas têm relação direta ou indireta com o fenômeno social, por este motivo colocamos esta categoria em primeiro lugar. Todas as demais categorias decorrem desta e encontram-se numa sequência lógico-biológica, lógica no sentido que representam uma linha de raciocínio contínua e biológica, pois é segundo a biologia do conhecer de Humberto Maturana e Francisco Varela (1995).

Pensando no conceito de sistema social de Humberto Maturana, participar de determinados grupos sociais implica seguir algumas regras e padrões impostos pela dinâmica do sistema. Assim, a fala de Isaque nos indica que fazer parte da academia ou do grupo familiar implica algumas responsabilidades sociais das quais as pessoas que pertencem a estes grupos estão cientes, mas que não são necessariamente atividades que caracterizam sua autonomia.

“Não sei. Estou pensando em alguma coisa do tipo. Não sei se vou fugir do foco, mas a gente lê porque tem as obrigações também, não é? Você lê porque o professor seu pediu. Porque seu pai lhe deu de presente. Acho que tem essas questões sociais. É um primeiro passo pra gente ser obrigado a ler. O que não quer dizer que a gente vá terminar ou vá absorver ou entender o que...”

Isaque.

Já Gustavo traz a visão de que mesmo fazendo parte de determinados grupos, o indivíduo tem em si seus próprios interesses e que isso é fundamental em seu viver.

“Vou voltar um pouco no que você falou. Porque isso aí parece bem pesado. Você falou da obrigação de ler e eu acho que é isso. Acho que tem a obrigação de ler. Mas pra mim o que chamou atenção nessa frase foi assim “o que me desperta”. Pra mim, quando eu busco algo no livro, estou querendo algo mais, eu quero saber, eu quero explorar. Eu quero olhar uma coisa que eu não conheço. Mas sempre num sentido de explorar. Eu acho que livro você escolhe ou não escolhe. Todo livro que eu pego e leio eu acho que sempre me desperta alguma coisa”.

Gustavo

Juliana acrescenta que esse “despertar” deve ser ampliado a um legítimo outro presente em nosso conviver. Aceitar o outro com suas facilidades e limitações e se propor a construir junto. Tentar de novo e de uma forma diferente, de modo que seja possível chegar ao outro. Nem sempre as pessoas estão em redes de conversações fechadas, mas por vezes as redes de conversações que estabelecemos excluem outros indivíduos, seja física ou intelectualmente. Juliana evidencia através do seguinte diálogo, que teve com uma aluna durante seu período de estágio, sua abertura para um espaço de conversação e de aceitação criado com esta estudante.

“Isso é fundamental. Esse é o nosso papel. A gente sabe que existe e é o nosso papel pegar e dizer: “Ô, eu vou mostrar um negócio aqui que você não sabe. E vai ser maior massa pra você (...). Mas se você não quiser tudo bem!” Mas mostrar que tem aquele caminho que é legal. No meu primeiro estágio, tinha uma menina, ela perguntou pra mim: “O que você é?” “Eu sou professora de ciências.” Uma menina de sexta série. Não, quinta. Deste tamanho. E ela falava assim: “Esse negócio de ciência não é pra mim não, ó. Eu não gosto desse negócio não. Não sei como você consegue.” Falava com o maior desdém. Eu perguntei o que ela estava estudando. “A gente tá vendo um negócio de astronomia lá. Mas é nada com nada. Essa professora não fala nada com nada”, ela falou. “E esse lance que eu estudo não é bom?” “Quem consegue estudar isso, não é? É tão chato...” Então eu respondi: “Você sabia que tem uma estrela...” Eu tinha acabado de aprender isso com o professor. Ele falou de uma estrela que já tinha passado do tempo de explodir, que pode mandar pra atmosfera. Eu comecei a falar isso pra ela que a gente não consegue ver. A gente não consegue enxergar tudo isso. “Você sabia que as estrelas explodem?” Então a menina começou a ficar (faz careta de espanto): “Nossa que legal!” Eu sei que no fim a menina começou a me perguntar tanto as coisas que no fim eu falei: “Você não disse que não gostava de astronomia?” “É que é diferente!” Ela não explicou. Mas pra mim é um bom exemplo. E foi num estágio obrigatório. A menina veio falar comigo no intervalo e

começou a conversar comigo porque achou peculiar... Aí ela começou a conversar, conversar só sobre essas coisas. E no final elas saíram com um puta sorriso. Aí ela falava pra todas as meninas: “Aquela professora ali explica de uma estrela... assim, assim assado.” Então, assim você vai contaminando um ambiente. E ela nunca vai pro espaço, entende? Ela não vai ver a estrela de perto, nem eu. Ela não conhece uma estrela de perto, mas depende do jeito que você comunica” (...).
Juliana

Um aspecto importante que aparece no parágrafo anterior na fala de Juliana é a linguagem. A forma como determinada informação é comunicada ao indivíduo, ou a um grupo, pode ser mais ou menos acessível a este (Massarani, 2008). Assim vimos que a fala de Eliana complementa este assunto com sua percepção sobre a linguagem:

“O Gustavo estava falando como são passadas as coisas no museu. Eu estava pensando justamente nisso, em relação ao livro e ao museu. Pra mim, eu acho que as duas coisas têm a ver com a linguagem. Eu trabalhei em oficina e se eu recebo um grupo e começo: “Gente, vocês viram a areia? Olha que legal, vê aí!” A pessoa vai olhar: “Que coisa!?” Então, se a pessoa não tiver uma linguagem para o que ele quer passar, pra mim não vai passar. É a mesma coisa no museu, se você pegar um monitor que está assim: “Então, gente, isso aqui é a força elétrica de não sei o quê!” (balança a cabeça, abre os braços interrogativamente). A criança vai olhar e falar: “Tá.”. Pra mim, quando ele estava falando, despertou muito esse... não sei como é que chama, sei lá. Porque eu penso muito mais nessa parte da comunicação, pra mim isso é importante. A comunicação, porque se você não se comunicar... O livro também se subir muito, se o livro não se comunicar bem com você, se você não entender o que você está dizendo, não vai ser a mesma coisa, não vai despertar. Pode ser que o livro tenha assim uma coisa super interessante, super legal, mas não vai despertar. Não vai despertar, porque ele não conseguiu passar o que ele queria passar pra você. É mais ou menos o que eu penso em relação à frase e em relação ao museu também. Não sei, podem discordar” (...).

Eliana

Gustavo diz ainda que essa conexão, essa comunicação, ou seja, a linguagem adotada pelo espaço deve ser priorizada, pois é isso, entre outros elementos, que irá atrair o olhar do público. E o monitor tem papel essencial nesse processo de mediação entre a exposição e seus visitantes (Massarani e Almeida, 2008).

“Essa conexão que você falou, acho que é o que tem maior importância. A pessoa que está vendo um livro ou um museu se conectar com aquele objeto. Assim, quando eu penso em museu, penso em objeto, museu pra mim tem que ter objeto. Seja de coisas vivas ou não vivas. E essa comunicação que você falou da pessoa

perante aquilo que ela está observando. E o papel do monitor... quando ele faz esse *link*, eu acho que, meu, você ganha seu dia (...). Pra mim, isso aí tem um valor. E, meu, sabe, e as pessoas que não sabem ler? Como elas fazem? Elas não podem ir no museu? Não, isso aí não tem nada a ver. Acho que esse *link* de comunicação é fundamental pra isso”.

Gustavo

Como o próprio Gustavo coloca, a exposição deve ser atraente para todos os públicos e a mediação humana é uma das formas de ampliar a acessibilidade a esses espaços (Massarani e Almeida, 2008). A seguir, Eliana declara que em uma visita de curto período de tempo, sem saber quem são os indivíduos que você irá receber no espaço e o quanto eles sabem sobre determinado conteúdo, é muito difícil você expor todos os elementos de um dado assunto. Não seria possível fazer isso de forma que todas as pessoas entendam e se apropriem daquele conhecimento, mas que sua função é mesmo “despertar” nem que seja em apenas uma pessoa a curiosidade em saber mais sobre tal assunto. Esse ‘despertar’ é um princípio de transformação (Larrosa, 2001).

“A gente tem que pensar que nunca vai conquistar cem por cento. É bem isso que você falou: em dez, se você conquistou um, está ótimo. É vitória. É isso que eu penso nas oficinas que eu dou” (...).

Eliana

Ainda se tratando de fenômeno social humano, os grupos sociais são constituídos segundo características comuns que reúnem um grupo de pessoas (Maturana, 2002). Desta forma, determinado fato pode ter maior ou menor significado a depender da intensidade da relação que tínhamos com dado grupo ou indivíduo.

“Se você tiver alguém próximo, por exemplo. Acho que é isso que você está falando. A morte ou qualquer coisa pode acontecer. Mas se ela não estiver *linkada* comigo, acho que o que deixa assim pra mim é que a pessoa, o sujeito tem que ter uma sensibilidade, uma sensibilidade, por exemplo, nesse grupo, ele saber da característica de cada um e saber como lidar com aquilo. Tem que ter essa sensibilidade. ‘Ah, caiu o avião, morreu duzentos!’ Você não conhecia ninguém ali. Passou, tá acontecendo o mundo, você está vivendo. Mas se você tiver alguém conhecido ali, a morte vai te afetar de uma maneira tão única e você vai estar sensível àquilo, talvez. Não sei se estão entendendo, mas estou querendo fazer um *link* assim desse acontecimento em particular. Você tem que ter essa sensibilidade, essa conexão. Tem que criar essa conexão”.

Gustavo

Continuando nesta linha dos laços que unem determinados indivíduos de um grupo social, Rafael cita suas experiências de vida para reafirmar a ideia de que os laços

que constituem determinado grupo social podem ser mais fortes e intensos que os de outros, como os laços familiares em relação aos relacionamentos institucionais que estabelecemos.

“Acho que muda muita coisa. Eu fui bombeiro. Teve muitos óbitos (...). E varia muito de pessoa pra pessoa. Por exemplo, o sentimento que você tem quando é uma criança, uma... isso pra mim, ou quando é uma pessoa idosa, não que sejamos insensíveis a um adulto. Por exemplo, a minha avó, ela morreu nos meus braços, eu já era bombeiro. Eu socorri e tudo que eu fiz não funcionou. Então, assim, é um sentimento diferente. Todos momentos em que eu socorria as pessoas, diferentemente do que as pessoas pensam, a gente faz um acompanhamento. É muito gratificante você socorrer uma pessoa e ela sobreviver, você ir no hospital e ver que o seu serviço foi bem feito. Mesmo quando eu não conhecia a pessoa, a gente presta [socorro]... pelo menos no meu caso. Se a gente presta um socorrismo e a pessoa vem a falecer, aquilo marcava. Assim, eu sabia que tinha feito tudo que poderia ser feito, mas ali era um ser humano. Eu pelo menos não sou indiferente em relação à morte. Mas quando você conhece uma pessoa e tem um sentimento por aquela pessoa, o peso da morte é maior. O sentimento, a dor que você vai sentir é maior do que com uma pessoa que você não teve contato. Por exemplo, você teve contato em vinte minutos socorrendo a pessoa, pra você aquela vida tem um valor, mas pra você é bem diferente. Eu falo isso por experiência própria (...). Mesmo que a gente crie um vínculo porque socorreu, mas o vínculo não é tão forte como o da minha avó que morreu nos meus braços e eu cheguei a socorrer também ou o vínculo de uma amiga minha que se queimou no restaurante dela e chegou e me mostrou. Assim, eu já vi coisas muito feias, mas por ser uma pessoa que eu conhecia e era uma queimadura de terceiro grau, aquilo foi mais do que uma pessoa que eu já peguei com ferimento pior. Quando você tem esse vínculo com a pessoa, o sentimento se torna maior”.

Rafael

Na intervenção de Juliana ela explica como sente as relações sociais em nossos dias atuais, está tudo tão neutro e objetivo (Larrosa, 2001) que um “bom dia” do cobrador de ônibus pode soar completamente estranho:

“É você fica meio em choque. O que está acontecendo? Você não está acostumado. Eu fui pra casa pensando: ‘Gente, o cara falou bom dia pra mim.’ Mas, mano, ele não me conhece. Você fica pensando que deve te conhecer. Pra falar bom dia, não é?”

Juliana

E aquilo, que por um momento a chocou, causou um desconforto, uma ruptura que a transforma. As relações sociais que se estabelecem em nosso dia a dia têm um potencial de transformação. Mas a transformação não é algo trivial e exige principalmente abertura e disponibilidade das pessoas envolvidas (Passeggi, 2011), e Juliana continua:

“Aí, eu fui pra casa pensando: ‘Acho que vou dar bom dia pra todo mundo agora.’ Porque aquilo foi tão forte. Bom dia! No dia seguinte você sai dando bom dia. E é difícil dar bom dia, viu?! Pode ter certeza que é muito difícil, porque o cobrador está lá, não sei o quê... às vezes você fala bom dia e ele nem olha, mas quando ele olha você diz: ‘Esse é o caminho!’ É muito legal, é sensacional. Essa palavra define, é sensacional.”

Juliana

E essa disponibilidade em nosso dia a dia, caracterizado pela indiferença e neutralidade, encoraja esforços em direção a uma transformação da sociedade, que só será possível a partir da transformação dos indivíduos que a compõem (Maturana, 2002).

(...) “Eu acho que é isso, quando a gente começa a ressignificar. Acho que uma palavra boa é essa: ressignificar as mudanças. Assim sabe? Tornar as nossas experiências mais humanas. O mundo está tudo tão objetivo, neutro, imparcial. E quando a gente começa a tornar as coisas mais humanas, a coisa vai mudando, tudo muda. De dentro pra fora. O de fora muda. Tudo passa a florescer de uma outra forma. A gente passa a perceber como a gente precisa dizer pras pessoas: ‘Olha, você é importante!’ Pegar um papelzinho na rua. Eu sei que você não vai ler, vai jogar fora. Mas pega o papelzinho.”

Juliana

E reforçando essa questão de uma mudança coletiva que depende de uma mudança individual, a seguir a fala de Juliana evidencia como os sistemas sociais seguem selecionando seus indivíduos. Seleção esta que muitas vezes desconsidera as mudanças que vêm ocorrendo na sociedade, nos indivíduos que compõem esta sociedade, acabando por assim excluir aqueles que não se enquadram em padrões pré-definidos (Maturana, 2002).

“Não é uma questão de provar nada. Mas mudar o que está acontecendo com você. Mudar essa da linearidade, da normalidade. Quando você começa a quebrar, vêm as rupturas. E as rupturas são fundamentais pra mim, sabe? Todo o tempo estar quebrando coisas. Todo tempo estar quebrando... Quando a gente vai atender um grupo de índio, pensar por que a galera não está querendo atender esses índios? Por que todo mundo quer o grupo de professores foda e por que a galera não quer atender os índios. Você vai fazendo umas

rupturas. (gesto de quebrar com a mão) Você vai escolhendo fazer isso. É uma escolha. E os três... Acho que os três estão completamente colados com isso. Não sei o que é isso, porque eu não sou negra. Mas a experiência em um país extremamente escravocrata e racista. Eu acho que isso faz você pensar em muitas coisas. E eu por ser lésbica também, num país onde todo mundo é machista, *lesbofóbico*... Você não tem como descolar essas coisas. Eu acho que são essas experiências nossas que provocam essa ruptura. A gente por ser pobre, a maioria por ser mulher. E tem uma série de outras coisas. E a própria classe média também... Eu não sei o que é que a classe média está sofrendo... Mas imagino que deva ter muitas coisas acontecendo. Vai pipocando a ruptura. Enfim, o lance da ruptura pra mim é essencial e não consigo descolar ele nem de uma folha que cai da árvore. Eu não consigo. Não dá. É isso.”

Juliana

O fato de ser excluído de um determinado grupo social ocorre a todo tempo, mas é importante preservar nosso viver e se nosso viver não é compatível com determinado grupo, não devemos nos dispor a negar nossa história em favor disso. E o fato de declaradamente não fazer parte é uma ruptura, pois estamos rompendo com aquele padrão pré-estabelecido, com as certezas que condicionam alguns indivíduos a um viver doloroso. E como reforçou a própria Juliana anteriormente, essa ruptura é importante para o indivíduo, que mesmo não fazendo parte de determinado grupo, preserva seu viver. Mas também para os diversos grupos sociais, que em alguma medida observam que os indivíduos estão mudando e conseqüentemente, os grupos sociais podem vir a mudar. E essas falas finais dão margem à discussão de nossa próxima categoria.

2. Ruptura e continuidade

Ruptura e continuidade são dois elementos que estão muito presentes na fala dos participantes do grupo focal, e esses elementos aparecem da seguinte forma: a continuidade é o que está posto, os padrões pré-estabelecidos por determinados grupos sociais e o que via de regra, seguimos em nossa vida cotidiana. Mas quando não nos enquadrarmos nestes padrões e não nos dispomos a negar nós mesmos em virtude de fazer parte deste ou daquele grupo, estamos promovendo uma ruptura. O primeiro passo para a quebra, para a ruptura desses padrões postos ou impostos é o questionamento desse sistema, depois o recusar-se a segui-lo e em última instância assumir-se diferente disso, conforme veremos nas falas a seguir.

Conforme vimos na categoria anterior e na definição de sistema social de Humberto Maturana (2002), cada sistema social, ou cada sociedade, tem seus preceitos que muitas vezes acabam por excluir determinados indivíduos de seu círculo de convívio, é a quebra dessa normalidade que Juliana refere-se em sua fala.

(...) “A gente vive numa normalidade, não é? Numa suposta normalidade e quando uma coisa que ajuda a romper de alguma forma, é como se você estivesse quebrando um limite. Está fugindo da normalidade, heterossexual, classe média e blá, blá, blá. Então eu acho que se quebra esse contínuo, eu acho que é super importante. Você tá quebrando um contínuo... O mundo prepara a gente pra seguir esse contínuo. Quando você quebra, você golpeia. E tem que quebrar porque é pesado, porque dói, porque a gente sofre com tudo isso. Eu acho que você quebra um tipo de raciocínio, quebra essa linearidade completamente ilusória” (...).

Juliana

Quando Juliana alega que essa ruptura é necessária porque dói, porque é um processo doloroso, supomos que esteja reforçando a necessidade de soltarmos as certezas que nos foram impostas por determinados grupos sociais e a procurar uma forma de viver amoroso a partir nós mesmos. Na fala de Gustavo, podemos observar essa dificuldade:

“Uma coisa que ficou pra mim (...) é uma coisa que o Jorge falou e uma coisa que a professora falou também, que os acontecimentos são muito superficiais e eles são tão acelerados que acho que... Os acontecimentos passam e se transforma numa velocidade enorme. Mas a pessoa em si (gesto com duas mãos para o peito) já tem o seu próprio tempo e assim... O que está escrito ali no final: “Nós sabemos de muitas coisas, mas nós mesmos não mudamos com o que sabemos.” Será que queremos mudar? Eu fico pensando. Porque muitas coisas mesmo, a gente consome. E quando ela falou que tudo vira produto de consumo, é real mesmo. Os livros viram produto de consumo. E assim, tá passando o tempo todo e as coisas estão ficando

obsoletas. Mas eu acho que a pessoa pra mudar, o pilar de tudo é a educação. Como o Jorge falou ‘Ah, a educação está uma merda’. Mas é que é um processo que tem que ser tão duradouro e tem que ser tão profundo esse processo de educação pra mudar alguma coisa. É trabalhoso. E acaba sendo tão trabalhoso que às vezes as pessoas não dão valor mesmo. E é difícil mudar. Eu acho. A educação é muito difícil mudar. Então eu acho que, como está escrito ali, “nós não mudamos com o que sabemos”, por que isso é mais devagar que os acontecimentos”.

Gustavo

Juliana complementa:

“Sabe o que eu gostaria de acrescentar nessa conversa? É que além de trabalhoso, é doloroso. Isso dói, dói muito. É latente e intenso. A gente vê as coisas acontecendo dói muito. O tempo passando rápido e a gente não pode fazer nada. Dói, dói...”

Juliana

As dores pelas quais passamos têm origem cultural (Maturana, 2009) e são geradas nos viveres da humanidade na qual convivemos, no momento em que somos de alguma forma negados nesta ou por esta cultura. O ser humano, imerso num sistema de relações, constitui-se na matriz biológico-cultural da existência humana. Essa matriz não é fixa, muda com o fluir de seu desenvolvimento histórico biológico-cultural, nos sentires e fazeres do viver de cada indivíduo. A grande dificuldade apresentada na fala de Gustavo dá-se na dificuldade de dispormo-nos a soltar as certezas quando a vida nos oferece uma possibilidade. A certeza é uma relação em que uma pessoa comporta-se de modo que a outra vê que esta não está disposta a refletir sobre o que diz ou faz. Essas certezas podem gerar, nesse processo, a dor e o sentimento de imutabilidade no indivíduo.

Esses padrões pré-concebidos aos quais determinados grupos sociais exigem que nos enquadremos a todo tempo são considerados como uma normalidade. Ao contrário, se nos negamos a participar de tais condutas, a sair desta tal normalidade, respeitamos nosso viver.

(...) “E nunca foi permitido a mim... talvez em alguns momentos sim, mas nos momentos que transpassaram nunca ficou o sentimento da normalidade. Por isso eu falo muito da normalidade, eu nunca fui tratada normalmente, nunca fui tratada como uma pessoa ‘normal’.”

Juliana

O fato de negarmos a nos enquadrar em determinados padrões, faz com que determinados grupos não apenas excluam determinados indivíduos, mas também os cobrem o tempo todo na tentativa de exigir um enquadramento. A resposta dada a estas

repetidas cobranças pode nem sempre ser a esperada, como Juliana coloca abaixo quanto a um questionamento sobre sua sexualidade vindo de uma criança.

“E no museu também a mesma coisa e você vai aprendendo a tratar com essas situações de anormalidade. De uma criança perguntar pra você, com toda pompa: ‘Você é menino ou menina?’ Aí você responde: ‘Os dois.’ Aí ela fica: ‘Meu Deus!’ E num outro momento eu não saberia responder isso...”

Juliana

Esse tipo de resposta caracteriza-se como uma ruptura aos padrões pré-estabelecidos e em alguma medida desestabiliza dados sistemas, grupos sociais. O museu, assim como outros ambientes sociais é um espaço onde a continuidade e a ruptura podem conviver de diferentes formas. Como no caso dos museus aqui representados, o Museu biológico, por exemplo, apesar de seu foco mais direcionado às questões biológicas que envolvem os conhecimentos científicos em geral, representa uma quebra entre os demais, sendo uma das poucas instituições que tem em funcionamento uma preocupação maior com a formação dos monitores. As demais instituições aqui representadas não têm ainda um setor de ação educativa, que cuida do treinamento e capacitação de monitores, como é o caso do Museu biológico. Mas pensando em rupturas sociais mais gerais que permeiam nosso dia a dia e mais especificamente quanto ao questionamento da criança sobre sua sexualidade, Juliana acrescenta:

“Você sai da normalidade, você faz um assentamento. A gente é participante do processo e transforma a todo momento. Ela ficou ali, em choque. As crianças que ouviram também ficaram: ‘O que está acontecendo?’ Você quebra. E a gente precisa aprender a deixar nascer esses frutos bons. Eu acho que são frutos bons. Eu não estou cagando regra pra dizer o que é bom ou ruim; ou o que a gente deve fazer ou não. Às vezes uma piada, assim. Um comentáriozinho de nada. Você faz um estrago, tanto pro bem como pro mal.”

Juliana

Como já dissemos, alguns indivíduos podem negar a si próprios e agir de acordo com os preceitos de determinados grupos sociais e outros podem se negar a submeter-se a tais juízos, de forma amena, outras vezes nem tanto. Juliana declara-nos que a forma encontrada por ela para lidar com tais situações de negação é por meio de sua radicalidade.

“E eu não falei sobre mudar o mundo, né?! Olha gente, eu sou uma pessoa muito radical. Quem me conhece sabe do meu radicalismo, mas o radicalismo pra mim tem se tornado uma ferramenta fundamental assim, sabe? Já não permito que certas coisas aconteçam. Você dizer não. Porque é muito importante você dizer não. Você está

condicionado a dizer sim. Sobretudo as mulheres são condicionadas a ser passivas. Aí quando você diz não, eu acho que é exorcista pra você, sabe? E o que isso tem a ver com mudar o mundo? Quando você diz não, você dá um baque na pessoa. Você fala: ‘Nossa, tem alguma coisa de errada com você!’ Ou quando faço uma manifestação, vou numa manifestação. Ou quando falo ‘os dois’, pra uma criança. Qualquer situação que você se propõe a ser um pouquinho pé no peito. Eu sou bem pé no peito, mas no fundo acho que tem um lance.”

Juliana

Essa radicalidade foi a forma encontrada por Juliana para se colocar no mundo e exigir que respeitem suas opções. Juliana, que se declara homossexual, relata seu cansaço perante a repetidas situações de negação de seu ser durante o percurso do seu viver e que a radicalidade surge como um limite de sobrevivência.

“Eu já estou tão cansada dessa falsa esperança, sabe? Dessa falsa educação que sempre passa a mão na cabeça, que sempre trata bem e tudo mais. Eu acho que a minha radicalidade também educa, sabe? Não estou dizendo que é a melhor forma. Mas pra mim é um ponto de limite de sobrevivência, sabe? Não dá mais passar a mão na cabeça de certas coisas. Não dá mais pra ouvir determinadas coisas. Chega um limite em que você ouvir aquilo já é um suicídio. Você fala: ‘Não, chega! Já basta!’ Você coloca essa barreira e você educa. Eu acho que tenho tido muitas respostas positivas em relação a isso. De como isso muda as pessoas também, de como você dizer não pra alguém em algum momento vai fazer ela ir com aquele não pra casa. Falar: ‘Nossa! Meu, me falou não! Caraca, me falou não!’ Porque assim é a normalidade, no limite. Quando você fala uma coisa que choca a pessoa, qualquer situação, ela vai pra casa pensando.”

Juliana

A seguinte fala de Juliana expressa ainda que, em sua opinião, essa continuidade, dita ‘normalidade’ neutra e objetiva que acomete nossos dias deve-se a um capitalismo, onde a imoralidade e a desordem caracterizam uma “ordem” injusta (Freire, 1996).

“Eu já não busco mais essa revolução tão longe. Muito tempo da minha vida eu fiquei na esfera, tentando pensar que existe vida além do capitalismo. Mas chega um momento em que você fala: ‘Não tem como fugir disso!’ Muita coisa a gente não tem como fugir. E a gente está escutando isso a todo momento.”

Juliana

Mas Juliana ainda acredita que ações individuais possam alterar uma realidade coletiva, assim como Maturana (2002) coloca que a mudança social surge a partir de

mudanças individuais. Olhar o outro como um indivíduo a ser respeitado dentro de uma convivência amorosa é um caminho para que se deem mudanças na sociedade:

“Então vamos fazer com que esse momento possa gerar coisas boas. E mudar! Mudar no sentido de: ‘Vamos se propor a olhar o outro de uma outra forma!’ O amor... às vezes a gente pensa também o lance do amor.

Juliana

Com relação a essas atitudes individuais que podem repercutir numa ação coletiva, por vezes observamos nas pessoas uma inação. Pensamos que esta inação deve-se a um desconhecimento das ideias e ações incoerentes que circulam. Mas a fala de Juliana a seguir, nos sinaliza o contrário, as pessoas estão cientes dessas incoerências que cercam nosso dia a dia. A principal dificuldade observada em nossa sociedade atual é soltar suas certezas como vimos anteriormente na fala de Gustavo. Mesmo que esse ato de soltar as certezas venha a suprimir o desconforto da situação resultando em frustração e dor, levando, até, a autodepreciação.

“Eu queria falar duas coisas. Uma coisa que a Joana falou que eu também às vezes penso. Mas eu me questiono também assim... Eu tive várias conversas com uma colega, a gente fala muito sobre isso de sempre falar: ‘Os professores não sabem, os professores não sabem, os professores não sabem...’ E tal, mas aí vira e mexe e você se depara com um situação que – não, meu – a galera sabe. A galera sabe das coisas, as pessoas sabem o que está acontecendo (...). A gente vive num plasma e junto várias coisas que vocês falaram. Ele falou da individualidade que pra mim é uma questão chave. É isso mesmo, e isso é a normalidade. A gente não sabe trabalhar em grupo. É muito difícil você lidar com a diversidade. Eu falo pra mim, sabe? Às vezes, eu me coloco numa situação em que: ‘putz, que preguiça!’ Mas a pessoa não tem paciência pra ouvir e faz parte desse lance da individualidade, desse lance que eles colocam dentro da gente que é muito difícil de tirar.”

Juliana

Muitos, de nós, vivemos numa cultura centrada em relações de controle, dominação, sujeição, discriminação, expectativas e exigências dos sujeitos nas relações cotidianas (Maturana e Dávila, 2009). Não fazer parte dessas redes de relações que geram dor e sofrimento exige que nos encontremos no centro de nós mesmos, nos aceitando e nos respeitando como legítimos seres humanos em nosso viver. Assim, poderemos também aceitar o outro.

“A gente tem que a todo tempo se vigiar. Pra mim, esse lance que o Gustavo fala da vigilância é um fenômeno. Um minuto de perda dessa vigilância constante, você começa a fazer várias coisas bizarras. Porque a gente é montado, constituído por esse sistema. E aí eu fico

me perguntando assim: ‘Será que todo mundo sabe mesmo?’ Essa galera que eu falo, de classe pobre, negro, mulher, transexual, travesti, lésbica, toda a margem oprimida sofre demais. Eles sabem muita coisa, muito, muito mesmo. Mas acho que às vezes esse plasma de individualidade está tão colocado que você tá num lugar e as pessoas nem te olham na cara.”

Juliana

Quebrar essas relações de dor e sofrimento é extremamente necessário, pois a normalidade deveria ser uma convivência amorosa entre todos os indivíduos. Essa quebra, essa ruptura, nem sempre é algo tão difícil, atitudes simples que deveriam fazer parte da normalidade podem alterar de forma positiva o viver de diferentes indivíduos.

“Às vezes tudo que você precisa é alguém falar bom dia pra você. A faxineira. Não está tão longe, nunca está tão longe. E aí você olha e a pessoa só precisa ouvir um bom dia, um comentário de ânimo, assim, sabe? Tá na escola: o professor, tá difícil mesmo, mas vamos aí.”

Juliana

Juliana, em sua fala, coloca também a importância de algumas ações que podem causar essas rupturas tão necessárias em um viver doloroso, sendo uma delas o ato de acreditar. Acreditar exige estar no centro de nós mesmos, pois essa segurança em nós mesmos nos possibilita esperança. A desconfiança do indivíduo sobre si mesmo e sobre suas ações dificilmente lhe dará abertura a ter esperança num viver melhor que o que ele vive (Maturana, 2004).

“Eu fico pensando que invés de ficar fazendo esse papel de reclamar somente, eu acho que reclamar é algo extremamente importante, eu reclamo muito, muito mesmo. Eu acho que quando você reclama, você não está só reclamando, você está produzindo coisa na sua cabeça que a galera não quer que você produza. Mas eu acho que falta um pedaço... Mesmo nessa merda toda, nessa merda mole que a gente vive... De você olhar e dizer: ‘Não, ainda tem esperança. Ainda tem alguma coisa. Não tá difícil, é assim mesmo, mas vamos aí, vamos continuar.’ Eu acho que muita gente desiste, não porque não sabe, ou porque tá cego. E a gente fala: ‘Ah, não sei o que, não sei o que lá...’ E às vezes eu fico me perguntando: ‘O que que fez você chegar a esse ponto de achar que está tudo perdido, não tem mais nada?’ Ou: ‘o que fez ela ser tão reacionária, tão capitalista? Por que ela nunca se perguntou isso?’ Então, é colocar esse ponto de ruptura. Ruptura pra mim é isso, você coloca um ponto de ruptura, você quebra (...). E aí eu fico pensando isso, a gente precisa mostrar coisas, mostrar de que lado que a gente está e que esse lado tem muita coisa massa. Vale a pena viver. Quem foi que inventou que a gente tem que viver? Mas já que a gente está aqui vivendo, vamos tornar as coisas mais alegres,

vamos abrir as portas. Até porque o não já está aí, o sim é que não existe.”

Juliana

Assim, a fala dos participantes do grupo focal em geral coloca em destaque a necessidade da quebra dessa normalidade. Mesmo sabendo que isso não é algo fácil, essas rupturas nos colocam no centro de nós mesmos. O primeiro passo para a aceitação do outro como legítimo outro numa convivência amorosa é a aceitação e o respeito por nós mesmos.

3. Negação e/ou aceitação do outro

A aceitação do outro como legítimo outro numa convivência sadia dá-se no respeito às diferenças e aos modos de ser e estar no mundo dos indivíduos entre si. A não aceitação trata-se do ato de negar o outro, seja ao não escutá-lo ou ao impor sua posição desconsiderando o outro, por exemplo (Maturana e Davila, 2009).

A fala de Rafael a seguir mostra duas situações diferentes de negação do outro: a primeira em que um grupo de professores de um colégio de referência de São Paulo visita a Estação Ciência e, ao contrário das expectativas do grupo de monitores do espaço, ignoram a presença do monitor e os conteúdos do espaço a serem apresentados para esse grupo. Isso é um exemplo de não aceitação do outro, o monitor foi negado.

(...) “a melhor turma que eu peguei lá foi uma turma de Guarani (...). E a pior turma que eu peguei foram professores particulares de uma escola *top* de São Paulo. Então assim, quando os professores entraram e a gente avisava que ia falar tudo em termo científico e vou me aprofundar naquilo. E foi a pior decepção na Estação Ciência. Foram os professores. Porque eles não paravam, eram mal-educados. Eu parei minha apresentação e falei: ‘Como vocês querem respeito dos seus alunos, se vocês não estão respeitando o monitor aqui?’ ‘É assim que vocês tratam seus alunos?’ E teve briga entre os monitores pra ver quem ia pegar os professores da escola *top* de São Paulo. E quando chegaram a turma de índios: ‘Ah, é índio! Não vou pegar!’ Eu peguei essa turma de Guarani e foi a melhor dos oito meses que eu trabalho lá (...).”

Rafael

Rafael relata ainda que em outro momento recebeu um grupo de índios que não falava português, mas que eram acompanhados por um intérprete. Nesse momento, a situação inverte-se e o grupo de monitores, que antes disputava a possibilidade de acompanhar o grupo de professores da escola particular de São Paulo, ignora a presença do grupo de índios, mesmo com um intérprete. Nesta situação, observamos que os monitores que sofreram a negação do grupo de professores, agora negam os índios. O quadro inverte-se, quem ora é oprimido, torna-se opressor (Freire, 1996). No entanto, o monitor Rafael aceita o grupo de índios e declara sua abertura e disponibilidade, isso caracteriza um ambiente que torna possível a experiência (Larrosa, 2001). Ele se põe aberto à mudança de suas visões de mundo e de seu viver, o que o torna disponível para o diálogo e para o outro (Freire e Shor, 1986 e, Maturana e Dávila, 2009).

“Até eu briguei lá com os supervisores porque na verdade ninguém queria pegar os índios. Porque eles falavam em Tupi e tinha lá um que interpretava. Eles falavam pouco o português. Eu pego todo mundo.”

Rafael

Isso evidencia diversos elementos que podem influenciar nossos atos de aceitação ou negação do outro no dia a dia. Mas um dos principais elementos que aparece em destaque na fala de Rafael, a seguir, é a linguagem. Por vezes alegamos que a comunicação com alguém que não fala nossa língua, ou mais, que simplesmente não fala, não é possível. Mas a abertura e a disponibilidade são elementos importantes que compõem a possibilidade da experiência em nosso viver, a experiência de explorar outros meios de comunicação que não apenas a fala, mas o toque, o olhar (Larrosa, 2011).

“Dando um exemplo, do lado da Estação Ciência tem a parte de Reabilitação da USP e ultimamente muita gente está indo pra lá. Eles vão fazer reabilitação e vão lá na Estação Ciência, por exemplo, eu sei um pouco de LIBRAS, então o pessoal diz: ‘Então, pega você!’. Mas o pessoal não tenta transpor as barreiras. Tem um pessoal que tem dificuldade na fala e vou lá mostrar um experimento pra eles. Então assim, as pessoas no seu mundo. ‘Eu estou ali pra ganhar o meu dinheiro e eu não vou me esforçar pra ser o melhor.’ Inclusive, tem uma amiga nossa, a Leia, ela é tetraplégica, não anda, não fala, e ela, toda semana ela vai na Estação Ciência e fica horas e horas. Então assim, são dois monitores que conversam com ela. O pessoal exclui. (gesto com a mão) E fala: ‘Ah, é seu amigo, você já conhece!’ Tudo bem, é meu amigo, já conheço. Mas tem gente lá com mais tempo que eu e nunca parou pra explicar uma coisa pra ela. E ela sabe muita coisa, a gente conversa escrevendo (...)”

Rafael

Observamos na fala de Juliana que a aceitação do outro se dá também em situações de compreensão, de escuta e não de cobrança e revolta, pois isso torna-se um ciclo vicioso que nos condiciona a um viver doloroso (Maturana e Davila, 2009).

“A gente tem que sempre estar com sorriso no rosto. O tempo todo com sorriso no rosto, porque senão alguém vai falar que você está de mal humor. (resmungos) Isso é um saco. Tem que sempre estar bem. Estar bem! Quando, por exemplo, a caixa te trata mal no mercado, a gente fala: ‘Ah, que incompetente. Por que me tratar mal se não fiz nada pra ela?’ E alguém te responde: ‘Mas veja bem! Já parou pra pensar qual é situação dessa mulher? Já pensou quanto ela ganha? Já parou pra pensar o que ela sofreu com o chefe, sofreu assédio...’”

Juliana

Na maioria das vezes não sabemos ou não nos damos conta, mas todos os dias, diversos indivíduos passam por situações em que são repetidamente negados. Juliana usa a expressão “veja bem” para indicar um ato de parada, reflexão e de colocar-se no lugar do outro:

“Quando você começa a pensar nessas outras possibilidades que podem estar acontecendo e não são coisas da nossa cabeça, elas podem estar acontecendo, você tipo se toca assim: ‘Veja bem! Veja bem!’ Tudo é o ‘veja bem’ (...).”

Juliana

E no automatismo que segue nossa rotina, dificilmente abrimos espaço para pensar no outro, nos colocar no lugar do outro e isso dificulta que as mudanças nas relações entre as pessoas possam ocorrer naturalmente. Temos um dia cheio de compromissos, horários e reuniões e, por vezes deixamos de nos dar um tempo para nos alimentar melhor ou sentar para comer com uma pessoa querida que há muito não vemos e tanto nos faz bem. Essa neutralidade do viver condena a experiência (Larrosa, 2011), pois não dá abertura para o novo, para o respirar fundo, para o mastigar devagar, vivemos uma corrida sem destino nem fim. Repetindo esse trecho de uma fala que aparece numa categoria anterior, Juliana acrescenta a importância de tornar nossas experiências mais humanas:

(...) “Tornar as nossas experiências mais humanas. O mundo está tudo tão objetivo, neutro, imparcial. E quando a gente começa a tornar as coisas mais humanas, a coisa vai mudando, tudo muda. De dentro pra fora. O de fora muda. Tudo passa a florescer de uma outra forma. A gente passa a perceber como a gente precisa dizer pras pessoas: ‘Olha, você é importante!’ Pegar um papelzinho na rua. Eu sei que você não vai ler, vai jogar fora. Mas pega o papelzinho.”

Juliana

A exemplo do que Juliana coloca, Joana expõe que uma de suas alunas realiza entrega de panfletos nas ruas e que o simples fato de aceitar aquele papel cria um ambiente de aceitação daquele indivíduo por trás do papel.

“Agora você falou... Minha aluna veio falar pra mim que ela... Agora quando eu vejo qualquer pessoa entregando folheto, eu vejo a minha aluna. Aquele sentimento que ela expressou pra mim... Eu fiquei: ‘Ah, sério?!’ Ela falou: ‘Não, que a gente é obrigado a ir lá. A gente trabalha aqui e tem que divulgar o lugar...’ Agora eu pego o papel. É o simples fato de você pegar e olhar pra pessoa e obrigado e...”

Joana

A intervenção de Joana gerou uma discussão no grupo que levantou outras questões relacionadas à ação de distribuir panfletos nas ruas. E Isaque acrescentou que geralmente pega esses papéis distribuídos nas ruas por ‘pena’ dessas pessoas receando o prejuízo dos profissionais que estão divulgando seu serviço por este meio. Mas até que ponto a ‘pena’ não se constitui também numa forma de negação?

“Isso é um problema, porque você está ajudando a ‘panfleteira’, mas está prejudicando o dono. É complicado. Eu pego os papéis todos que eu vejo na rua, porque eu tenho pena da pessoa que tem que acabar. Mas e o dono que tá perdendo o papel que você não vai ler.”

Isaque

Pela definição encontrada em dicionários de português⁴, *pena*, no sentido utilizado, significa “sentimento provocado por sofrimento alheio” isto é compaixão, dó, lástima, mas será que nas relações sociais humanas isso é suficiente? Em nossa interpretação, esse sentimento gera um incômodo com a presença do outro, pois na verdade isso é quase que uma denúncia da injustiça social, da desigualdade e do nosso comodismo frente a tais situações de negação de uma classe de indivíduos. Comodismo esse muitas vezes chamado de bem-estar. Portanto, a expressão sentir pena do outro não equivale a colocar-se no lugar do outro, mas sim a uma tentativa de fuga da realidade que vemos no outro (Freire, 1996). E a discussão prossegue com a fala de Eliana:

“Eu penso por esse lado também. Eu estou aumentando o lixo do mundo.”

Eliana

A reflexão de Eliana também se faz válida, pois o mundo a que ela refere-se é o mundo em que vivemos e que deixaremos para as próximas gerações. Mas Joana insiste que mesmo considerando todas essas variáveis, existe um ser humano por trás de cada papel entregue nas ruas:

“Tem o tratamento com a pessoa...”

Joana

Isaque retruca:

“Sim, eu falo ‘Não, obrigado’.

Isaque

Perante a toda essa discussão, Juliana trouxe à tona um caso que presenciou certa vez:

“Teve um cara esse ano. Um físico, completamente reacionário. Dá até ódio de ouvir o cara falando. Esse cara fala umas barbaridades. Tenho vergonha. Mas aí teve uma hora que ele falou uma coisa que eu achei genial. Ele disse que a filha dele foi tentar se inscrever na USP e aí parece que o reitor negou a menina. ‘Como assim renega a minha filha? Não sei o quê, não sei o que lá!’ Ele foi lá na reitoria, maior caô, mas tudo bem. Ele foi falar com o Rodas: ‘Você sabe quem eu sou? Você sabe de onde vem a minha filha?’ Contando a história. Aí

⁴ "PENA", In: *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, 2008-2013. Disponível em: <http://priberam.pt/dlpo/PENA>. Acesso em: 04 out. 2013.

diz que teve uma hora que um cara veio perguntar se eles queriam água e café. A menina dele falou: ‘Não, não quero não!’ Aí o cara falou pra ela: ‘Você fez tudo certo até agora. Mas agora você fez uma coisa muito errada. Quando alguém lhe oferece alguma coisa, você não tem que negar, porque quando você nega, nesse sentido, você está renegando o trabalho da pessoa, você está falando pra ela o quanto ela não é importante, o quanto ela não vale nada. Ela só está oferecendo uma água e um café pra você. Então, mesmo que você não queira, mesmo que o café for ficar cheio lá, você aceita.’ Na hora que o cara falou isso, eu pensei: ‘Nossa, pode crer!’ É uma metáfora.”

Juliana

E nesse momento, a própria Juliana fechou a discussão anterior:

“Mas é bizarro pensar nisso, se a gente for ficar pensando em tudo que a gente aceita e com isso faz a pessoa continuar sendo explorada, a gente surta. Porque tudo é uma exploração. O pobre tem que existir, porque o rico tem que existir. Entendeu? As coisas estão aí, mas quando você para pra olhar de outra perspectiva e esse cara me fez pensar nisso. Toda vez que eu vejo alguém entregando um papelzinho, eu lembro do cara falando da pessoa que oferece um café pra você. **É difícil, mas a gente tem que encontrar caminhos... caminhos que nos façam bem.** Se você aceita o papelzinho e vai pensando que tem que aceitar papelzinho, o papelzinho vai me fazer mal, então não aceita, sabe? É o seu limite. Mas se não vai custar nada, aceita. Joga o papel fora, joga no lixo de preferência, não joga na rua. Ou aceita uma água. A pessoa às vezes fica feliz. É o lance do bom dia. Você pode humanizar isso de várias formas.”

Juliana

E é exatamente isso, a negação ou a aceitação do outro como legítimo outro na convivência, começa por nós mesmos, por nossa história, por nosso viver cotidiano, nosso ser e estar no mundo. A partir do momento que há uma autoaceitação do indivíduo por seu viver, é possível distinguir com maior clareza o que lhe faz bem ou não, sem a necessidade de destituir o outro de uma existência como legítimo outro numa convivência amorosa. O sujeito precisa estar no centro de si mesmo para que possa acolher e aceitar o diferente, o outro (Maturana e Dávila, 2009).

4. Experiências de encantamento

Uma condição básica para que exista a possibilidade de experiências de encantamento é o ato da aceitação do outro como legítimo outro numa convivência amorosa, de escuta e respeito. Como observamos, pela definição de Larrosa (2011), a experiência é ‘aquilo que nos passa’ e para que algo nos passe, precisamos estar abertos, a escutar, a receber, ao novo. Nesse sentido, Jorge, nos relata um episódio de sua experiência profissional como monitor que se constituiu numa experiência de encantamento.

Seguindo na linha de raciocínio sobre a negação de alguns indivíduos diante de uma dificuldade de comunicação, Jorge contextualiza o episódio:

“Eu vou juntar um pouco do que vocês estão falando... Eu vou voltar nessa questão que você falou da... Quando eu trabalhei na Estação Ciência, surgiu uma vez, foi um grupo justamente de deficientes, não lembro, mas acho que eram ali da frente, da Estação Especial da Lapa, se não me engano. E realmente, a gente fica falando assim desse negócio de escola particular e de escola pública, mas o preconceito é maior quando você pega um grupo de pessoas deficientes. Os monitores não querem nem chegar perto. Não querem nem aparecer. E você imagina a gente na Matemática? Quem conhece a Estação Ciência imagina, o que que eu faço com o pessoal?”

Jorge

Mas um aspecto importante a se observar na seguinte fala de Jorge é a empatia que ele próprio coloca em relação ao grupo. E isso tem relação direta com o fenômeno social na linguagem, a identificação com determinado grupo social pode favorecer a comunicação entre os indivíduos (Larrosa, 2004 e Maturana, 1978).

“Mas eu que tenho um pouco de deficiência visual não tive muita dificuldade, não, e falei: ‘Eu pego o grupo!’ Tinha uns surdos-mudos, tinha uma cega, tinha vários problemas. Eram uns dez aproximadamente.”

Jorge

Larrosa (2001) indica que todos os dias realizamos muitas atividades, numa rotina intensa, com horários fechados para cada uma das tarefas e ao final do dia permanecemos os mesmos, nada nos tocou, nada nos atingiu, nada nos passou. Isto significa que, em geral, não vivemos verdadeiras experiências. Neste sentido, Jorge indica que não precisamos de tudo isso, basta um ‘sorrisinho’ para viver uma experiência, uma coisa que nos encanta e que conseqüentemente, nos marca pelo resto da vida.

“É interessante, assim, porque você não precisa mostrar 500 experimentos, 500 coisas, basta que você consiga esse sorrisinho, esse

sinalzinho de algum. Eu lembro que a moça cega... ‘E agora, como eu vou conseguir isso?’ E aí eu não lembro exatamente qual o experimento que eu fui. Mas eu falei: ‘Vou tentar usar o seu tato, pra te mostrar um pouco do que a gente tem aqui!’ Então, a pessoa foi apalpando, eu não lembro que conceitos matemáticos, o que foi que eu falei, o que foi que eu mostrei. Mas foi usando o tato dela. E eu vi no rosto dela um sorriso que, sabe, acho que eu nunca vi em ninguém na minha vida. Ela conseguiu entender um pouco do que eu estava falando com os outros.”

Jorge

A experiência surge a partir da abertura do indivíduo para o novo, e como sinaliza a fala de Jorge a seguir, nossos ‘pré-conceitos’ por vezes são impeditivos da experiência, seja ao impô-los aos outros ou ao limitarmos-nos por eles. Assim, o preconceito constitui-se num mecanismo de negação social (Silva, 2006), de negação do outro, de negação de sua presença numa convivência social, isto configura um viver doloroso (Maturana e Davila, 2009).

“O pessoal surdo-mudo era um pouco mais fácil porque eu não sei libras até hoje, mas tinha pessoas ali que sabiam. Então, eu ia falando e eles ficavam se comunicando entre eles. Mas eu acho que é isso que você falou. Qual é o objetivo? O que a gente quer com aquilo? E o que a gente quer é o mais importante. A gente como pessoa. O que eu acho que é muito importante. Você precisa querer antes de qualquer coisa. Então, eu podia simplesmente: ‘Não vou pegar esse grupo. Eu não sei libras. Eu não sei lidar com esse tipo de coisa. Alguém que tenha estudado isso aí que se vire.’ E não é bem assim, a gente pode também fazer a diferença praquelas pessoas. Realmente, a gente muitas vezes tem um preconceito com determinadas coisas. E a gente não consegue nem cumprir com a função... nem com o nosso próprio objetivo a gente não consegue cumprir.”

Jorge

Assim como na fala de Jorge, Gustavo ressalta episódios durante sua atuação no Museu biológico do Instituto Butantã, em que as experiências de encantamento se davam principalmente com relação às experiências com o ‘novo’. Nesse caso, ao ver animais que não são comumente encontrados no convívio social de determinados grupos:

(...) “Lá no Butantã, podia ser criança, velho, de escola pública ou privada, eles saíam apaixonados. Tem museus assim... Pelo menos nesse que eu trabalhei, no Biológico... Lá são animais vivos por exemplo e o pessoal saía encantado (...). E o monitor lá era bem diferente disso, de fazer: ‘Ah, fica todo mundo em silêncio!’ Você tinha que entrar lá com alguma coisa tampando o ouvido, era uma gritaria. A gritaria faz parte. Uma pessoa, já pensou?, uma pessoa que

nunca viu uma cobra e você coloca o bicho na frente dela, ela vai gritar. Não tem como você falar: ‘Fica quieto.’ E é incrível como os bichos despertam, sabe?, um interesse (...). Mas o fato é que desperta uma coisa (...).”

Gustavo

A fala de Eliana a seguir exemplifica experiências de encantamento que aceitam o indivíduo. Percebe-se em sua fala que a ‘areia’ é algo muito importante para ela e que faz parte de seu viver. Quando o outro se dispõe a ouvi-la falar sobre sua paixão por este elemento e demonstra satisfação com isso, Eliana sente-se aceita e mais do que isso, realiza-se nesta ação ao “contagiar” outras pessoas com o seu fazer no viver.

“É sério. É porque, assim, eu trabalho com uma coisa que pra muita gente é insignificante. Por exemplo, areia. Quem vê a areia com um olhar que eu olho? Então, assim, a partir do momento em que a gente aplica a oficina e a pessoa fala: ‘Nossa, nunca vi isso!’ (enfática) Você fica assim, o seu coração até palpita, você tem vontade de chorar... Eu acho que acontece isso em cada monitoria que você dá, em cada aula que você dá.”

Eliana

E a experiência de encantamento tem um potencial de transformação, autotransformação e transformação do outro (Freire e Shor, 1986). Mas a transformação não é algo trivial, pois exige uma tomada de consciência, autonomia, reflexão e posicionamento político. Eliana coloca que observar as contribuições de sua ação para a transformação do outro é algo singular:

“Você está mudando uma coisa na pessoa, a pessoa está vendo aquilo de outra forma. Eu acho que isso é sensacional. A gente está acostumado a ver as coisas assim, é isso, é aquilo. Ver uma coisa diferente, ver que a pessoa está vendo a coisa com um olhar diferente eu acho que é impagável. Eu tenho muita vontade assim de dar aula pra fazer isso. Pra tentar. Eu sei, realmente é difícil. (...) E voltando àquilo de mudar as pessoas e mudar o olhar, eu acho que é sensacional. Se você conseguir fazer de dez, em um, já é um sucesso. Porque é difícil, as pessoas estão costumadas a olhar as coisas de uma forma só.”

Eliana

Isaque acrescenta a importância da mediação humana no processo de aprendizagem, pois o aprendizado também pode constituir-se numa experiência de encantamento. Principalmente quando um indivíduo, teoricamente, tem todos os elementos disponíveis para entender determinado conceito (logo abaixo no exemplo dado por Isaque do Museu da França) exceto a mediação humana, observa que os conceitos não se encaixam e em outro momento, a presença de um indivíduo, mesmo

que com menos equipamentos (Isaque na Estação Ciência) explica o mesmo conteúdo de forma que o público entenda. Possivelmente a situação narrada por Isaque tenha sido uma experiência de encantamento para ambas as partes e mesmo que esta família não consiga facilmente explicar o conteúdo, podem eternizar aquele momento em seu viver. Assim como observamos a satisfação de Isaque ao ouvir que sua atuação nesse momento fez toda diferença. É um reconhecimento do indivíduo, do seu trabalho, do seu viver.

“Vou dar um exemplo (...) de experiência na Estação Ciência, quando atendi um grupo de pessoas e depois no final chegou um casal com dois filhos e falou: ‘Obrigado pela explicação de como ocorre o terremoto, a gente sempre teve essa curiosidade e a gente foi num museu na França, e o terremoto lá é seis vezes mais forte. Faz um ano que a gente foi lá e a gente não tinha entendido até hoje como é o processo.’ E nós, lá na Estação Ciência, com toda a simplicidade que a gente tem lá, eles falaram que entenderam. Isso foi gratificante. E a gente como ser humano, a gente precisa ser um pouco alimentado. Eles vieram elogiar e isso me animou. Eu contei pros meus amigos e anima os outros também (...).”

Isaque

Hoje, a grande quantidade de informação e a velocidade dos acontecimentos são excessos que não contribuem para promover as experiências e a educação não está fora disso (Larrosa, 2001, 2011). Assim, a fala de Eliana nos sinaliza que proporcionar experiências de encantamento na educação pode ser um desafio, mas é tão gratificante saber que tivemos uma contribuição na formação pessoal e profissional de alguns indivíduos, que vale a pena continuar:

“A gente tem que pensar que nunca vai conquistar cem por cento. É bem isso que você falou: em dez, se você conquistou um, está ótimo. É vitória. É isso que eu penso nas oficinas que eu dou. Tanto que teve uma menina que passou na Geologia. Eu sou apaixonada por Geologia. (...) Então, essa menina, eu acho que talvez eu tenha influenciado ela. Eu acho que em parte sim. Ela estava super desmotivada. ‘Ah, eu acho que não vou conseguir passar... não sei quê!’ Ela passou na Federal do Paraná. Eu fiquei super feliz por ela. Ela vai estudar pra lá. Eu acho que eu tive uma parcela em relação a isso. Ela me manda recado. Isso faz a diferença, não é? (...) Ela viu que pode ser diferente. E a gente sempre tem que lutar por isso, não é? Eu acho.”

Eliana

A educação pode e deve gerar experiências de encantamento que levem à transformação dos sujeitos e dos grupos. A educação que propicia experiências de encantamento, e consequentemente a transformação dos indivíduos, é uma importante

ferramenta para a conquista do território e para a construção de uma identidade (Callai, 2004 e Souza, 2010).

Juliana coloca também que existem outras relações, além da disponibilidade do indivíduo para essa transformação possa ou não ocorrer. Interesses sociais, políticos e culturais que permeiam as relações humanas de forma a manter certos padrões.

“Tem uma relação de poder nos museus que a gente precisa levantar. Tem uma relação de poder nesses espaços. O espaço está lá, mas não está isento de poder. Por exemplo, quando você está na escola, você tem que obedecer o professor, o diretor, o agente escolar. Você tem que obedecer todo mundo. Então tem uma relação de poder e fica mais difícil o aluno questionar. Tem uns que questionam, xingam... Se você for conversar com cada um que já sofreu alguma coisa na escola. O espaço tem uma relação de poder. Quando você sai da escola e vai pra um museu, não vai ter um professor falando: ‘Você tem que ficar quieto, porque o monitor vai explicar isso pra você.’ E o espaço também. Um espaço bonito, lindo. O planetário, por exemplo. Leva uma criança pro planetário pra você ver. O moleque fica tipo, assim (faz cara de deslumbre). Nossa, nem sai palavra. E é legal pra ele aquele espaço. Mas tem um poder naquele espaço também. Agora, se você tem uma conversa informal...”

Juliana

Mas apesar das relações de poder presentes no espaço, quando há a abertura para que o indivíduo também participe desse processo de construção, os frutos gerados podem ser mais duradouros. Como no exemplo de Isaque, da comparação dos visitantes entre a Estação Ciência e o museu da França, citado anteriormente, talvez essa menina não saiba repetir a explicação sobre a explosão estelar, mas de alguma forma aquilo a tocou, a transformou.

“ Quer dizer, tem uma relação formal, porque você é autoridade, sabe mais que ele, blá, blá, blá... Mas quando você permite que ele abuse um pouco, sabe? De certas relações, a coisa vai se construindo, vai transpassando mais, vai transpassando de uma maneira diferente. Nunca vai esquecer disso, faz parte da experiência dele. Talvez ela lembre muito mais sobre uma conversa que ela teve sobre uma estrela. Tenho certeza que essa menina nunca mais esqueceu a história da estrela. Ela deve falar pra todo mundo e as pessoas devem falar: ‘essa menina é doida. O que é isso da estrela e tal...’ Mas ela lembra, tenho certeza disso. Toda vez que eu ia pra escola ela falava de estrela. Toda vez que ela me via, falava: ‘A professora da estrela. A professora de ciência da estrela.’ Impossível assim. É só isso.”

Juliana

Para finalizar esta categoria trazemos a seguinte fala de Jorge que faz um apanhado das falas dos colegas com relação a momentos que provavelmente os marcaram:

“Mas sabe tem coisas que poderiam... esses acontecimentos são singulares, se a gente for levar ao ponto. E indo pro museu, pode ver, o momento que ele falou de atender o grupo dos índios, o momento que eu falei de atender o grupo de deficientes. São momentos singulares, momentos que marcaram. Não é: ‘atendi um grupo na Estação.’ Não. É uma coisa singular. Uma coisa que fez a diferença. Eu acho que essa primeira frase vai nesse ponto. De fazer a diferença.”

Jorge

Essa fala de Jorge retoma todo o conceito que permeou esta categoria, o conceito de experiências de encantamento. Declara que esses momentos marcaram de tal forma que são momentos singulares e não apenas mais um grupo atendido no espaço do museu. Possivelmente estas experiências os modificaram em alguma medida.

5. Transformação pessoal e coletiva

A transformação, ou o princípio da transformação como vimos em Larrosa (2011), ocorre em nós mesmos e nós é que temos o poder de mudar o mundo, o nosso mundo e o mundo a nossa volta. Mudar, transformar, é um movimento interior e exterior e o ato de questionar é um movimento importante nesse processo (Freire e Shor, 1986). A instabilidade causada pelo questionamento é o primeiro passo em direção a uma mudança, a uma transformação, ou não. Sendo o questionamento um elemento de grande importância para a transformação, Juliana questiona a legitimidade das instituições como detentoras de verdades absolutas que cabem em alguns espaços e em outros não:

“Eu achava antes isso. Achava que aqui não tinha coisas. Mas acabei descobrindo que isso é uma mentira, porque aqui na Zona Leste tem muita coisa. Não tem museu, isso é um fato. Mas tem muita coisa. Afinal de conta a quem interessa esses museus? Agora, tem muita coisa aqui também. Tem muita coisa científica sendo feita. Muita gente trabalhando com muita coisa na Zona Leste. Que relação de poder está por trás? O que faz o museu ser uma instituição legitimada em alguns lugares e na periferia não? O que faz isso?”

Juliana

E vai além do questionamento, exprimindo sua opinião ao dizer que o mundo anda tão neutro e objetivo que tudo se torna objeto, mercadoria. Os elementos, as pessoas, de nossa sociedade atual têm assumido um preço e esquecido de seus valores (Freire e Shor, 1986):

“Pra mim, a chave é o que eles estão falando. Livros vendidos, ingressos vendidos, conhecimentos vendidos, pessoas vendidas, é tudo vendido. Tudo vira mercadoria, inclusive a educação.”

Juliana

Juliana fala também da importância da reflexão sobre o nosso viver. O fato de questionar até que ponto determinado modelo nos cabe, mas também refletir se é realmente aquilo que queremos ou se estamos novamente seguindo com a maioria, por vezes de olhos vendados. Refletir sobre nossas condições e ações é um modo de nos encontrar no centro de nós mesmos (Schon, 2000 e Maturana, 2004).

“Eu puxo muito da fala dele quando ele diz esse lance independente do objeto, se são coisas vivas ou não e tal. Eu acho que existe uma tendência na ciência... Eu venho estudando isso, porque faço TCC sobre como as mulheres são marginalizadas na ciência. E tem concepções que levam um pouco a isso, essa universalidade da ciência, esse lance de objetificação. Ser objetivo, porque o subjetivo não é legal. Se você é subjetivo é uma merda, se é subjetivo está tudo errado. O lance da imparcialidade, da neutralidade. E aí essas coisas

têm reflexo na gente e um reflexo muito forte. E a gente começa a achar que a gente está de fora dessa relação, que a gente olha como sujeito, mas todo o resto é objeto.”

Juliana

A fala de Juliana nos sinaliza que questionar e refletir são importantes ações para um autorreconhecimento e para o reconhecimento do outro de forma sadia em nosso viver. O tempo todo somos engolidos por nossas rotinas diárias (Larrosa, 2001), mas essas ações devem fazer parte de uma quebra dessa imparcialidade diária a que estamos condicionados.

(...) “Mas o que a gente pode fazer, e eu penso muito sobre isso, é o lance do ambiente que a gente constrói. E no ambiente que a gente constrói ideias estão circulando ali. E que ideia de neutralidade é essa que está sendo circulada ali? Quem circula? Por que circula? Como circula? E quando você começa a colocar essa pergunta, pra mim pelo menos, é muito importante porque você deixa de olhar como uma coisa de fora e completamente. Você deixa de ser objetivo. Você deixa de ser tudo isso, porque são muitas coisas e é justamente esse o objetivo do subjetivo, se a gente pode falar dessa forma. É você estar ali, é você refletir sobre aquilo que está acontecendo. Você pode tomar algumas escolhas ou não. Algumas coisas você pode fazer, não é? Acho que não é o caso de julgar aqui. Mas algumas coisas a gente pode fazer. Algumas coisas você pode escolher entre uma coisa e outra.”

Juliana

A seguir a fala de Juliana evidencia que as escolhas pessoais podem ter influência sobre o coletivo, sobre a sociedade:

(...) “É um fenômeno na vida de alguém você parar de comer determinadas coisas. Porque é uma escolha! Você contamina as pessoas que estão com você, você contamina tudo, tudo fica contaminado.”

Juliana

Mas evidencia também que essas escolhas individuais, em seu caso principalmente, são escolhas que cabem melhor ao seu viver. E que se essas escolhas causam uma quebra, uma ruptura, melhor, pois as rupturas servem para mostrar a uma sociedade tacanha, tal qual a que vivemos, que existem modos de ser e estar no mundo além daqueles colocados até então. Mas Jorge assume também uma certa descrença na sociedade atual:

(...) “Mas infelizmente é isso aí mesmo. A sociedade é assim: eu faço minha parte e não quero nem saber. É mais ou menos isso com os professores, cada um faz o seu e ninguém tá nem aí com nada.”

Jorge

A seguir, a fala de Jorge continua, mas agora não tratando de ações individuais ou coletivas apenas, mas de transformação. Como aparece na fala de Jorge, a transformação é causada por um evento singular que atinge nosso viver e que possivelmente faz a diferença na vida de outros indivíduos (Larrosa, 2011 e Maturana, 2004).

“Sim, eu acho que cada coisa que acontece ali pode se tornar uma coisa singular. Momentos únicos na nossa vida. Ou simplesmente uma coisa que passou, como vai falar ali embaixo. Só que o que fala ali embaixo de uma experiência que passa acho que tem uma coisa no sentido de que toca, despertar (...). Mas sabe tem coisas que poderiam... esses acontecimentos são singulares, se a gente for levar ao ponto. E indo pro museu, pode ver, o momento que ele falou de atender o grupo dos índios, o momento que eu falei de atender o grupo de deficientes. São momentos singulares, momentos que marcaram. Não é: ‘atendi um grupo na Estação.’ Não. É uma coisa singular. Uma coisa que fez a diferença. Eu acho que essa primeira frase vai nesse ponto. De fazer a diferença.”

Jorge

A mudança nem sempre é algo perceptível ou instantâneo, mas a emoção do indivíduo que se vê reconhecido pelo que é e pelo que faz pode ser percebida, inclusive pela forma como ele atua. Agimos baseados em nossas emoções, por isso não podemos dizer que um indivíduo é racional e outro é emocional. Todo indivíduo é emocional e nossa racionalidade está diretamente ligada à nossas emoções. O fato de reconhecer o trabalho do outro e, por conseguinte o próprio outro, causa neste, emoções que podem transformá-lo, podem alterar seu viver de forma muito positiva. Pequenas ações de reconhecimento do outro podem representar um elemento de ruptura e transformação na vida de um indivíduo. Entender que as coisas não estão prontas é um começo para aceitar as transformações.

“Nós somos a transformação que queremos no mundo” pode ser um jargão ambicioso, mas não deixa de ser verdadeiro. Nossas ações mostram quem somos e o viver que escolhemos viver e não há exemplo maior que nós mesmos em relação a quando pregamos determinadas ações.

(...) “Então olho de onde eu vim, de onde eu saí, da favela onde eu morei. Eu quero voltar lá e mostrar praquele pessoal que, da onde todo mundo falou que não saía ninguém, saiu um aluno da USP... E o

pessoal chega e pergunta: “Você vai dar aula em escola particular?” Eu falo: “Não eu vou dar aula em escola pública, porque pra mim o dinheiro não é tudo”. Você não sobrevive sem dinheiro, mas assim ter o mínimo possível pra viver. Eu sei que posso fazer onde eu morava, hoje eu moro numa casa no centro da cidade, mas eu sei que eu sei de onde eu saí e aquelas pessoas precisam de um professor ou de um amigo que incentive ela por exemplo a entrar na USP. Falar: “Então, você mora na favela, somos marginalizados, somos negros...”. Então, você chegar e dizer: “Você vai conseguir!”. Com isso eu estou mudando o mundo de uma pessoa, de uma família. Então, não vou querer mudar o Brasil. Mas eu sei que o que eu estou plantando talvez eu não possa enxergar o fruto pra ver que daqui dez, quinze anos aquela criança que eu estou trabalhando, desenvolvendo, ajudando, ensinando alguma coisa, ela vai pegar alguma coisa e vai gerar frutos.

Rafael

E o ato de mudar mundos também não é algo inalcançável, é também uma mudança individual ou a escolha de um modo de viver que pode ter reflexos coletivos. Essa mudança pode ocorrer de diferentes formas, mas essencialmente na linguagem entre seres humanos. Rafael relata que as palavras de um homem mudaram sua vida.

Então, eu tenho que ter uma visão macro e uma visão micro. Eu posso mudar o mundo de várias maneiras, depende de como eu vou enxergar. Então é essa visão que eu tenho. Talvez eu não consiga, eu brinco e tudo. Eu falo que a gente vai mudar o mundo. Eu tenho essa utopia. Eu sei que talvez não possa fazer muita coisa. Não possa mudar o mundo ou o Brasil, mas eu sei que vou mudar a vida de alguém. A mesma coisa eu falo em aula: ‘Paulo Freire mudou a minha vida! A maneira dele pensar... assim de um jeito que eu gosto. Me ajudou muito. Bateu muito!’ Eu nunca vi o Paulo Freire, mas o livro dele vai despertar o que muda meu interior, me mudou. Isso eu sei eu posso fazer. É a batalha que eu tenho como professor de ciência: mostrar que a física pode ser legal (...).”

Rafael

Assim Joana finaliza que a mudança que queremos para o mundo está em cada um de nós.

(...) “Então, eu acho que é isso. A minha mudança é tua. Transformar o mundo é uma transformação tua, não do mundo. O mundo vai estar aí, você vai morrer e o mundo vai continuar. E que mudança você conseguiu levar pra dentro de si. O que você mudou? Acho que é isso.”

Joana

Assim como procuramos tratar ao longo de toda essa categoria, a fala de Joana completa muito bem essa ideia. A transformação que queremos no mundo, na sociedade, começa em cada um de nós. A mudança de cada indivíduo que compõe um grupo social é um passo em direção à mudança da sociedade, isso através de nossas ações e interações no meio em que vivemos.

6. A ação do monitor e seu papel de morte na formação do público

O treinamento de formadores é sempre um item de grande importância. Os monitores de espaços de educação não formal em geral são professores que não concluíram a graduação. A ação do monitor sempre irá depender da orientação e treinamento que este recebeu pra cumprir suas tarefas no dia a dia. Essa ação pode ter resultados positivos ou negativos sobre o público atendido e é importante lembrar que em geral, os espaços ainda apresentam dificuldades na formação e treinamento de seus monitores (Massarani e Almeida, 2008). A seguir, Juliana coloca sua posição frente à presença de diferentes grupos no espaço do museu e critica o ato de exigir dos visitantes que se calem ou fiquem estáticos em um ambiente, que para estes indivíduos, tudo é novidade.

(...) “O comportamento de uma criança que vai no museu sempre e o comportamento de uma criança que vai no museu a primeira vez são completamente distintos. São experiências completamente distintas. Aí a professora cobra dos alunos, ou a gente mesmo cobra que eles fiquem quietos, que eles prestem atenção e nã, nã, nã... e quando na verdade eles não têm uma experiência cotidiana com aquilo. Tudo é novidade, tudo é bonito, tudo é legal e a gente quer que eles fiquem quietos e parados, ou julga ou faz qualquer outra coisa. Cobrar uma normalidade deles, quando na verdade às vezes é uma questão de falta de acesso. Não sei!”

Juliana

É importante ressaltar que a ação do monitor pode fazer toda diferença ao público que frequenta esses espaços, pois se mal-preparado pode cumprir um papel castrador, tolhendo a curiosidade e a imaginação não só de crianças e adolescentes, mas do público frequentador do museu como um todo. Fazendo-se um contraponto entre museu e escola, Juliana critica essas fronteiras, reforçando a ideia de que cada um é responsável pela mudança que quer no mundo, independente do espaço onde se esteja, na escola, no museu ou em outro lugar.

(...) “E eu acho que... Me incomoda um pouco essas fronteiras na verdade. Agora aqui a gente faz educação formal, aqui não formal. Eu acho que são fronteiras muito tênues, eu acho. Não dá pra definir e não dá pra relegar o espaço do museu como espaço que é legal, divertido, em detrimento de um espaço super hostilizado que é sala de aula. Eu acho que quem faz a sala de aula... Ela não é uma coisa assim imposta e colocada. Pra mim, ela é uma coisa que a gente constrói, na relação. Se você estiver se propondo a fazer coisas massas, vai ser um espaço tão legal quanto o de um museu. E se num museu a pessoa não estiver disposta e achar que todo mundo tem que ficar quieto prestando atenção, vai ser uma merda, como uma sala de aula. Quando a gente inverte essas coisas, a gente percebe... Eu percebo, pelo

menos, que o lance não é essa fronteira entre o que tem nesse espaço e não tem nesse espaço (...). Essa colocação, assim, de que não sei se é tão diferente assim, ou se é parecido. Já tive experiência em sala de aula que foram magníficas, tanto quanto essas de museu, e também tive experiências em museu que foram uma merda, tanto quanto experiências de sala de aula.”

Juliana

Assim, nossas ações determinarão o rumo do devir de nossas vidas (Maturana e Varela, 1995).

“Eu vejo que os elementos são outros. Quem faz os elementos serem como são é a gente.”

Juliana

Pensando que o monitor pode ter um papel positivo, proporcionando experiências de encantamento, ou negativo, cumprindo um papel de morte na vida dos indivíduos, exploramos agora esse papel de morte presente na fala dos indivíduos participantes do grupo focal. Juliana coloca como foi para ela a primeira situação em que a morte veio associada a emoções diferentes de medo. A partir deste trecho trazemos o papel de morte como uma metáfora apresentada logo adiante.

“Esse lance da morte pra mim... Eu tenho maior medo de morrer, assim. E medo de ao meu redor morrerem, as pessoas que eu gosto morrerem. Eu também já perdi minha avó e dói. É um negócio que nunca cicatriza. Uma vez eu estava lendo uma tese (...), aí a menina estava escrevendo um monte de coisa e aí ela escrevia sobre a vida e aí ela me lança um negócio assim: ‘Mas isso não é uma ode à vida, porque a morte também é bem-vinda.’ Esse negócio me marcou. Caramba, a morte também é bem-vinda. Deve ser maior legal morrer, por outro lado. Outras coisas devem acontecer com você morrendo. Pode ser que não aconteça nada, mas aí eu fiquei pensando assim que esse apego à vida, esse apego à gente, ao que está aqui, essa coisa toda. É um lance também meio... No que isso está baseado?”

Juliana

E nesse ponto há um elemento essencial na fala de Juliana, esse apego não é sadio. O apego aprisiona. Quando mantemos um emprego que nos faz mal apegados ao salário do qual dependemos mensalmente, estamos nos submetendo a um mal-estar devido a um apego. Mas o estamos fazendo para mudar essa situação que nos fere, que nos aprisiona? E a pergunta de Juliana segue exatamente nesta linha: No que se baseia esse apego que nos cega a outras possibilidades e nos paralisa diante de novas tentativas? O apego em si cumpre um papel de morte, pois aprisiona o indivíduo num viver doloroso (Maturana e Davila, 2009).

Pensando nesses diversos papéis de morte, Juliana coloca a morte como uma metáfora para o viver neutro e imparcial que alguns indivíduos adotaram ou a que somos condicionados diariamente.

(...) “Mas eu também fiquei pensando (...) que é a morte como uma metáfora. E essa metáfora pra mim, ela é o olhar. O olhar, pra mim, ele é essas morte. E a gente está sempre morto. Não sei, nas discussões que eu tenho com as pessoas, sempre digo: ‘A gente nasce de olho fechado. Vive de olho fechado e morre de olho fechado.’ É um olhar morto e que deixa tudo passar. Tudo passa nesse olhar morto. Numa metáfora clara. Tudo é sem importância o que a gente tem vínculo. É família, o amigo ou, sei lá, ou qualquer coisa que a gente estabelece ali um vínculo sentimento. E pra mim esse vínculo sentimental que a gente estabelece é completamente manipulável, muitas vezes a gente não percebe, mas muitas vezes ele tem um eixo ali.”

Juliana

Vemos essa morte do olhar como uma negação de nossas emoções fundamentais e um apego a certezas de conformismo (Maturana e Davila, 2009). Isso nos desloca da possibilidade de sermos um ser da experiência, pois nos tornamos assim impermeáveis, insensíveis (Larrosa, 2011).

“A gente deixa de olhar para as coisas, como coisas que a gente tem sentimento. Um mendigo na rua é tão banal, a gente está tão acostumado que a pessoa está morta. Assim, quando eu não sinto nada numa situação, aquilo está completamente morto. Não tem sentido. E se eu não estou sentindo nada, tem uma coisa muito errada. Se eu vejo uma criança ali, por mais que eu não possa fazer... Mas se eu não estou sentindo nada, tem alguma coisa errada. Transpassou tão forte dentro de mim que eu perdi a sensibilidade. Eu preciso recuperar. Eu fico assustada e eu não consigo demonstrar afeto com isso. Pra mim, isso significa o nascimento de uma coisa muito bisonha que é essa morte. Um paradoxo assim. A insensibilidade pra mim é o nascimento de uma coisa morta. E é muito difícil lidar com isso. A minha vida inteira eu passei por situação, no museu também a gente passa por situação que sempre são completamente bizarras.”

Juliana

E como a própria Juliana coloca a seguir, às vezes nem percebemos, mas a força de nossas ações é significativa, seja de forma positiva ou negativa.

(...) “Às vezes uma piada, assim. Um comentáriozinho de nada. Você faz um estrago, tanto pro bem como pro mal.”

Juliana

E completa:

“Essa primeira frase pra mim, a morte é singular nesse ponto, é uma metáfora, pra mim, fenomenal para que não deixemos que nasçam coisas mortas na gente. E a todo momento está nascendo coisa morta, em todos nós. É um esforço a gente tentar viver coisas vivas em nós, se é que eu posso falar assim. Não deixar esse plasma morto e bizarro e preconceituoso e tudo que a gente pode imaginar ficar, porque senão as coisas vão passar, nada vai atingir, nada vai transpassar.”

Juliana

A partir do momento que permitimos que essas “coisas mortas” como coloca Juliana nasçam em nós, estamos nos revestindo de uma armadura que nos impede de ver outras coisas e outras pessoas, gerando assim um viver doloroso principalmente a nós mesmos. Nesta situação nos negamos e negamos o viver do outro. E pensando em sua experiência no museu, Jorge relata como o monitor então pode ter um papel de morte:

“Ela [a criança] vai [ao museu] esperando determinadas coisas e ali o que a gente faz como monitor pode matar tudo isso. (...) Não estamos dando um tiro em ninguém, mas a gente está dando um tiro na curiosidade, um tiro na instigação. De repente, aquela criança tem um sonho de ser físico, ou astrônomo. Aí chegou lá, o monitor é uma merda, o monitor não fez nada, o monitor estava com sono, o monitor não queria fazer... sabe? Eu não estou dizendo que a gente está fazendo um trabalho mal-feito ou bem-feito. Não é nesse sentido. Mas a gente mata também, como o professor, como o monitor, a gente traz essa morte. E pra gente não é singular, pra gente é um acontecimento. De repente, nem é um acontecimento. A gente nem sabe que matou a curiosidade (...). Ou um dia você está meio desligado, meio mal. Aconteceu alguma coisa e aí né, você faz uma coisa meio que mal feita e nem percebeu. Mas e aquela pessoa que estava esperando algo a mais? E a pessoa: ‘Nossa, queria ver aquele negócio mesmo...’.”

Jorge

As ações do monitor em seu espaço de atuação podem constituir-se em experiências de encantamento ou cumprir um papel de morte, daí a importância de trabalhar com esse monitor não só conteúdos técnicos, que são de suma importância, mas também o pertencimento àquele espaço e a importância da mediação humana. Assumindo esse espaço como seu, o monitor passa a zelar pelo mesmo e cria daí uma identidade que irá facilitar muito o processo de mediação nos museus e centros de ciências.

Considerações finais

A primeira consideração que se faz importante é que a atuação dos monitores em museus e centros de ciências é muito ampla. Mesmo que em geral, pelas instituições aqui representadas, não haja um programa consolidado de ação educativa que ofereça treinamento e capacitação adequados ao atendimento de grupos em seus respectivos locais, a formação profissional e humana desses indivíduos é muito ampla de acordo com a intensidade de sua atuação nesses espaços.

A coleta de dados deste trabalho, suportada pelo referencial teórico adotado, reforça a importância da mediação humana. A ausência da figura do mediador em espaços científicos de educação não formal serve apenas para confirmar os conhecimentos já sabidos pelo público visitante (Ovigli, 2009). A presença dessa figura da mediação humana possibilita uma maior interação que dá abertura para o questionamento, o desafio, o levantamento de hipóteses, enfim, possibilita uma abertura do olhar para uma leitura de mundo mais ampla.

Uma das principais contribuições deste trabalho está descrito no Domínio “LCN: um processo de conquista de território”. A coleta de dados que deu origem a este trabalho teve uma participação majoritária de estudantes ou graduados em LCN e a condução do grupo, a partir do referencial adotado, possibilitou um espaço de expressão onde se evidenciaram elementos além de sua atuação em museus e centros de ciências. Por ser um curso relativamente novo, num *campus* novo, com uma proposta diferente de todos os *campi* da USP existentes até o momento, esses indivíduos passaram por diversos processos de reconhecimento e aceitação. Separamos esta parcela dos dados como um domínio, pois contempla todas as categorias distinguidas neste trabalho, um processo que envolveu a linguagem como parte de um fenômeno social, a ruptura de certos padrões de negação impostos por determinados grupos sociais ou instituições para chegar a um ambiente de aceitação mútua que os respeita em suas diferenças. O domínio do conhecimento em determinados espaços lhes possibilitam um empoderamento, que resulta de num processo de transformação pessoal e coletiva. Em geral, o “novo” causa estranhamento e esses estudantes passaram e ainda hoje têm passado por esse processo de estranhamento, mas atualmente com maior prioridade sobre sua identidade e seu território de atuação.

Além das experiências narradas pelos monitores terem nos conduzido a observar esse processo de conquista de território por parte do grupo de LCN, essas experiências também mostraram estreita relação com nosso referencial teórico. Desta forma, as categorias aqui apresentadas emergiram tanto do *corpus* analisado quanto do referencial de análise. Isso por que somos seres biológicos e culturais, Savater (2005) aponta que nascemos duas vezes, uma do útero materno, biologicamente e outra na convivência social, onde desenvolvemos nossas possibilidades de humanidade. As experiências narradas pelos participantes ressaltam a importância proporcionada pela atuação em museus e centros de ciências tanto para a posterior atuação profissional como para a contínua formação humana.

Essas experiências que agregam valor à formação profissional e humana constituem-se tanto em experiências positivas como negativas, aqui chamamos essas experiências positivas de experiências de encantamento. Pelos relatos dos participantes a linguagem é o principal instrumento de comunicação que pode promover tais experiências, essa linguagem se dá não apenas através de palavras, mas gestos, toques, olhares. E é nesse sentido que no início deste texto ressaltamos que o trabalho de mediação destes grupos é extremamente amplo nos espaços científicos de educação não formal, a linguagem apresentada nestes espaços depende da disponibilidade de cada indivíduo que ali se encontra para reconhecer o outro como legítimo numa convivência amorosa.

A partir da finalização deste trabalho, entendemos que em algum momento seja possível a idealização de um programa de mediação de atendimento à monitores baseado na biologia cultural e nas experiências de encantamento. Um programa que contenha a mediação de quem organiza e coordena o museu em conjunto com as experiências trazidas pelos monitores, junto ao público e entre si.

Bibliografia

- ARCAS, P. H. “Saresp e progressão continuada: implicações na avaliação escolar”. *Revista Estudos em avaliação educacional*, São Paulo, v. 21, n. 47, p. 473-488, set./dez. 2010.
- ASCHIDAMINI, I. M.; SAUPE, R. “Grupo focal: estratégia metodológica qualitativa: um ensaio teórico”. *Cogitare enferm*; 9(1): 9-14, jan.-jun. 2004.
- AUSUBEL, D. P. *The acquisition and retention of knowledge: a cognitive view*. Dordrecht, The Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2000.
- BARBOSA, N. M.; OLIVEIRA, A. L. B.; TICLE, M. L. S. *Ação Educativa em Museus: Caderno 04*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura/ Superintendência de Museus e Artes Visuais de Minas Gerais, 2010.
- BELL, J. R. *Divulgação científica: mediadores, facilitadores e sua evolução na Europa*. In MASSARANI, L. *Workshop Sul-americano & Escola de Mediação em Museus e centros de ciência*. p. 111-118. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.
- BIZZO, N. *Ciências biológicas*. In: BRASIL. Ministério da Educação. *Orientações curriculares nacionais do ensino médio*. Brasília, DF: MEC, 2004. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: 6 abril 2013.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora, 1994.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: ciências naturais*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio. Parte III: ciências da natureza, matemática e suas tecnologias*. Brasília: MEC, 1999.
- BRASIL. IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, v.31*. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, orçamento e gestão, 2011. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_anual/2011/Sintese_Indicadores/sintese_pnad2011.pdf>. Acesso em: 28 abr 2013.
- BRAUND, M & REISS, M. *Learning Science outside the classroom*. USA & Canadá: Routledge Falmer, 2004.

- BRITO, F. *Experimentando a mediação: desafio constante*. In: MASSARANI, L. *Workshop Sul-americano & Escola de Mediação em Museus e centros de ciência* (p. 111-118). Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.
- CALLAI, H. C. *O estudo do lugar como possibilidade de construção da identidade e pertencimento*. VII Congresso Luso-brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra:2004. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/HelenaCallai.pdf>>. Acesso em: maio 2013.
- CAZELLI, S.; COIMBRA, C. A. Q.; VERGARA, M.; COSTA, A. FALCÃO, D.; VALENTE, M. E. *Mediando ciência e sociedade: o caso do Museu de Astronomia e Ciências Afins*. In: MASSARANI, L. *Workshop Sul-americano & Escola de Mediação em Museus e centros de ciência*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.
- CAZELLI, S.; MARANDINO, M.; STUDART, D. *Educação e Comunicação em Museus de Ciências: aspectos históricos, pesquisa e prática*. In: GOUVÊA, G.; MARANDINO, M.; LEAL, M. C. (Org.). *Educação e Museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciências*. Rio de Janeiro: Editora Access/Faperj, p.83-106, 2003.
- CHASSOT, A. *Alfabetização científica: questões e desafios para a educação*. 2 ed. Ijuí: Unijui, 2000.
- DAVILA, X.; MATURANA, H. “Hacia una era post posmoderna en las comunidades educativas”. *Revista Iberoamericana de educación*. nº 49. 2009. pp. 135-161, 2009.
- DE LUCA, A. *Educação libertadora: a proposta pedagógica de Paulo Freire na formação e na prática dos professores da atualidade*. Trabalho final de curso. Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.
- DE MASI, D. *O ócio criativo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- DE MASI, D. *Criatividade e grupos criativos*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- DE MEIS, L. *Ciência, educação e o conflito humano-tecnológico*. 2 ed. São Paulo: Senac, 2002.
- DE MEIS, L. *O método científico: como o saber mudou a vida do homem*. Rio de Janeiro: Vieira Lent, 2005.
- DOWBOR, F.F. *Quem educa marca o corpo do outro*. São Paulo: Cortez, 2008.

- FERREIRA, T.; BONFÁ, M.; LIBRELON, R.; JACOBUCCI, D.; MARTINS, S. *Formação de monitores do Museu de ciências da DICA: preparo além da prática*. XI Encontro de pesquisa em ensino de Física. Curitiba, 2008.
- FLORES, M. “La identidad cultural del territorio como base de una estrategia de desarrollo sostenible”. *Revista Opera*, nº 7. p. 35-54. Mayo, 2008.
- FORNAZIEI, C. Z. M.; MAGALHÃES JR, C. O. “Museu de ciências e sua importância na formação de professores”. *EDUCERE – Revista da educação*, Umuarama, v.8, n.1, p. 31-39, jan./jun. 2008.
- FOUREZ, G. *Alfabetización Científica y Tecnológica: acerca de las finalidades de la enseñanza de las ciencias*. Argentina: Ediciones Colihue, 1997.
- FREIRE, M. *Educador, educa a dor*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 34ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P.; SHOR, I. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- GARCIA, V. A. R. *Mediação em zoológicos: um olhar sobre a experiência do Zôo de Sorocaba*. In: MASSARANI, L. *Workshop Sul-americano & Escola de Mediação em Museus e centros de ciência*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.
- GOHN, M. G. “Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas”. *Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação*. Rio de Janeiro, v. 14, nº 50, p. 27-38, jan./ mar. 2006.
- HAKAS, M. *O papel do orientador na Ciência viva*. In: MASSARANI, L. *Workshop Sul-americano & Escola de Mediação em Museus e centros de ciência* (p. 111-118). Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.
- HEIN, G. E. *Evaluating Teaching and Learning in Museums*. (pp. 189-203) In: E. H.G, *Editor, Museum: London: Routledge, 1995*.
- HOBBSAWN, E. J. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.
- INFANTE-MALACHIAS, M. E; CORREA, P. R. M. Problemas complexos en el mundo post-industrial. *Novedades Educativas*, v. 203, p. 29-33. 2007.
- INFANTE-MALACHIAS, M. E.. 2013. *Sistemas sensoriais o nosso meio de comunicação com o mundo*. Capítulo de livro no prelo. Campinas; Átomo & Alínea.

JESUS, S. N. “Desenvolvimento profissional e motivação docente”. *Revista Educação*. Porto Alegre – RS, ano XXVII, n. 1 (52), p. 39 – 58, Jan./Abr. 2004. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/373/270>>. Acesso em: 24 abr. 2013.

JULIÃO, L. *Apontamentos sobre a história do museu*. In: BRASIL. *Cadernos de diretrizes*. Brasília: 2002. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br>>. Acesso em: 6 abr. 2013.

KRASILCHIK, M. “Interdisciplinaridades: problemas e perspectivas”. *Revista da USP*, v. 39 (p. 38-43), 1998.

LANGHI, R.& NARDI, R. “Ensino de astronomia no Brasil: educação formal, não formal e divulgação científica”. *Revista Brasileira de ensino de Física*, v. 31. N. 4. 2009.

LAPO, F. R; BUENO, B. O. “Professores retirantes: um estudo sobre a evasão docente no magistério público do estado de São Paulo” (1990-1995). Caxambu – MG: 23^a *Reunião Anual da ANPEd*, 2000. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/0806t.PDF>>. Acesso em: 23 de abr. 2013.

LARROSA, J. “Experiência e alteridade em educação”. *Revista reflexão e ação*. Santa Cruz do Sul, v. 19, n°2. p. 4-27. 2011.

LARROSA, J. *Linguagem e educação depois de Babel*. Coleção “Educação: experiência e sentido”. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LARROSA, J. “Notas sobre a Experiência e o Saber da Experiência”. *Leituras da Secretaria Municipal de Campinas*. Campinas, SP, n.04, julho de 2001.

LARROSA, J. *Notas sobre a narrativa e a identidade*. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. *A aventura (auto) biográfica: teoria & empiria*. p. 11-22. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

LARROSA, J. “Sobre la experiencia”. *Aloma: Revista de Psicologia, Ciències de L'Educató i de L'Esport*, Blanquerna. n.19, 2006. Disponível em: <<http://www.raco.cat/index.php/Aloma/article/viewFile/103367/154553>>. Acesso em: maio 2013.

LEMKE, J. L. “Investigar para el futuro de la educación científica: nuevas formas de aprender, nuevas formas de vivir”. *Enseñanza de las ciencias*, 24 (1), p. 5-12. 2006.

LENT, R. *Neurociência da mente e do comportamento*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

- LINDEGAARD, L. M. *Mediação em museus de ciência*. In: MASSARANI, L. *Workshop Sul-americano & Escola de Mediação em Museus e centros de ciência* (p. 111-118). Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.
- MARANDINO, M. *Ação educativa, aprendizagem e mediação nas visitas aos museus de ciências*. In: MASSARANI, L. *Workshop Sul-americano & Escola de Mediação em Museus e centros de ciência*. p. 21-28. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.
- MARANDINO, M.; IANELLI, I. T. “Modelos de educação em ciências em museus: análise da visita orientada”. *Ensaio: Belo Horizonte*. v. 14, n. 01, p.17-33. Jan-abr, 2012.
- MARANDINO, M. “Interfaces na Relação Museu-Escola”. In: *Cad.Cat.Ens.Fís.*, v. 18, n.1: p.85-100, abr. 2001.
- MARANDINO, M. *Educação em museus: a mediação em foco*. São Paulo: Geenf. FEUSP, 2008.b
- MARANDINO, M. *Museus de Ciências como Espaços de Educação In: Museus: dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna*. Belo Horizonte: Argumentum. p. 165-176. 2005.
- MARANDINO, M. “Transposição ou recontextualização? Sobre a produção de saberes na educação em museus de ciências”. *Rev. Bras. Educ.*, Ago, no.26, p.95-108, 2004.
- MARONI, A. A. *E por que não? Tecendo outras possibilidades interpretativas*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2008.
- MASSARANI, L; ALMEIDA, C. *Introdução ao diálogo sobre a mediação em museus e centros de ciências*. In: MASSARANI, L. *Workshop Sul-americano & Escola de Mediação em Museus e centros de ciência*. p. 5-9. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.
- MASSARANI, L. *Ciência e criança: a divulgação científica para o público infanto-juvenil*. Rio de Janeiro: Museu da Vida. Casa de Oswaldo Cruz. Fiocruz, 2008.
- MASSARANI, L.; MERZAGORA, M.; RODARI, P. *Diálogos & ciência: mediação em museus e centros de Ciência*. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2007.
- MASSARANI, L. *Workshop Sul-americano & Escola de Mediação em Museus e centros de ciência*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

- MATURANA, H. *Biologia do fenômeno social*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- MATURANA, H. *Biology of language: the epistemology of reality*. In: MILLER, G., LENNEBERG, E. *Psychology and biology of language and thought: essays in honor of Eric Lenneberg*. New York: Academic Press, 1978.
- MATURANA, H. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Organização Cristina Magro e Víctor Paredes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- MATURANA, H. & DAVILA, X. *Educación desde la matriz biológica de la existencia humana: biología del conocer y biología del amar*. www.matriztico.org, Chile: 2005.
Disponível em:
<http://72.14.209.104/search?q=cache:JIESOSL8u60J:www.unesco.cl/medios/biblioteca/documentos/sentidos_educacion_ponencia_humberto_maturana_ximena_davila.pdf+www.+unesco.cl/medios/biblioteca/documentos/+sentidos_educacion_ponencia_humberto_maturana_ximena_davila.pdf+-&hl=es&ct=clnk&cd=1&lr=lang_es> Acesso em: 27 out. 2013.
- MATURANA, H.; DAVILA, X. *Habitar Humano - Em seis ensaios de Biologia-cultural*. Editora: Palas Athena, 2009.
- MATURANA, H. & DAVILA, X. “Hacia una era post pós-moderna en las comunidades educativas”. *Revista Iberoamericana de educación*. Nº 49. p. 135-161. 2009.
- MATURANA, H. *Emoções e linguagens na educação e na política*. Tradução: José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- MATURANA, H. *Transformación en la convivencia*. Santiago de Chile: JCSáez Editor, 2004.
- MATURANA, H., VARELA, F. *De máquinas y seres vivos*. Santiago de Chile: Editorial Universitaria, 2008.
- MATURANA, H., VARELA, F. *A árvore do conhecimento*. Munique/Alemanha: Editorial Psy II, 1995.
- McDANIEL, C., GATES, R. *Pesquisa de marketing*. Tradução de James F. Suderland Cook. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- MELLO, L.A.R., SILVA, M.F.V. “A superação das dificuldades dos professores de biologia para ensinar física na oitava série – um estudo de caso”. *Rev. Brasileira de Educação*. 2004.

MENEZES, L. C. De. *Ensinar ciências no próximo século*. In: HAMBURGER, E. W.; MATOS, C. *O desafio de ensinar ciências no século XXI* (p. 48-54). São Paulo: Edusp, 2000.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2010.

MOMO, A. R.B; SILVESTRE, C; GRACIANI, Z. *O processamento sensorial como ferramenta para educadores: Facilitando o processo de aprendizagem*. São Paulo: Memnon, 2011.

MORAES, R.; BERTOLETTI, J. J.; BERTOLETTI, A. C.; ALMEIDA, L. S. *Mediação em museus e centros de ciências: o caso do Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS*. In: MASSARANI, L.; MERZAGORA, M.; RODARI, P. *Diálogos & ciência: mediação em museus e centros de Ciência*. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2007.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. “Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces”. *Ciência & Educação*: Bauru, SP, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

MORAES, R. “Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva”. *Ciência & Educação*: Bauru, SP, v. 9, n. 2, p. 191-210, 2003.

MOREIRA, M. A. *Aprendizagem significativa crítica*. Atas do III Encontro Internacional sobre Aprendizagem significativa de 11 a 15 de setembro. p. 33-45. Lisboa, 2000.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MORITA, E. M. *O papel da formação continuada no desenvolvimento profissional de professores de ciências*. Dissertação de mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: 2012.

NASCIMENTO, S. S. *O corpo humano em exposição: promover mediações sócio-culturais em um museu de ciências*. In: MASSARANI, L. *Workshop Sul-americano & Escola de Mediação em Museus e centros de ciência*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

NETO, O. C., MOREIRA, M. R.; SUCENA, L. F. *Grupos Focais e Pesquisa Social Qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação*. Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro de 2002.

OVIGLI, D. F. B. *Os saberes da mediação humana em centros de ciências: contribuições à formação inicial de professores*. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: UFSCar, 2009.

PASSEGGI, M. C. *A experiência em formação*. Educação, Porto Alegre, v. 34, n.2, p. 147-156, maio/ago. 2011. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/8697/6351>>. Acesso em: 23 abr. 2013.

SCHÖN, D. A. *Educando o Profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2000

SILVA, A. C. *Mapas conceituais: uma ferramenta para a aprendizagem significativa e colaborativa*. Trabalho final de curso. Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

SILVA, L. M. “O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiência”. *Revista Brasileira de Educação*. v. 11 n. 33 set/dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n33/a04v1133.pdf>>. Acesso em: maio 2013.

SMITH, M. K. *Non Formal Education*. Infed: The encyclopaedia of informal education. Disponível em: <<http://www.infed.org/biblio/b-nonfor.htm#idea>>. 1996; 2001. Acesso em: abr. 2013.

SOUZA, M. W. “O pertencimento ao comum mediático: a identidade em tempos de transição”. *Revista significação*. Nº 34, 2010. p. 31-52. Disponível em: <http://www.usp.br/significacao/pdf/Significacao34_2%20Mauro%20Wilton%20de%200Sousa.pdf>. Acesso em: maio 2013.

UNESCO. *Unesco world report: Towards knowledge societies*. Paris: UNESCO Publishing, 2005.

USP. *Escola de artes, ciências e humanidades da Universidade de São Paulo*. EACH em números: graduação. Disponível em: <<http://each.uspnet.usp.br/site/download/each-numeros-graduacao-2012.pdf>>. Acesso em: set. 2013.

WELLER, Wivian. “Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método”. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.32, n.2, p. 241-260, maio/ago. 2006.

ZIMMER, R. O. D. *Registro reflexivo do agir e do pensar de um grupo encantadamente comprometido com a proposta curricular transformadora*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, PUCRS. Porto Alegre. 2004.

Apêndice

Apêndice 1. Roteiro de debate do Grupo focal

Obs.: Em cada momento da atividade encontram-se itens pelos quais a discussão deveria seguir.

Grupo focal – Roteiro de debate

Reflexão com base nas seguintes afirmações:

1º Momento: “Experiência: o que me passa”

“Se o livro que lemos não nos desperta como um punho que nos golpeia no crânio, para que lemos? (...)” Kafka in Steiner, 1994.

- () Construção do sujeito, enquanto eu;
- () processo inconsciente
- () Negação do outro, “só ouço o que me interessa ouvir”.

2º Momento: “O meio caminho: fase de (auto) reconhecimento”

“Os acontecimentos da atualidade, convertidos em notícias fragmentadas e aceleradamente obsoletas, não nos afetam no fundo de nós mesmos. Vemos o mundo passar diante de nossos olhos e nós permanecemos exteriores, alheios, impassíveis. Consumimos livros e obras de arte, mas sempre como expectadores ou tentando conseguir um prazer inconsequente e instantâneo. Sabemos muitas coisas, mas nós mesmos não mudamos com o que sabemos.” Larrosa, 2011.

“Um acontecimento qualquer, por exemplo a morte, é a mesma desde o ponto de vista do acontecimento, porém singular desde o ponto da vivência, da experiência do sujeito.” Adaptado de Larrosa, 2011.

“A experiência é o que me passa. Não o que faço, mas o que me passa.” Larrosa, 2011.

“(…) experiência: experiência de vida, experiência na vida. (...) Maroni, 2008.

- () (Tomada de) consciência
- () Experiência sem parênteses: as coisas acontecem independente do sujeito
- () Máscaras sociais

3º Momento: A prática de mudar mundos

“Não se pode mudar o mundo sem mudar as pessoas: mudar o mundo e mudar as pessoas são processos interligados.” Gadotti, 2008.

() Aceitação do outro

() Considerá-lo como uma integração: cultural, biológico e histórico.

Você gostava do trabalho em museus? Por quê?

Qual é o contraste deste tipo de ambiente com a sala de aula?

Como se sentiram?

Desafios do trabalho num espaço como este: dificuldades, medos, problemas, saídas, solução.

Anexos

Anexo 1. Termo de consentimento de participação em pesquisa

Consentimento n°. _____

Declaro ter sido esclarecido a respeito das informações e atividades que farão parte da pesquisa “**A compreensão dos monitores de espaços de educação não formal sobre sua atuação em museus e centros de ciências: uma abordagem biológico-cultural**”. Ao ser informado pela pesquisadora Amanda Cristina da Silva e a sua orientadora sobre a minha participação nesta investigação, ficaram claros para mim quais serão os propósitos de estudo, os procedimentos a serem realizados e as garantias de confidencialidade. Entendi também que as minhas produções entendidas como, textos, entrevistas, declarações, questionários tanto gravadas ou escritas serão analisadas e publicadas (guardada a minha não identificação por nome próprio). Sabendo que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, durante ou depois do estudo. Sendo assim, declaro que concordo em participar voluntariamente desta pesquisa.

Nome do voluntário

RG n°.

Assinatura

Data

Anexo 2. Transcrição do grupo focal

Obs.: Devido a um equívoco operacional, a gravação começou depois que Eliana e Isaque já haviam se apresentado.

Joana_ Meu nome é Joana. Eu me formei em LCN. Tô atuando aí, dando aula. Gosto de dar aula pra galera. Trabalhei em museus, no Catavento Cultural, na área da astronomia.

Gustavo _ Meu nome é Gustavo. Sou formado em Biologia, trabalhei em museu. Trabalhei no Museu Biológico do Butantã. Depois trabalhei no Catavento. No momento, não estou mais nessa área de museu, mas me interesse pelo tema.

Jorge _ eu sou o Jorge. Fiz LCN. Atualmente estou fazendo doutorado em Educação Matemática na Unesp. E trabalhei um tempo na Estação Ciência na área da Matemática.

Juliana _ Eu sou a Juliana. Estou no sexto ano de LCN. Eu trabalhei na Estação Ciência e no Parque Cientec.

Rafael _ Eu sou o Rafael e estou no terceiro ano de LCN. Eu trabalhei no Parque Cientec e agora eu estou na Estação Ciência, onde eu fico em todas as áreas praticamente. E trabalhei na Ciranda da Ciência, na antiga Reusti.

Diana _ Meu nome é Diana. Eu fiz LCN e estou no Mestrado agora. Nunca trabalhei em museus e vim como observadora.

Pesquisadora _ Gente, eu sou Pesquisadora. Também conclui LCN e estou no Mestrado. Essa reunião que a gente está fazendo hoje é parte da coleta de dados do meu mestrado. Um grupo focal...

Maria Helena _ Sou a professora Maria Helena. Sou orientadora da Pesquisadora...

Pesquisadora _ Um grupo focal é uma metodologia de pesquisa qualitativa. Qualitativa porque ela não mexe com dados numéricos, ela vai mexer com dados qualitativos que envolvem a fala, a expressão. Os conteúdos mais subjetivos e o meu interesse de pesquisa é um interesse um tanto subjetivo. Não é algo calculável, algo numérico. Envolve na verdade pessoas e a relação entre as pessoas. Essa pesquisa, ela vai se basear basicamente na fala de vocês. Uma discussão sobre determinados tópicos dentro da pesquisa. Então, a gente vai lançar esses tópicos e aí a gente vai tentar acender uma discussão. Na medida do possível, a professora vai me auxiliar nessa discussão, a

direcionar ou retornar à discussão pra gente não perder o foco. Aí, o primeiro...

Professora María Elena _ Só um minutinho, Pesquisadora. A Juliana já participou de um grupo focal e a Joana também. Só pra vocês ficarem tranquilos, o grupo focal é uma discussão, onde não se faz uma pergunta e uma resposta. A pesquisadora, no caso a Pesquisadora, ela vai colocar uma frase, um pensamento, um tema e vocês lêem e escutam isso e o que que gera, o que que gera... O foco da pesquisa da Pesquisadora é o trabalho que vocês fizeram no museu. Então essas frases vão tentar levar vocês ao que fizeram e experimentaram dentro do museu. O que vamos pedir é que só um faça o uso da palavra e não todo mundo ao mesmo tempo. E não tem resposta certa e errada. Isso é o mais importante: é o que vocês viveram, o que vocês sentiram. É livre. Tem comidinha, levanta e pega. É livre. Então, não tem resposta certa. Vamos convidar à reflexão, a partir das frases e de pensamentos que a Pesquisadora vai trazer.

Pesquisadora _ Eu queria falar com vocês da experiência que vocês tiveram na educação não formal. Como a Eliana, ela não tem experiência no espaço do museu, mas ela tem experiência no espaço de trato com as pessoas dentro de uma oficina, de um espaço expositivo itinerante como uma exposição fora. Enfim, essas experiências e o estar junto é o que são mais importantes pra mim. A primeira frase que eu trago é do Jorge Larrosa, que é um filósofo espanhol.

(a frase é lida)

Pesquisadora_ Essa frase traz alguma coisa na mente?

Isaque _ Não sei. Estou pensando em alguma coisa do tipo. Não sei se vou fugir do foco, mas a gente lê porque tem as obrigações também, não é? Você lê porque o professor seu pediu. Porque seu pai lhe deu de presente. Acho que tem essas questões sociais. É um primeiro passo pra gente ser obrigado a ler. O que não quer dizer que a gente vá terminar ou vá absorver ou entender o que...

Gustavo _ Vou voltar um pouco no que você falou. Porque isso aí parece bem pesado. Você falou da obrigação de ler e eu acho que é isso. Acho que tem a obrigação de ler. Mas pra mim o que chamou atenção nessa frase foi assim “o que me desperta. Pra mim, quando eu busco algo no livro, estou querendo algo mais, eu quero saber, eu quero explorar. Eu quero olhar uma coisa que eu não conheço. Mas sempre num sentido de explorar. Eu acho que livro você escolhe ou não escolhe. Todo livro que eu pego e leio eu acho que sempre me desperta alguma coisa.

Juliana _ Eu discordo um pouco de você. Eu acho que algo que eu não compreendo é muito importante, não é?! Eu acho que é muito importante. A gente vive numa normalidade, não é? Numa suposta normalidade e quando uma coisa que ajuda a romper de alguma forma, é como se você estivesse quebrando um limite. Está fugindo da normalidade, heterossexual, classe média e blá, blá, blá. Então eu acho que se quebra esse contínuo, eu acho que é super importante. Você tá quebrando um contínuo... O mundo prepara a gente pra seguir esse contínuo. Quando você quebra, você golpeia. E tem que quebrar porque é pesado, porque dói, porque a gente sofre com tudo isso. Eu acho que você quebra um tipo de raciocínio, quebra essa linearidade completamente ilusória. Então, por isso eu discordo. Eu acho que esse deveria ser o papel da leitura: golpear a gente a todo momento. Uma vigilância. Você precisa estar sempre vigilante. E receber esses estímulos de ser golpeado o tempo todo é fundamental pra que a gente consiga ser melhor. Ser melhor não no sentido de produtividade, ser melhor pra você, pra quem vai estar no seu ambiente, pra quem vai estar no seu entorno. Faz parte da leitura que a gente tem, faz parte da nossa experiência, faz parte daquilo que a gente é, daquilo que a gente vive.

Joana_ Eu acho que a leitura está em tudo. Não só no livro como ele especificou. Se você buscar dessa forma, é uma leitura dirigida. Tenta quebrar a normalidade. É uma leitura. Então o que seria a leitura? e não uma leitura. Esse é um ponto que poderia pensar na sua fala. A leitura em si. O que é essa leitura em si? O que é a leitura?

Juliana _ Eu acho que é um lance que o Isaque tá falando. A gente tem que saber ler, tem que estar ali... É uma normalidade também

Isaque _ Mesmo que a gente esteja lendo um livro que a gente goste, tem o problema que você pode não entender. Esse não bateu tanto é o que está acontecendo. Você tem que buscar outra maneira de entender. Você gosta de astronomia, tá lendo sobre astronomia, mas pode não estar fazendo muito sentido. Isso, sei lá, desanima. Você tem que buscar outra maneira de compreender esse assunto. Você tenta ler pela curiosidade, mas às vezes só ler aquilo não vai matar a sua curiosidade, porque você não está compreendendo o que o livro está querendo dizer. Eu acho que cabe buscar outros meios de compreender o assunto.

Juliana _ Quando a gente não entende alguma coisa, sobretudo esses conhecimentos acadêmicos, eu acho que é porque a gente está dentro de um sistema que não permite que a gente compreenda. As nossas dificuldades em LCN. As dificuldades que eu encontro nas crianças com que eu me relaciono dentro do museu, sobretudo as de escola pública, elas têm dificuldade de entender vários termos, assim como eu tenho dificuldade de entender vários termos. Aí eu fico me perguntando se é uma questão de falta de vontade, de procurar essas ferramentas e ir atrás dessas ferramentas. Se a gente tem acesso a essas ferramentas ou se as coisas estão moldadas de uma tal forma que essas ferramentas não estão acessíveis, elas não estão disponíveis. O próprio museu às

vezes pode ser uma ferramenta não disponível. O comportamento de uma criança que vai no museu sempre e o comportamento de uma criança que vai no museu a primeira vez são completamente distintos. São experiências completamente distintas. Aí a professora cobra dos alunos, ou a gente mesmo cobra que eles fiquem quietos, que eles prestem atenção e não, não, não... e quando na verdade eles não têm uma experiência cotidiana com aquilo. Tudo é novidade, tudo é bonito, tudo é legal e a gente quer que eles fiquem quietos e parados, ou julga ou faz qualquer outra coisa. Cobrar uma normalidade deles, quando na verdade às vezes é uma questão de falta de acesso. Não sei!

Jorge _ Acho que o que a frase diz vai muito naquilo com que o Isaque começou. Porque se o livro que lemos não desperta a gente, como se fosse um tapa na cabeça mesmo (dá um tapa na própria cabeça), por que a gente lê ele?. Eu acho tem muito a ver com obrigações, com aquilo que dão pra gente fazer e não só porque é o pai ou é um presente... Porque de certo modo.. Por que a gente lê *Cinquenta tons de cinza*? Porque o livro está ali. Esses best-seller... São coisa que colocam ali pra todo mundo ver e tem outras coisas que não colocam.

Joana _ O que você deve saber? O que você deve ler? O que a galera tá lendo? O que é legal...?

Jorge _ De certo modo, a gente lê por lê. O livro que realmente deveria despertar, ele existe. Mas muitas vezes a gente nem sabe onde ele está. Não sei, parece uma coisa... Eu estou filosofando além da coisa, mas eu acho que é uma coisa de revelação. A gente só lê o que é disponível pra gente. Agora ligando um pouco com questões de museu. O museu deveria e deve vir com essa função de despertar na gente, com se fosse alguém batendo. Acorda! (gesticula intensamente) “Olha que interessante isso daqui!” “Você sabia que o mundo é desse jeito?” “Você sabia que tal fenômeno acontece desse jeito?”. Mas isso não acontece. O museu é um lugar, pelo menos na nossa sociedade, parece que ele não tem um lugar na sociedade, parece que é um lugar no além. Eu não sinto o museu... Apesar de estar melhorando, apesar de estar tendo... de estar ocupando cada vez mais um lugar diferente. Está surgindo museus de ciência. Mas eu ainda acho que o museu ainda não chegou nesse patamar de despertar esse... essa curiosidade nas pessoas. Só nesse poucos que você diz que conhece...

Isaque _ Eu penso um pouco diferente. As crianças que têm oportunidade de chegar lá no museu... Vamos pensar que são escolas particulares principalmente e algumas escolas do interior. Era um diferencial que eu via, depois o pessoal pode comentar. Entre as crianças, era diferente as que vinham da cidade de São Paulo, as que eram do interior e as de escola particulares. Quando eles chegavam no museu, aproveitavam a hora pra querer entender aquilo que ele leu. Ele leu, ele entendeu algumas coisas e outras ficaram vagas. Eles aproveitaram assim dos monitores e até do próprio professor dele pra aprender aquilo que ele gosta. Eu acho que você está indo pra uma questão

mais social. Eu já peguei pra dar aula numa escola na periferia. Os alunos lá não vão pro museu. Se você mora aqui na zona leste, realmente não tem museu. Ninguém vai lá tipo pra Lapa, na Estação Ciência ou lá no Catavento. Então eu acho que não é tanto essa questão social. Eles não têm museu aqui, por exemplo, mas também não têm incentivo dos pais, não têm dinheiro.

Joana _ O que pra eles é um museu? (Balança a cabeça em sinal de desconhecimento).

Isaque _ se você for ver em números... quem foi monitor aqui sabe. Milhões de pessoas passaram por mim. Você fala que as crianças não têm acesso ao museu. Tudo bem que a grande maioria pode não ter. Mas em números as crianças que eu atendi foi real. Números ali. Ingressos vendidos. Tinha dia na Estação Ciência que iam cinco mil pessoas. Modo de dizer... Entrou uma família lá e conversou com a gente, conversou com o monitor, passou em todas as áreas. Não tem como você falar que não tem acesso. Você está falando mais de uma questão social de periferia. Entrou pessoas no museu e visitou o espaço.

Jorge _ Então, aí é que tá. É igual livros vendidos. Muitos livros vendidos...

Isaque _ Eu estou tentando puxar para uma coisa do museu. Qual é a importância... (resmungos de terceiros) Tem biblioteca nas escolas, mas não tem interesse das crianças, não tem uma participação dos pais. Um monte de questão social.

Juliana _ Eu achava antes isso. Achava que aqui não tinha coisas. Mas acabei descobrindo que isso é uma mentira, porque aqui na Zona Leste tem muita coisa. Não tem museu, isso é um fato. Mas tem muita coisa. Afinal de conta a quem interessa esses museus? Agora, tem muita coisa aqui também. Tem muita coisa científica sendo feita. Muita gente trabalhando com muita coisa na Zona Leste. Que relação de poder está por trás? O que faz o museu ser uma instituição legitimada em alguns lugares e na periferia não? O que faz isso? Pra mim, a chave é o que eles estão falando. Livros vendidos, ingressos vendidos, conhecimentos vendidos, pessoas vendidas, é tudo vendido. Tudo vira mercadoria, inclusive a educação. Pra mim essas coisas não têm como serem desconectadas desse lance de falta de interesse. Ah, sei lá.. Ah, é vagabundo. É uma realidade que está posta e as coisas vão sendo encaminhadas como eles querem que sejam encaminhadas. Ele? Quando a gente fala eles, fala do que? Do Estado, a instituição, a própria universidade, que inibe várias coisas da gente. Várias coisas que a gente não pode produzir, que a gente tem vontade. Você precisa trabalhar! Você precisa disso, precisa daquilo. É uma série de fatores que não se resumem. E nunca vão ser

resumidos, eu nunca vou dar conta de dizer tudo, porque é o que a gente fala, cada um tem uma experiência, é variável. Então, pra mim é estranho ouvir que seja falta de interesse puramente. Soa muito estranho aos ouvidos esse negócio de ingressos vendidos. Isso pra mim diz muita coisa. Mas eu não estou te criticando.

Isaque _ Escola pública vai de graça. Mas o número de quem foi lá visitar o museu. Vamos puxar pro lado do museu. Eu acho que a questão social que vocês estão indo, pra mim não faz muito sentido entrar nele agora. Eu não achava que era isso que a gente estava discutindo. Não é isso. Você tá fugindo um pouco. Eu acho. Já que é uma conversa, eu acho.

Gustavo _ Sobre isso da escola pública que você comentou, o que você quer dizer? Qual é a diferença?

Isaque _ A particular paga dois ou quatro reais. E a escola pública é só agendar e entra de graça.

Gustavo_ No Butantã era assim também. Pessoal de escola pública não pagava. Pra mim, o aluno de escola privada ou pública entra no museu, e é como se o museu fosse um livro... Lá no Butantã, podia ser criança, velho, de escola pública ou privada, eles saiam apaixonados. Tem museus assim... Pelo menos nesse que eu trabalhei, no Biológico... Lá são animais vivos por exemplo e o pessoal saia encantado. Podia pagar ou não pagar. E o monitor lá era bem diferente disso, de fazer: “Ah, fica todo mundo em silêncio!” Você tinha que entrar lá com alguma coisa tampando o ouvido, era uma gritaria. A gritaria faz parte. Uma pessoa, já pensou?, uma pessoa que nunca viu uma cobra e você coloca o bicho na frente dela, ela vai gritar. Não tem como você falar: “Fica quieto.” E é incrível como os bichos despertam, sabe?, um interesse... E isso de escola pública ou privada. Eu não vejo muita diferença assim, perante o que ela está observando. Eu não vejo muita diferença. Mas o fato é que desperta uma coisa... É lógico, você não sabe falar o que ela aprendeu ou não. O que é aprendizagem?

Isaque _ A gente pensando como professor ficava feliz quando os alunos perguntam, quando os alunos participam da aula. Quando um aluno te pergunta, quando ele está participando ou está só escutando, aí eu via essa diferença, com alunos do interior e de escola particulares. Eles foram lá pra ouvir o que você está falando. Mesmo que o pai dele mandou ele se comportar ou se o professor mandou ele se comportar. A maioria de escola pública de periferia, as que eu recebi pelo menos, a maioria não tinha esse interesse todo. Ele iam lá e às vezes ficavam me olhando pra dizer que estavam me

respeitando, mas... E não é pré-conceito eu também estudei em escola pública e moro na periferia até hoje. Mas é a verdade que eu vi como monitor. Eles foram lá pra passear, pra tirar foto...

Juliana _ Mas não é um problema, qual o problema disso?

Isaque _ não é um problema, mas não é o que a gente espera como professor, como monitor. É o que você falou, a gente quer cobrar deles...

Juliana – Então as expectativas tem que começar a ser alteradas, por que eu não vejo problema nisso.

Isaque _ Eu também acho, só que você só foi pensar nisso quando foi dar aula. Quando a gente estava no primeiro e segundo ano, a gente pensava que o mundo era perfeito.

Jorge _ Quando a gente vai nesse ponto. Desculpa, mas é quando a gente realmente foge. O ponto central, como ele falou... Eu acho que nesse sentido a gente vai pensar qual é a função do negócio, do museu, do livro. Mas o que ela representa? Aí acaba... Pode ser que tenha que de repente numerar isso... E de repente, pra uma porcentagem da escola privada também talvez não tenha valor aquilo...

Isaque _ Eu acho que a gente tem que pensar no assunto como se fosse uma coisa ideal, sabe? Um aluno ideal. Numa redoma, num vácuo ou alguma coisa do tipo, pra falar do museu, pra discutir um assunto, senão o que eu falo e você fala não é válido.

Juliana_ Sabe que tem um vídeo do Eduardo Galeano que ele diz assim: “Pra que serve a utopia? Ela serve pra caminhar.”

Isaque _ Então se for assim, tudo que a gente falou não é válido. Tudo que você falou de cobrar do aluno ou não... também não vale. Se é pra discutir o museu...

Joana _ Também criar um comportamento? Que comportamento o aluno deve ter?

Isaque _ Não é que deve. É o que a gente espera ao entrar no museu...

Joana _ Que você espera?

Isaque _ Não que eu espero. Que você se agrada, digamos assim. Eu acho que ele começou a falar do papel do museu. Mas a gente ainda nem entrou no assunto. A gente tá discutindo questão social até agora.

Juliana _ Eu fico me perguntando qual é o papel de um museu que proponha... Isso eu questiono mesmo. Mas também não tenho resposta, mas também não estou buscando uma resposta, porque as perguntas elas também são interessantes. Um museu que se proponha a explorar os outros, explorar os bichos, aquelas espécies. Vamos prender no zoológico, vamos pegar pra pesquisa, vamos matar um monte de ratinho pra pesquisar... Eu fico me perguntando onde a gente vai parar com isso. Não sei se a gente precisa de outras coisas...

Joana _ Cria-se um museu pra que eles aprendam, mas digamos: eles realmente estão aprendendo? De que forma? É o saber...?

Juliana _ A instituição carrega tanto sangue. Essa coisa do lance dos biólogos e tudo mais, eu respeito. Quer dizer, mais ou menos! (risadas)

Professora Maria Helena_ Eu estou ouvindo e dá uma vontade de falar. Mas eu quero também calar e escutar. Muito pertinente todas as colocações. Mas o que eu queria destacar é uma falas de vocês. Olha a frase que Pesquisadora trouxe. O livro? Apenas o livro? Na verdade é uma figura. Vocês já pegaram todas as outras possibilidades. Ele está falando: "... se o livro que lemos nos desperta." Esse despertar tem a ver com o que você tava falando. Será que a experiência é a mesma? Você também tocou nisso... É uma frase que provocou muito bem, provocou realmente alguma reação. Se aquilo que vivemos, se aquilo que lemos... não me dá um soco, mas esse soco, não é pra me derrubar no chão, é para me despertar. O que é esse despertar? Tem tudo a ver com aquilo que você estava falando. Eu fujo por uma outros aspectos, por que é uma situação complexa, não estamos olhando um pedacinho, mas um todo. Tentamos focalizar um ponto, mas os outros não deixam de existir. O social, o político, a história, nós como seres humanos. Eu só estou falando que é por aí mesmo. E de novo, não tem uma resposta certa. Por isso eu queria saber se a Eliana ou o Rafael... Depois dessa idéias, desse brainstorm, vai gerando um movimento interno, vai saindo a ideologia, vai saindo o que eu sou, o que eu penso. Eu me lembro da experiência que eu tive lá no museu, a carinha de umas pessoas que eu vi, a vida que eu tive. Então isso é importante. Isso foi um disparador de emoções, de idéias. E era isso. Não é necessariamente o livro, pode ser outra coisa. A ideia era essa, será que o museu tem essa função. Só pra vocês pensarem, isso importa ou é só número de pessoas que pagaram ou se colocam ratinhos pra ver a gestação... Então tem muitas questões que são super relevantes... O papel dos biólogos, desde o papel dos biólogos que estudam a vida, mas acabam matando. Então eu queria saber de vocês. Se tocou alguma coisa.

Rafael _ A minha visão foge um pouco daquilo que... Voltando ao museu de ciência ou num livro, eles têm um objetivo. Quando você vai num museu de ciência ou vai ler um livro, você tem um objetivo. Talvez você não consiga demonstrar. Então, eu vou ler um livro. Pode ser qualquer livro, eu tenho aquele objetivo interno. O que o livro vai falar, o assunto que vai tratar ou o que eu estou esperando de um determinado museu de ciência... E no final disso o resultado vai ser completamente diferente daquilo que eu esperava. Não é o que eu pensava ou é algo inesperado. Eu falo isso porque a melhor turma que eu peguei lá foi uma turma de Guarani. Então assim... E a pior turma que eu peguei foram professores particulares de uma escola top de São Paulo. Então assim, quando os professores entraram e a gente avisava que ia falar tudo em termo científico e vou me aprofundar naquilo. E foi a pior decepção na Estação Ciência. Foram os professores. Porque eles não paravam, eram mal-educados. Eu parei minha apresentação e falei: “Como vocês querem respeito dos seus alunos, se vocês não estão respeitando o monitor aqui?” “É assim que vocês tratam seus alunos?” E teve briga entre os monitores pra ver quem ia pegar os professores da escola top de São Paulo. E quando chegaram a turma de índios: “Ah, é índio! Não vou pegar!” Eu peguei essa turma de Guarani e foi a melhor dos oito meses que eu trabalho lá. Foram os mais dedicados, os que faziam as perguntas mais inteligentes. Foram os melhores. Eu até peguei o contato deles, são do Jaraguá. Então assim, isso me despertou muitas coisas também. As pessoas olham pra um objetivo...

Professora _ Que coisas lhe despertaram?

Rafael _ Assim, as pessoas pré-julgam. E às vezes prejudicamos nós mesmos. Porque é professor dessa escola, então tem um conhecimento maravilhoso. E não tinham. Ah, porque é índio, não sabe nada de ciência. E eu aprendi muitas coisas com eles. Eles enxergam a ciência de uma maneira diferente. Então, isso também me despertou. Então, hoje, vai escola particular, vai escola pública, teve esse projeto com algumas aldeias de índio. Então, pra mim, acho que é algo individual. Não posso falar de uma determinada sociedade, de uma determinada pessoa. Então, todo mundo vai com um objetivo, eu não sei qual é o objetivo dos professores ou desses índios Guarani que foram. Mas o meu objetivo como monitor eu consegui cumprir com aqueles índios.

Professora _ Na verdade o soco foi pra você.

Rafael _ Até eu briguei lá com os supervisores porque na verdade ninguém queria pegar os índios. Porque eles falavam em Tupi e tinha lá um que interpretava. Eles falavam pouco o português. Eu pego todo mundo. Dando um exemplo, do lado da Estação Ciência tem a parte de Reabilitação da USP e ultimamente muita gente está indo pra lá.

Eles vão fazer reabilitação e vão lá no Estação Ciência, por exemplo, eu sei um pouco de libra, então o pessoal diz: “Então, pega você!”. Mas o pessoal não tenta transpor as barreiras. Tem um pessoal que tem dificuldade na fala e vou lá mostrar um experimento pra eles. Então assim, as pessoas no seu mundo. Eu estou ali pra ganhar o meu dinheiro e eu não vou me esforçar pra ser o melhor. Inclusive, tem uma amiga nossa, a Léia, ela é tetraplégica, não anda, não fala, e ela, toda semana ela vai no Estação Ciência e fica horas e horas. Então assim, são dois monitores que conversam com ela. O pessoal exclui. (Gesto com a mão) E fala: “Ah, é seu amigo, você já conhece!” Tudo bem, é meu amigo, já conheço. Mas tem gente lá com mais tempo que eu e nunca parou pra explicar uma coisa pra ela. E ela sabe muita coisa, a gente conversa escrevendo. Então assim, livro ou museu, ele tem um objetivo. Tenho que descobrir qual é o objetivo pra mim e qual é o objetivo pra sociedade e o objetivo das pessoas. Essa é mais ou menos a minha visão.

Eliana _ O Gustavo estava falando como são passadas as coisas no museu. Eu estava pensando justamente nisso, em relação ao livro e ao museu. Pra mim, eu acho que as duas coisas têm a ver com a linguagem. Eu trabalhei em oficina e se eu recebo um grupo e começo: “Gente, vocês viram a areia? Olha que legal, vê aí!” A pessoa vai olhar: “Que coisa!?” Então, se a pessoa não tiver uma linguagem para o que ele quer passar, pra mim não vai passar. É a mesma coisa no museu, se você pegar um monitor que está assim: “Então, gente, isso aqui é a força elétrica de não sei o quê!” (balança a cabeça, abre os braços interrogativamente). A criança vai olhar e falar: “Tá.”. Pra mim, quando ele estava falando, despertou muito esse... não sei como é que chama, sei lá. Porque eu penso muito mais nessa parte da comunicação, pra mim isso é importante. A comunicação, porque se você não se comunicar... O livro também se subir muito, se o livro não se comunicar bem com você, se você não entender o que você está dizendo, não vai ser a mesma coisa, não vai despertar. Pode ser que o livro tenha assim uma coisa super interessante, super legal, mas não vai despertar. Não vai despertar, porque ele não conseguiu passar o que ele queria passar pra você. É mais ou menos o que eu penso em relação à frase e em relação ao museu também. Não sei, podem discordar... E também tem aquela coisa da obrigação, não é? Então assim, às vezes as pessoas, por exemplo, acha que isso é importante pra você, então ele vai mandar você ler o livro X, sendo que o livro Y que o importante pra você, que você vai entender. Mas se ele acha que o X é bom, ele vai mandar você ler o X... Você vai ler o X..!? Por quê? Às vezes eu penso nisso, que a gente está meio bitolado. Se o professor fala: “Ah, não ele tem uma formação melhor, então acho que vou ler aquilo porque ele acha que é importante!” Então, a gente fica meio assim canalizado, não sei.

Gustavo _ Essa conexão que você falou, acho que é o que tem maior importância. A pessoa que está vendo um livro ou um museu se conectar com aquele objeto. Assim,

quando eu penso em museu, penso em objeto, museu pra mim tem que ter objeto. Seja de coisas vivas ou não vivas. E essa comunicação que você falou da pessoa perante aquilo que ela está observando. E o papel do monitor... Quando ele faz esse link, eu acho que, meu, você ganha seu dia. Porque, seja de escola privada ou pública, o que eu percebia é que quando a pessoa está de frente praquela objeto e aquilo desperta alguma coisa, você nem sabe se ela está aprendendo ou não alguma coisa e nem é importante isso. Mas sei lá despertar, você vê que ela fica assustada ou ela ri, sabe? Uma faisquinha que seja. Pra mim, isso aí tem um valor. E, meu, sabe, e as pessoas que não sabem ler? Como elas fazem? Elas não podem ir no museu? Não, isso aí não tem nada a ver. Acho que esse link de comunicação é fundamental pra isso.

Jorge _ Eu vou juntar um pouco do que vocês estão falando... Eu vou voltar nessa questão que você falou da... Quando eu trabalhei na Estação Ciência, surgiu uma vez, foi um grupo justamente de deficiente, não lembro, mas acho que eram ali da frente, da Estação Especial da Lapa, se não me engano. E realmente, a gente fica falando assim de esse negócio de escola particular e de escola pública, mas o preconceito é maior quando você pega um grupo de pessoas deficientes. Os monitores não querem nem chegar perto. Não querem nem aparecer. E você imagina a gente na Matemática? Quem conhece a Estação Ciência imagina, o que que eu faço com o pessoal? Mas eu que tenho um pouco de deficiência visual não tive muita dificuldade, não, e falei: “Eu pego o grupo!” Tinha uns surdos-mudos, tinha uma cega, tinha vários problemas. Eram uns dez aproximadamente. É interessante, assim, porque você não precisa mostrar 500 experimentos, 500 coisas, basta que você consiga esse sorrisinho, esse sinalzinho de algum. Eu lembro que a moça cega... E agora, como eu vou conseguir isso? E aí eu não lembro exatamente qual o experimento que eu fui. Mas eu falei: “Vou tentar usar o seu tato, pra te mostrar um pouco do que a gente tem aqui!” Então, a pessoa foi apalpando, eu não lembro que conceitos matemáticos, o que foi que eu falei, o que foi que eu mostrei. Mas foi usando o tato dela. E eu vi no rosto dela um sorriso que, sabe, acho que eu nunca vi em ninguém na minha vida. Ela conseguiu entender um pouco do que eu estava falando com os outros. O pessoal surdo-mudo era um pouco mais fácil porque eu não sei libras até hoje, mas tinha pessoas ali que sabiam. Então, eu ia falando e eles ficavam se comunicando entre eles. Mas eu acho que é isso que você falou. Qual é o objetivo? O que a gente quer com aquilo? E o que a gente quer é o mais importante. A gente como pessoa. O eu acho que é muito importante. Você precisa querer antes de qualquer coisa. Então, eu podia simplesmente: “Não vou pegar esse grupo. Eu não sei libras. Eu não sei lidar com esse tipo de coisa. Alguém que tenha estudado isso aí que se vire.” E não é bem assim, a gente pode também fazer a diferença praquelas pessoas. Realmente, a gente muitas vezes tem um preconceito com determinadas coisas. E a gente não consegue nem cumprir com a função... Nem com o nosso próprio objetivo a gente não consegue cumprir.

Pesquisadora_ Eu vou deixar o Isaque falar e depois vamos pro próximo tópico.

Isaque _ Eu concordo com o Jorge. Eu concordo com o que ele falou. Só tenho um ponto a dizer. Atender um público que tem uma necessidade mais apurada, uma necessidade especial... É normal que as pessoas tenham medo, os monitores, os professores. Eu acho normal, porque os professores de escola pública muitas vezes não conseguem lidar com uma pessoa com deficiência, um cego ou surdo, ele não foi preparado pra isso. A gente, quando é monitor, não é nem preparado pra atender o público geral, ainda mais um público que precisa de uma necessidade mais elaborada. Cabe a cada um se esforçar. Mas assim, acho que ninguém é obrigado ninguém querer ser esforçar mais... É uma coisa a mais e aí acho que vai de cada um. Eu acho bonito o que você fez (refere-se a Jorge e Rafael), eu tentei uma vez atender um grupo de surdos, fazendo libras com o que eu sabia, (ri constrangido), não rolou. Mas eles leram meus lábios assim... foi uma tentativa. Depois disso eu entre num curso de libras com o Fulano para melhorar e eu não julgo quem não foi atrás disso, quem evitou de atender, porque é complicado assim, é difícil.

Professora _ Para fechar o que vocês falaram agora: despertar, comunicação, experiência, faísca, um sinalzinho. Uma pergunta: “O que a gente quer com tudo aquilo? Qual é o objetivo? O que eu quero? Por que eu estou lá, for a de ser obrigação, de estar dentro do currículo, porque vou ganhar um dinheirinho...” Ele falou: “se conectar com o objeto”. A linguagem. Esse se conectar com o objeto, eu deixo como uma pergunta: “Que objeto?” “O monitor também é objeto?”

[Juliana faz a leitura do próximo tópico]

Jorge _ Eu acho que a gente volta naquele ponto que eu falei no início, de que a gente é meio manipulado, as coisas estão ali, mas a gente parece que não consegue reagir. Tem político fazendo o que quer e o que não quer, se aproveitando de tudo. A educação é essa merda e a gente também... É meio assim, ou a mídia e livros e tudo... Não, tá tudo bem, os índices estão indicando que está tudo bem, está tudo certo, aumentamos não sei quantos por cento a qualidade do ensino. Agora se vendem 100 por cento mais livros do que dez anos atrás. E eu não sei, parece que vai ganhando esse sentido. Parece que não, está tudo errado, a gente não está aqui vindo... Bom, não sei.

Vários repetem_ Está tudo errado.

Jorge _ É, até eu estou errado... (Ri) Não sei se estou indo no ponto, mas estou cutucando nesse sentido. O que está aí não desperta a gente. Não, parece que no fundo, no fundo a gente permanece impassível. Fica quietinho.

Professora _ O que eu vejo do que você diz é que as coisas passam só na superfície da gente. Tudo parece que apenas encosta...

Jorge _ É, parece que as coisas não nos atingem. Parece que não é comigo. Nunca nada é com a gente.

Juliana _ Eu puxo muito da fala dele quando ele diz esse lance independente do objeto, se são coisas vivas ou não e tal. Eu acho que existe uma tendência na ciência... Eu venho estudando isso, porque faço TCC sobre como as mulheres são marginalizadas na ciência. E tem concepções que levam um pouco a isso, essa universalidade da ciência, esse lance de objetificação. Ser objetivo, porque o subjetivo não é legal. Se você é subjetivo é uma merda, se é subjetivo está tudo errado. O lance da imparcialidade, da neutralidade. E aí essas coisas têm reflexo na gente e um reflexo muito forte. E a gente começa a achar que a gente está de fora dessa relação, que a gente olha como sujeito, mas todo o resto é objeto. E inclusive outras pessoas, inclusive os outros animais e a gente não consegue perceber o quanto de exploração está por trás disso e o quanto a gente não está fora disso. Porque falar de exploração não significa que eu não explore. Não signifique que eu não mate, que eu não colabore. Uma série de coisas. E começa a perceber o quanto você está dentro desse processo, o quanto é engolido e manipulado mesmo. Tem certas coisas que não são da nossa alçada, tem coisas que ou a gente explode tudo ou não dá pra fazer nada. A coisa vai continuar rolando e o mundo vai continuar rolando. Ele não para pra ouvir o que você tem pra dizer. Mas o que a gente pode fazer, e eu penso muito sobre isso, é o lance do ambiente que a gente constroi. E no ambiente que a gente constrói ideias estão circulando ali. E que ideia de neutralidade é essa que está sendo circulada ali? Quem circula? Por que circula? Como circula? E quando você começa a colocar essa pergunta, pra mim pelo menos, é muito importante porque você deixa de olhar como uma coisa de fora e completamente... Você deixa de ser objetivo. Você deixa de ser tudo isso, porque são muitas coisas e é justamente esse o objetivo do subjetivo, se a gente pode falar dessa forma. É você estar ali, é você refletir sobre aquilo que está acontecendo. Você pode tomar algumas escolhas ou não. Algumas coisas você pode fazer, não é? Acho que não é o caso de julgar aqui. Mas algumas coisas a gente pode fazer. Algumas coisas você pode escolher entre uma coisa e outra. E eu acho que não significa... por exemplo, o veganismo tem sido uma coisa importante

pra mim, mas não significa que eu estou quebrando o Estado, que eu estou quebrando o mercado, que eu estou quebrando... Nossa, eu não estou consumindo carne, não. Nossa, aquilo e aquilo outro. (gesticula) Significa que pra mim, dentro de mim outras energias circulam. A energia que passa pelo meu corpo, o que está passando pela minha cabeça. E isso é revolução gigantesca na vida de uma pessoa. É um fenômeno na vida de alguém você parar de comer determinadas coisas. Porque é uma escolha! Você contamina as pessoas que estão com você, você contamina tudo, tudo fica contaminado. Eu acho que... Antes eu pensava mais na revolução armada. Não que eu deixei de pensar. Mas... Eu acho que um dia a gente vai fazer isso sim e vai ser muito legal. Eu não sei se eu vou ver isso, mas acho bacana que isso aconteça um dia. Eu começo a pensar nessas coisas de fazer nossa parte. Não falo fazer nossa parte de um jeito que o sistema coloca. “Ah, vamos fazer nossa parte... Ah, eu já dei minha cota pros pobres. Ah, eu já atendi tantas pessoas no museu...” Não é uma questão de provar nada. Mas mudar o que está acontecendo com você. Mudar essa da linearidade, da normalidade. Quando você começa a quebrar, vêm as rupturas. E as rupturas são fundamentais pra mim, sabe? Todo o tempo estar quebrando coisas. Todo tempo estar quebrando... Quando a gente vai atender um grupo de índio, pensar por que a galera não está querendo atender esses índios? Por que todo mundo quer o grupo de professores foda e por que a galera não quer atender os índios. Você vai fazendo umas rupturas. (gesto de quebrar com a mão) Você vai escolhendo fazer isso. É uma escolha. E os (três)... Acho que os três estão completamente colados com isso. Não sei o que é isso, porque eu não sou negra. Mas a experiência em um país extremamente escravocrata e racista. Eu acho que isso faz você pensar em muitas coisas. E eu por ser lésbica também, num país onde todo mundo é machista, lesbofóbico... Você não tem como descolar essas coisas. Eu acho que são essas experiências nossas que provocam essa ruptura. A gente por ser pobre, a maioria por ser mulher. E tem uma série de outras coisas. E a própria classe média também... Eu não sei o que é que a classe média está sofrendo... Mas imagino que deva ter muitas coisas acontecendo. Vai pipocando a ruptura. Enfim, o lance da ruptura pra mim é essencial e não consigo descolar ele nem de uma folha que cai da árvore. Eu não consigo. Não dá. É isso.

Gustavo _ Uma coisa que ficou pra mim dessa frase ou parágrafo enorme, pra falar a verdade. Nossa, é grande mesmo. (todos riem) É uma coisa que o Jorge falou e uma coisa que a professora falou também que os acontecimentos são muito superficiais e eles são tão acelerados que acho que... Os acontecimentos passam e se transforma numa velocidade enorme. Mas a pessoa em si (gesto com duas mãos para o peito) já tem o seu próprio tempo e assim... O que está escrito ali no final “... Nós sabemos de muitas coisas, mas nós mesmos não mudamos com o que sabemos.” Será que queremos mudar? Eu fico pensando. Porque muitas coisas mesmo a gente consome. E quando ela falou que tudo vira produto de consumo, é real mesmo. Os livros viram produto de consumo. E assim, tá passando o tempo todo e as coisas estão ficando obsoletas. Mas eu acho que a pessoa pra mudar, o pilar de tudo é a educação. Como o Jorge falou, ah, a

educação está uma merda. Mas é que é um processo que tem que ser tão duradouro e tem que ser tão profundo esse processo de educação pra mudar alguma coisa. É trabalhoso. E acaba sendo tão trabalhoso que às vezes as pessoas não dão valor mesmo. E é difícil mudar. Eu acho. A educação é muito difícil mudar. Então eu acho que, como está escrito ali, “nós não mudamos com o que sabemos”, eu acho que a mudança que ocorre é mais devagar do que os acontecimentos...

Juliana _ Sabe o que eu gostaria de acrescentar nessa conversa? É que além de trabalhoso, é doloroso. Isso dói, dói muito. É latente e intenso. A gente vê as coisas acontecendo doi muito. O tempo passando rápido e a gente não pode fazer nada. Dói, dói...

Rafael _ Nessa frase, a parte que me chamou atenção é a que fala que os acontecimentos da atualidade acontecem, mas chegam em notícias fragmentadas. Esse é o nosso problema. A notícia não chega inteira pra 99 por cento da população. Eu faço um estudo de educação ambiental com um professor aqui da USP e ele trabalha com educação ambiental. Então, a gente coloca educação e informação ambiental. A gente vê que, tanto em escola particular como escola pública, as pessoas têm informação de uma maneira fragmentada. O que a televisão falou, o que a mídia falou, o que a Globo falou, o que esses programas que todo mundo assiste estão falando... Então a informação chega de uma maneira errada pras pessoas e elas acabam internalizando isso. E uma vez internalizado é muito difícil estar tirando. Tem uma frase que me chamou muita atenção num filme que muita gente deve ter, já assistiu Homens de Preto e é algo que já desenvolvi um estudo sobre isso. As pessoas são inteligentes sozinhas, quando elas estão em grupo, elas acabam ficando burras, na história desse filme. Nós temos dificuldade de trabalhar em conjunto, por isso a gente acaba – com o perdão da palavra – se ferrando como brasileiro. Eu tenho meus problemas, cada um tem o seu problema. Eu posso enxergar o problema da pessoa, mas não vou querer me juntar pra poder resolver o problema dos dois. Então assim, nós somos muito individualistas, esse é o problema. Nós pegamos uma informação totalmente fragmentada, ou eu vou fragmentar aquela informação ainda mais, porque eu acho que só parte daquela informação serve pra mim, então já vou fragmentar ainda mais. E eu vou passar pra ela somente o que eu quero que ela saiba, não vou passar pra ela toda a realidade. Então vou chamar de uma maneira individualizada. O problema hoje, tanto pra quem trabalha com educação ou outro problema, é que a gente não sabe se organizar. Se a gente aprendesse a se organizar, nós ficamos fortes. É fácil, todo mundo fala, a educação não presta. Todo mundo fala que a gente tem que melhorar o meio ambiente. Todo mundo sabe disso. Mas quem quer se juntar, dar a cara a tapa e ir pra frente? Ninguém. Reclamar, isso eu falo pras pessoas, pro meus alunos, e acabo arranjando umas brigas por aí, na Estação Ciência e outros lugares... Porque reclamar, reclamar todo mundo sabe. Mas propor soluções e não só propor, colocar em prática, isso que é o nosso problema. Então, essa frase pra mim, o que me chamou a atenção é isso.

Joana _ Então, ligando com o que ele falou, reclamar todo mundo sabe, vai bem de encontro com aquela parte: “Vemos o mundo passar diante de nossos olhos e nós permanecemos exteriores, alheios, impassíveis...” Ou seja, a gente fica só olhando, você não deve fazer protesto, porque isso pega mal. Você deve ser passivo, você não se vê como um agente, alguém que pode transformar, porque você é pequeno. E da onde vem essa idéia? Quem está educando você? A escola não educa. Infelizmente... Várias idéias, é até difícil falar... Quando eu ouvi ele falar, eu lembrei de um filme que assisti recentemente. É “Muito além do peso”, não sei se alguém assistiu. As crianças estão sendo educadas pela televisão, super-herói, tudo é mais bonito do que o livro... A coca-cola... Por que eu vou ficar pensando sobre o líquido que tem ali. Pra que que eu vou ficar pensando sobre o líquido que tem ali? Vamos só tomar e acabou. Todo mundo faz isso.

Juliana _ Abra a felicidade.

Joana _ É, a felicidade instantânea. Tem uma parte ali que fala disso? Inconsequente instantâneo. Então vamos lá, uma coisa que você precisa. A gente está num meio tão difícil que, realmente, é difícil você ser um ator. Um agente que vá mudar, porque não é a escola. Não é a televisão. Não é a roupa. É tudo. E quem consegue olhar? Não sei como as pessoas conseguem enxergar de forma diferente a mesma televisão, a mesma notícia que o Jornal Nacional da Globo fala. Pra algumas pessoas, aquilo tem uma interpretação. Mas e a maioria? A massa? E essa maioria que está sendo marginalizada, e é passiva. Porque ela não consegue. Eu acredito na educação e é por isso que eu me formei no curso de professores, porque o mínimo que posso contribuir – eu acho pouco – eu tento. E realmente acredito nisso que a gente tem o poder de transformar, mesmo que pequeno. E eu estou ali, o professor está de frente. É uma batalha, o professor está dando a cara pra bater. Como é que você vai falar pro aluno (com um copo de água na mão): “Olha esse líquido! Olha o modelo dessa gota de água que tem aqui dentro, vamos pensar...” “Ah, professora, (gesto com a mão) vamos ouvir funk.” Sei lá, tudo passa na cabeça dele, que copo idiota, nada é atrativo, não é? Então, como você vai fazer que ele pense...

(risadas devido ao exemplo do copo)

Joana _ Eu acho que a gente tem que explorar que eles gostam de funk. Então vamos fazer que eles gostem de funk e de ciência. Na fala de vocês até fiquei triste aqui, mas essa passividade... Como você vai falar: “Acorda!!!” ?É muito difícil.

Jorge _ E o modelo que a gente tem de escola é de sei lá quando. Porque você tem que ficar sentado nesse monte de cadeirinha, sei lá, cinco horas por dia. Gente, isso não tem cabimento. Eu não gosto disso. Quem é que vem pra faculdade e não levanta duas ou três vezes pra ir lá fora? Não é verdade? Então, imagina as crianças que estão ali, querendo pular e gritar... Hoje a gente tem TV, tem internet, tem computador, tem facebook, tem funk que eu não gosto, mas tem. E infelizmente, a gente querendo ou não, isso deveria estar mais presente na sala de aula do que a gente imagina. Se os alunos levam o celular pra sala de aula e não tem jeito, a gente tem que usar o celular pra dar aula. Não sei como, mas sabe? Tem que mudar. Mudar a educação. A gente tem que se adaptar. Eu acho que é um pouco de adaptação. Eu sei que é uma loucura tudo isso.

Juliana _ Não é não! Acredite, não é loucura.

Jorge _ Eu estou falando que é loucura, dentro daquilo da normalidade que você falou. Mas de um certo ponto de vista, a educação, ele é uma merda, além da manipulação e tudo mais. Ela é tudo isso por causa desse atraso, desse descaso. O mundo super tecnológico está aí. Qualquer criança tem um celular melhor do que o meu, Iphone na sala de aula. E aí, como é que funciona esse negócio aí? Vamos estudar física com o celular, sei lá! Vamos estudar a gota de coca-cola, estudar os produtos químicos que tem aqui, ver o que faz mal pra saúde. Sei lá. Vamos conectar tudo isso! Mas não a gente insiste em fazer aquela aula em que o professor fica lá na frente cinco horas falando e os alunos sentadinhos.

Joana _ Porque é difícil você dar aula assim.

Jorge _ Mas aí tem um problema, o cara tem 40 horas/aulas. E só tem cinco, seis horas pra preparar a aula. Dessas 40 horas, ele tem tanta horas/aulas por semana. Então, não dá pra você exigir do professor também. O problema não é o professor em si. Claro que também precisa ter boa vontade, essa boa vontade dele. O monitor, ele atendeu um grupo. Precisa ter uma boa vontade do professor. E é o que eu digo, tem que vir também de nós. Tem que haver uma mobilização de cada um de nós, pra haver uma mobilização maior. Mas enquanto não tiver... cada um... ele vai fazer, de repente ele despertou

alguém lá na Estação Ciência, sei lá, vai ter mais alguém querendo fazer com ele, criando assim esse grupo de pessoas que quer trabalhar. Mas infelizmente é isso aí mesmo. A sociedade é assim: eu faço minha parte e não quero nem saber. É mais ou menos isso com os professores, cada um faz o seu e ninguém tá nem aí com nada.

Joana _ Aqui no curso também. Os alunos só querem saber de pegar o diploma e sair...

Jorge _ Entre os professores também. Cada um faz o seu e pronto. Os professores estão dando aula pra um curso de formação de professores insistem... Não vou falar o nome. Mas insistem a dar aula de astronomia pesada, mas pra que isso. Isso tem algum sentido dentro de um curso de formação de professores? O outro quer dar uma física ferrada, aquele negócio de física quântica... Tá! Mas eles estão formando professores que vão dar aula e aí. Cadê a conexão entre os assuntos? Por que que professor de física nunca conecta as coisas de astronomia, de biologia. O curso não é pra isso? As coisas são assim, a gente vai percebendo.

Eliana _ Em relação àquilo que você tava falando, juntar a coisa simples à ciência é algo muito, muito difícil. Eu trabalhei com o professor X e com outra colega e a nossa proposta era trazer a ciência do cotidiano pra dentro da sala de aula. Mostrar que tudo que a gente usa no dia a dia tem a ver com ciência. A gente pegou escolas públicas, salas de terceiro ano e eles não sabiam o que era molécula. Então assim, o sistema está errado. É desde lá de baixo. Assim, o professor também é oprimido. A gente fez regência, era uma professora excelente. Mas a escola não deixava ela fazer as coisas. Na verdade é uma bola de neve que tá toda errada.

Jorge _ Eu não discordo de você não. Eu entendo bem esse lado do professor.

Eliana _ A gente não pode nunca deixar de fazer. E uma coisa que eu vi no Facebook da Pesquisadora. Às vezes, fazer o certo é tão difícil que você entende por que o cara faz tudo errado. Porque assim, é muito complicado. Você não vai desistir. Mas eu também fico revoltadíssima, peguei dois professores. Um não dava aula, ele falava da vida dele. E uma outra professora que era excelente. Assim, ele pegava de quinta a sexta e ela de sétima à oitava. Chegava na sétima e oitava, as criança não sabiam de nada. Então assim, eu não sei como a gente criaria esse filtro. Não vai entrar esse professor, porque esse professor é ruim...?! É difícil. Vai desde o salário. Tem cara que, meu, vai ser formar em quatro anos pra dar aula. É fácil. É mais fácil do que qualquer outra pra achar

emprego. Então é fácil, porque precisa de professor. Mas chega na hora de dar aula, o professor não sabe dar aula. É muito, muito, muito complicado.

Juliana _ Eu queria falar duas coisas. Uma coisa que a Joana falou que eu também às vezes penso. Mas eu me questiono também assim... Eu tive várias conversas com a colega, a gente fala muito sobre isso de sempre falar: “Os professores não sabem, os professores não sabem, os professores não sabem...” E tal, mas aí vira e mexe e você se depara com uma situação que – não, meu – a galera sabe. A galera sabe das coisas, as pessoas sabem o que está acontecendo. Eu não condeno, não julgo ninguém. Não, estuprador e pedófilo eu condeno. Mas enfim... Mas falando desse setor em que não tem esse tipo de coisa. É não sei. Então, exceto isso, eu acho que as pessoas sabem o que está acontecendo. A gente vive num plasma e junto várias coisas que vocês falaram. Ele falou da individualidade que pra mim é uma questão chave. É isso mesmo, e isso é a normalidade. A gente não sabe trabalhar em grupo. É muito difícil você ligar com a diversidade. Eu falo pra mim, sabe? Às vezes, eu me coloco numa situação em que: “putz, que preguiça!” Mas a pessoa não tem paciência pra ouvir e faz parte desse lance da individualidade, desse lance que eles colocam dentro da gente que é muito difícil de tirar. A gente tem que a todo tempo se vigiar. Pra mim, esse lance que o Paulo fala da vigilância é um fenômeno. Um minuto de perda dessa vigilância constante, você começa a fazer várias coisas bizarras. Porque a gente é montado, constituído por esse sistema. E aí eu fico me perguntando assim: “Será que todo mundo sabe mesmo?” Essa galera que eu falo, de classe pobre, negro, mulher, transexual, travesti, lésbica, toda a margem oprimida sofre demais. Eles sabem muita coisa, muito, muito mesmo. Mas acho que às vezes esse plasma de individualidade está tão colocado que você tá num lugar e as pessoas nem te olham na cara. Às vezes tudo que você precisa é alguém falar bom dia pra você. A faxineira. Não está tão longe, nunca está tão longe. E aí você olha e a pessoa só precisa ouvir um bom dia, um comentário de ânimo, assim, sabe? Tá na escola: “ó professor, tá difícil mesmo, mas vamos aí.” eu fico pensando que invés de ficar fazendo esse papel de reclamar somente, eu acho que reclamar é algo extremamente importante, eu reclamo muito, muito mesmo. Eu acho que quando você reclama, você não está só reclamando, você está produzindo coisa na sua cabeça que a galera não quer que você produza. Mas eu acho que falta um pedaço... Mesmo nessa merda toda, nessa merda mole que a gente vive... De você olhar e dizer: “Não, ainda tem esperança. Ainda tem alguma coisa.” “Não tá difícil, é assim mesmo, mas vamos aí, vamos continuar.” Eu acho que muita gente desiste, não porque não sabe, ou porque tá cego. E a gente fala: “Ah, não sei o que, não sei o que lá...” E às vezes eu fico me perguntando: “O que que fez você chegar a esse ponto de achar que está tudo perdido, não tem mais nada?” Ou: “o que fez ela ser tão reacionária, tão capitalista.? Por que ela nunca se perguntou isso?” Então, é colocar esse ponto de ruptura. Ruptura pra mim é isso, você coloca um ponto de ruptura, você quebra. Por mais que a pessoa não vá falar que ela está pensando naquilo... É ruim... (___) Você sozinho da conta de pensar tudo, fazer tudo. E aí, mesmo ela não expondo que ela está mexida com aquilo, tenho certeza

que pensa algumas coisas, sai pensando, tá no metrô e tá pensando: “Ah, falaram isso pra mim hoje e tal...” É legal, pra mim isso é uma consolação. Não vou chamar ela de pequena, porque pra pessoa é um negócio brutal. Eu não sei, porque pra mim é uma coisa trivial. Eu já passei por esse processo pra mim foi um lance de: “nossa, existe mundo além do capitalismo.” E aí eu fico pensando isso, a gente precisa mostrar coisas, mostrar de que lado que a gente está e que esse lado tem muita coisa massa. Vale a pena viver. Quem foi que inventou que a gente tem que viver? Mas já que a gente está aqui vivendo, vamos tornar as coisas mais alegres, vamos abrir as portas. Até porque o não já está aí, o sim é que não existe.

Professora _ Muitas coisas aí. É difícil fazer uma síntese. Mas me parece que o mais interessante é essa percepção dos acontecimentos acelerados, a superficialidade das pessoas. E não sou eu. Mas eu me constituo em relação aos outros. O que não toca... não gera experiência. Parece que vai por aí. Não gera marcar no corpo nem na alma. Ninguém falou alma, mas é o que vocês estão dizendo. As coisas parecem que não geram marcas, portanto nos atravessam... A maioria falou isso na escola, mas não colocaram o museu. Vocês não vêem o museu dentro dessa realidade dura, fragmentada, que não marca, que não toca? Me parece que o museu tem essa experiência de marcar, de tocar, de gerar essa experiência um pouco mais profunda, um pouco mais transcendente... Embora, estejamos falando de ensino de ciência no museu. Mas como não há como separar, eu sou o contexto em que eu estou, o que eu sou, a minha história... Tudo que vocês estão falando, não tá falando de museu de ciência, é uma coisa muito mais transcendente, muito mais essencial, o outro chega a mim. Isso é o que ficou dessa curta frase, Gustavo.

Juliana _ A gente fez o funk da ciência. Se vocês quiserem escutar.

Pesquisadora _ Essa é ainda a continuação do parágrafo anterior, mas a gente pode pensar sobre ele junto com o fechamento. Então a gente lê essas frases e pensa isso junto com o fechamento do pensamento.

(Rafael lê o trecho)

Professora _ Aqui estamos falando de qualquer acontecimento. Isso tem a ver com o que podemos vivenciar e experienciar no museu ou na sala de aula?

Jorge _ Sim, eu acho que cada coisa que acontece ali pode se tornar uma coisa singular. Momentos únicos na nossa vida. Ou simplesmente uma coisa que passou, como vai falar ali embaixo. Só que o que fala ali embaixo de uma experiência que passa acho que tem uma coisa no sentido de que toca, despertar. Então, voltando lá em cima, eu acho que é preciso um pouco de... eu não sei a palavra certa, mas de alguma coisa a mais. Transformar acontecimentos, simples e supérfluo... A morte, morreu dois, morreu quinze, morreu cem. É nada. Parece que passa. É da frase anterior. Mas sabe tem coisas que poderiam... esses acontecimentos são singulares, se a gente for levar ao ponto. E indo pro museu, pode ver, o momento que ele falou de atender o grupo dos índios, o momento que eu falei de atender o grupo de deficientes. São momentos singulares, momentos que marcaram. Não é: “atendi um grupo na Estação.” Não. É uma coisa singular. Uma coisa que fez a diferença. Eu acho que essa primeira frase vai nesse ponto. De fazer a diferença.

Professora _ E uma coisa que no você está falando, a singularidade não só dos acontecimentos. A singularidade do sujeito, e do acontecimento junto com você. Eu poderia perguntar: “é a mesma coisa apresentar o mesmo stand, a mesma aula, o mesmo modelo, do mesmo bicho no museu?” Eu acho que vai um pouco por aí. Essa singularidade em algum momento talvez. Por isso estou fazendo o contraste, na aula, você tem essa singularidade, porque vocês me declararam muito isso, da escola tradicional, da escola que dá a mesma aula, que pensa tudo igual... Me parece que... como não falaram, estou perguntando, será que no museu se dá essa possibilidade que o acontecimento seja novo, esse lugar único?

Jorge _ Eu acho que sim. Eu ligo essas coisas a uma frase sua, não sei se é de algum autor, mas lembro de uma aula em que você falou... A pessoa pode dizer eu tenho dez anos de experiência. Eu tenho dez anos de experiência ou apenas um ano repetido dez vezes?

(intervenção ininteligível da Professora)

Jorge _ Eu acho que é possível sim a gente fazer cada uma dessas quinze vinte mil vezes uma coisa diferente, um ponto singular, uma aula que mude. E eu acho que museu, na educação, na escola, em qualquer lugar. Dá pra ser feito sim.

Pesquisadora _ Eu queria perguntar. Dentro dessa frase primeira que a gente coloca, do acontecimento e, por exemplo, a morte. A morte, ela é algo, a princípio, muito

subjetivo, mas a partir de que momento ela se torna algo concreto pra você? A partir de que momento, ela interfere no seu funcionamento.

Gustavo _ Se você tiver alguém próximo, por exemplo. Acho que é isso que você está falando. A morte ou qualquer coisa pode acontecer. Mas se ela não estiver linkada comigo, acho que o que deixa assim pra mim é que a pessoa, o sujeito tem que ter uma sensibilidade, uma sensibilidade, por exemplo, nesse grupo, ele saber da característica de cada um e saber como lidar com aquilo. Tem que ter essa sensibilidade. “Ah, caiu o avião, morreu duzentos!” Você não conhecia ninguém ali. Passou, tá acontecendo o mundo, você está vivendo. Mas se você tiver alguém conhecido ali, a morte vai te afetar de uma maneira tão única e você vai estar sensível àquilo, talvez. Não sei se estão entendendo, mas estou querendo fazer um link assim desse acontecimento em particular. Você tem que ter essa sensibilidade, essa conexão. Tem que criar essa conexão.

Isaque _ Cai na questão que ele falou. O sorriso da garota e a forma como ele tentou ensinar ela que é cega. Acho que é a singularidade pros dois.

Professora _ o sorriso da garota pra mim tem muita coisa. Se tiver conhecido ali, o que isso significa?

Rafael _ Acho muda muita coisa. Eu fui bombeiro. Teve muitos óbitos. Trabalhei seis anos como bombeiro, como socorrista, SAMU e tudo mais. Antes se chamava Anjos do Asfalto, não sei quem lembra!?! Então, antes do SAMU eram os Anjos do Asfalto, que eram os bombeiros na verdade. Então assim, eu peguei muitos óbitos. E varia muito de pessoa pra pessoa. Por exemplo, o sentimento que você tem quando é uma criança, uma... isso pra mim, ou quando é uma pessoa idosa, não que sejamos insensíveis a um adulto. Por exemplo, a minha avó, ela morreu nos meus braços, eu já era bombeiro. Eu socorri e tudo que eu fiz não funcionou. Então, assim, é um sentimento diferente. Todos os momentos em que eu socorria as pessoas, diferentemente do que as pessoas pensam. A gente faz um acompanhamento. É muito gratificante você socorrer uma pessoa e ela sobreviver. Você ir no hospital e ver que o seu serviço foi bem feito. Mesmo quando eu não conhecia a pessoa, a gente presta... pela menos no meu caso. Se a gente presta um socorrismo e a pessoa vem a falecer, aquilo marcava. Assim, eu sabia que tinha feito tudo que poderia ser feito, mas ali era um ser humano. Eu pelo menos não sou indiferente em relação à morte. Mas quando você conhece uma pessoa e tem um sentimento por aquela pessoa, o peso da morte é maior. O sentimento, a dor que você vai sentir é maior do que com uma pessoa que você não teve contato. Por exemplo, você

teve contato em vinte minutos socorrendo a pessoa, pra você aquela vida tem um valor, mas pra você é bem diferente. Eu falo isso por experiência própria.

Professora _ você está me dizendo que eu preciso estabelecer vínculos com o outro. Eu preciso conhecer o outro, o outro precisa existir pra mim.

Rafael _ Mesmo que a gente crie um vínculo porque socorreu, mas o vínculo não é tão forte como o da minha avó que morreu nos meus braços e eu cheguei a socorrer também ou o vínculo de uma amiga minha que se queimou no restaurante dela e chegou me mostrou. Assim, eu já vi coisas muito feias, mas por ser uma pessoa que eu conhecia e era uma queimadura de terceiro grau, aquilo foi mais do que uma pessoa que eu já peguei com ferimento pior. Quando você tem esse vínculo com a pessoa, o sentimento se torna maior.

Juliana _ Esse lance da morte pra mim... Eu tenho maior medo de morrer, assim. E medo ao meu redor morrerem, as pessoas que eu gosto morrerem. Eu também já perdi minha avó e dói. É um negócio que nunca cicatriza. Uma vez eu estava lendo uma tese, eu gosto muito de ler agradecimentos de tese. Eu acho que é muito legal ler agradecimento de tese. Aí a menina estava escrevendo um monte de coisa e aí ela escrevia sobre a vida e aí ela me lança um negócio assim: “Mas isso não é uma ode à vida, porque a morte também é bem-vinda.” Esse negócio me marcou. Caramba, a morte também é bem-vinda. Deve ser maior legal morrer, por outro lado. Outras coisas devem acontecer com você morrendo. Pode ser que não aconteça nada, mas aí eu fiquei pensando assim que esse apego à vida, esse apego à gente, ao que está aqui, essa coisa toda. É um lance também meio... No que isso está baseado? Aí fugindo um pouco. Só queria falar assim. A morte também é bem-vinda, porque me marcou, assim. Não sei. Mas eu também fiquei pensando e aí foge um pouco ao que as pessoas falaram, que é a morte como uma metáfora. E essa metáfora pra mim, ela é olhar. O olhar, pra mim, ele é essas morte. E a gente está sempre morto. Não sei, nas discussões que eu tenho com as pessoas, sempre digo: “A gente nasce de olho fechado. Vive de olho fechado e morre de olho fechado.” É um olhar morto e que deixa tudo passar. Tudo passa nesse olhar morto. Numa metáfora clara. Tudo é sem importância o que a gente tem vínculo. É família, o amigo ou, sei lá, ou qualquer coisa que a gente estabelece ali um vínculo sentimento. E pra mim esse vínculo sentimental que a gente estabelece é completamente manipulável, muitas vezes a gente não percebe, mas muitas vezes ele tem um eixo ali. A gente deixa de olhar para as coisas, como coisas que a gente em sentimento. Um mendigo na rua é tão banal, a gente está tão acostumado que a pessoa está morta. Assim, quando eu não sinto nada numa situação, aquilo está completamente morto. Não tem sentido. E se eu não estou sentido nada, tem uma coisa muito errada. Se eu vejo

uma criança ali, por mais que eu não possa fazer... Mas se eu não estou sentindo nada, tem alguma coisa errada. Transpassou tão forte dentro de mim que eu perdi a sensibilidade. Eu preciso recuperar. Eu fico assustada e eu não consigo demonstrar afeto com isso. Pra mim, isso significa o nascimento de uma coisa muito bisonha que é essa morte. Um paradoxo assim. A insensibilidade pra mim é o nascimento de uma coisa morta. E é muito difícil ligar com isso. A minha vida inteira eu passei por situação, no museu também a gente passa por situação que sempre são completamente bizarras. E nunca foi permitida a mim... talvez em alguns momentos sim, mas nos momentos que transpassaram nunca ficou o sentimento da normalidade. Por isso eu falo muito da normalidade, eu nunca fui tratada normalmente, nunca fui tratada como uma pessoa “normal”. E no museu também a mesma coisa e você vai aprendendo a tratar com essas situações de anormalidade. De uma criança perguntar pra você, com toda pompa: “Você é menino ou menina?” Aí você responde: “Os dois.” Aí ela fica: “Meu deus!!” E num outro momento eu não saberia responder isso...

Professora _ É a melhor aula de diversidade...

Juliana _ Antes pra mim, isso era muito constrangedor. Ser chamado de sapatão na rua, ou falar da minha tatuagem, ou falar disso... fazer um exorcismo. Ela está assustada com aquilo. Pensar numa pessoa que é as duas coisas, pra ela não está acostumada...

Pesquisadora _ não tá dentro da normalidade.

Juliana _ Você sai da normalidade, você faz um (assentamento). A gente é participante do processo e transforma a todo momento. Ela ficou ali, em choque. As crianças que ouviram também ficaram: “O que está acontecendo?” Você quebra. E a gente precisa aprender a deixar nascer esses frutos bons. Eu acho que são frutos bons. Eu não estou cagando regra pra dizer o que é bom ou ruim; ou o que a gente deve fazer ou não. Às vezes uma piada, assim. Um comentáriozinho de nada. Você faz um estrago, tanto pro bem como pro mal. Essa primeira frase... Pra mim, a morte é singular nesse ponto, é uma metáfora, pra mim, fenomenal para que não deixemos que nasçam coisas mortas na gente. E a todo momento está nascendo coisa morta, em todos nós. É um esforço a gente tentar viver coisas vivas em nós, se é que eu posso falar assim. Não deixar esse plasma morto e bizarro e preconceituoso e tudo que a gente pode imaginar ficar, porque senão as coisas vão passar, nada vai atingir, nada vai transpassar.

Jorge _ Eu vou ter que sair, mas vou deixar só um pontinho. Ali, como a professora disse, a morte pode ser qualquer coisa. Mas eu vou continuar falando da morte num outro sentido. Se a gente pensar no museu, o museu é até um lugar que até as crianças vão com certa expectativa, não é? A criança chega naquele lugar, o adulto mesmo. Quer dizer, quem vai no museu está indo com uma expectativa. Não vamos dizer qual é a idade, qual é a classe social. Ela vai esperando determinadas coisas e ali o que a gente faz como monitor pode matar tudo isso. A gente... A morte, não? Não estamos dando um tiro em ninguém, mas a gente está dando um tiro na curiosidade, um tiro na instigação. De repente, aquela criança tem um sonho de ser físico, ou astrônomo. Aí chegou lá, o monitor é uma merda, o monitor não fez nada, o monitor estava com sono, o monitor não queria fazer... sabe? Eu não estou dizendo que a gente está fazendo um trabalho mal feito ou bem feito. Não é nesse sentido. Mas a gente mata também, como o professor, como o monitor, a gente traz essa morte. E pra gente não é singular, pra gente é um acontecimento. De repente, nem é um acontecimento. A gente nem sabe que matou a curiosidade. De qualquer jeito, faz aí!

Intervenção _ às vezes é até sem querer.

Jorge _ ou um dia você está meio desligado, meio mal. Aconteceu alguma coisa e aí né, você faz uma coisa meio que mal feita e nem percebeu. Mas e aquela pessoa que estava esperando algo a mais? E a pessoa: “Nossa, queria ver aquele negócio mesmo...”

Professora _ Não acabou o tempo...

Jorge _ É, como agora, não dá mais, eu tenho que ir.

(todos riem)

Professora _ Você matou todos nós agora.

Juliana _ mas em São Paulo, tudo é assim!

Pesquisadora _ É uma morte atrás da outra.

Juliana _ Em São Paulo, Deus é uma nota de cem.

Pesquisadora _ Então, tá, Jorge, a gente deixa você ir sem participar do fechamento.

Juliana _ Acho que a culpa foi minha, não é gente?

Pesquisadora _ Não, Não.

(Gustavo lê o trecho que serve de fechamento. “Não se pode mudar o mundo...”)

(Jorge vai embora)

Pesquisadora _ Acho que a gente falou isso a todo tempo. Mas e agora, pensando a partir de tudo que a gente já falou, pensando nessas palavras-chave. A gente falou de experiência, a gente falou do sujeito-eu, do sujeito-outro, da construção coletiva. Pensando em tudo isso, como é a prática de mudar mundos?

Eliana _ Eu acho que é sensacional.

Juliana _ Uma palavra define.

Eliana _ É sério. É porque, assim, eu trabalho com uma coisa que pra muita gente é insignificante. Por exemplo, areia. Quem vê a areia com um olhar que eu olho? Então, assim, a partir do momento em que a gente aplica a oficina e a pessoa fala: “Nossa, nunca vi isso!” (enfática) Você fica assim, o seu coração até palpita, você tem vontade de chorar... Eu acho que acontece isso em cada monitoria que você dá, em cada aula que você dá. Você está mudando uma coisa na pessoa, a pessoa está vendo aquilo de outra forma. Eu acho que isso é sensacional. A gente está acostumado a ver as coisas assim, é

isso, é aquilo. Ver uma coisa diferente, ver que a pessoa está vendo a coisa com um olhar diferente eu acho que é impagável. Eu tenho muita vontade assim de dar aula pra fazer isso. Pra tentar. Eu sei realmente é difícil. O problema é assim, eu estava comentando com o Isaque, é difícil todo dia você estar feliz: “Ah, eu vou ensinar uma coisa pra uma criança.” Meu, tem dia que você está um caco. Tem dia que você não quer fazer nada, você quer dormir, só. O educar exige muito de você. E também tem aquele negócio, o mundo é capitalista. Por exemplo, você dar vinte aulas não é suficiente pra você pagar os eu aluguel. Pra pagar o seu carro, pra pagar a conta de luz. Então, meu, você tem que dar muitas aulas, você não tem tempo de preparar. Mas assim, você tem que no mínimo se esforçar. E voltando àquilo de mudar as pessoas e mudar o olhar, eu acho que é sensacional. Se você conseguir fazer em dez, em um, já é um sucesso. Porque é difícil, as pessoas estão acostumadas a olhar as coisas de uma forma só.

Isaque _ Eu fiquei muito curioso em ter uma aula contigo agora.

(todos riem)

Isaque _ Quero ter essa mudança de olhar.

Eliana _ Se você quiser, aparece na minha oficina.

Pesquisadora _ Mas é assim, todo lugar que você vai, ela pede uma areia.

Isaque _ Vou dar um exemplo que eu dei na outra que participei. De experiência na Estação Ciência, quando atendi um grupo de pessoas e depois no final chegou um casal com dois filhos e falou: “Obrigado pela explicação de como ocorre o terremoto, a gente sempre teve essa curiosidade e a gente foi num museu na França, e o terremoto lá é seis vezes mais forte. Faz um ano que a gente foi lá e a gente não tinha entendido até hoje como é o processo.” E nós, lá na Estação Ciência, com toda a simplicidade que a gente tem lá, ele falaram que entenderam. Isso foi gratificante. E a gente como ser humano, a gente precisa ser um pouco alimentado. Eles vieram elogiar e isso me animou. Eu contei pros meus amigos e anima os outros também. A gente é ser humano, a gente é falho, então exige muito da gente. Todo dia estar com um sorriso, todo dia dar a explicação de

um jeito... Responder todas as perguntas. Tem uma questão pessoal e de cada um começar a fazer sua parte, assim. Sei lá, eu acho que a educação vai pra frente.

Intervenção _ Esperamos.

Isaque _ Esperamos. Mas é fogo, é muito pessoal.

Juliana _ É nada não. (ri) Quando você acha que é pessoal...

Isaque _ É de cada um.

Professora _ É importante que seja. Está no íntimo, no pessoal. Eu acho que é exatamente por aí. Uma pessoa veio e falou comigo aqui. Isso gera uma resposta minha, sociológica, biológica. Isso eu vou falar com outro, o outro... Gera esse contato que estavam falando no ponto anterior. Eu preciso saber quem o outro é. Quando esse casal me olha me reconhece, eu falo: “Que legal!” O outro começa a ter valor pra mim e eu começo a ter valor pra ele. Estabelece uma relação completamente nova. Pode ser que eu não veja nunca mais, mas essa marca ficou, pra sempre. Isso marcou. Aí sim me tocou. Muito singular. Olha que interessante que vocês estão falando. Isso tem muito a ver com o trabalho da Pesquisadora. Uma relação minha que é individual, não é individualista, é singular, é biológico, mas também tem a ver com a cultura. Nós compartilhamos o que é um terremoto juntos. E também com uma história, olha como isso vai integrando. Isso é gostoso, isso se faz no museu. Isso ficou. Marcou. Não apaga mais.

Juliana _ Eu acho que também às vezes a gente fala muito pouco dessas coisas, do nosso sentimento. O que a gente está sentido o tempo todo. Quando espaços são proporcionados, e eles deveriam ser proporcionados a todo momento. São pouquíssimos os espaços pra isso. E falar de sentimento é uma coisa feia, não é? Parece feio se mostrar fraco, não é? Ser fraco é muito ruim, porque o capitalismo cobra da gente produtividade, força, coragem. Todas as coisas foram manipuladas, manipuladas... Eficiência, eficácia são coisas bizarras. Mas quando a gente fala dessas experiências, elas são completamente ímpares, eu nunca vou saber. Você falar disso pra mim, com certeza, me desperta outras experiência e me faz ver o quanto a gente é parecido. Na diferença, é parecido. Outro paradoxo também. Porque tudo é um paradoxo, no limite.

A gente é diferente, completamente diferente. Você é um homem, eu sou uma mulher. A gente pensa muito diferente, mas mesmo assim, quando você fala uma coisa dessa, você coloca assim uma questão de que... sei não, parecidos, mas a gente compartilha de muita coisa. De sentimento assim. Mó legal você receber um elogio, mó legal você receber um bom dia do cobrador. É genial ouvir um bom dia da faxineira que mal olha na minha cara, porque ela é tão subjugada que ela pensa que eu vou dar uma bronca nela. Então eu acho que é importante insistir. Falar: “Não, eu vou falar bom dia pra essa faxineira. Vou falar bom dia, boa tarde pra esse segurança. Vou falar bom dia pro cobrador.” Às vezes ele olha estranho. Mas tenho certeza que lá no fundo ele fala: “Ah, legal, a gente é diferente nesse mundo, mas...” Eu lembro desse negócio do bom dia uma coisa que transpassou lá no fundo. Eu sempre entrava no ônibus: “que mané bom dia, nem nada...” Aí teve um dia que um cara que nossa... ele estava de super bom humor naquele dia. Ele deu um sorrizão assim: “Bom dia!” Eu falei: “Nossa, caramba, mano...!”

Intervenção de terceiro _ Respondo ou não respondo?

Juliana _ É você fica meio em choque. O que está acontecendo? Você não está acostumado. Eu fui pra casa pensando: “Gente, o cara falou bom dia pra mim.” Mas, mano, ele não me conhece. Você fica pensando que deve te conhecer. Pra falar bom dia, não é? Aí, eu fui pra casa pensando: “Acho que vou dar bom dia pra todo mundo agora.” Porque aquilo foi tão forte. Bom dia! No dia seguinte você sai dando bom dia. E é difícil dar bom dia, viu!? Pode ter certeza que é muito difícil, porque o cobrador está lá, não sei o quê... às vezes você fala bom dia e ele nem olha, mas quando ele olha você diz: “Esse é o caminho!” É muito legal, é sensacional. Essa palavra define, é sensacional. E eu não falei sobre mudar o mundo, né?! Olha gente, eu sou uma pessoa muito radical. Quem me conhece sabe do meu radicalismo, mas o radicalismo pra mim tem se tornado uma ferramenta fundamental assim, sabe? Já não permito que certas coisas aconteçam... Você dizer não. Porque é muito importante você dizer não. Você está condicionado a dizer sim. Sobretudo as mulheres são condicionadas a ser passivas. Aí quando você diz não, eu acho que é exorcista pra você, sabe? E o que isso tem a ver com mudar o mundo. Quando você diz não, você dá um baque na pessoa. Você fala: “Nossa, tem alguma coisa de errada com você!” Ou quando faço uma manifestação, vou numa manifestação. Ou quando falo “os dois”, pra uma criança. Qualquer situação que você se propõe a ser um pouquinho pé no peito. Eu sou bem pé no peito, mas no fundo acho que tem um lance. Eu já estou tão cansada dessa falsa esperança, sabe? Dessa falsa educação que sempre passa a mão na cabeça, que sempre trata bem e tudo mais. Eu acho que a minha radicalidade também educa, sabe? Não estou dizendo que é a melhor forma. Mas pra mim é um ponto de limite de sobrevivência, sabe? Não dá mais passar a mão na cabeça de certas coisas. Não dá mais pra ouvir determinadas coisas. Chega um

limite em que você ouvir aquilo já é um suicídio. Você fala: “Não, chega! Já basta!” Você coloca essa barreira e você educa. Eu acho que tenho tido muitas respostas positivas em relação a isso. De como isso muda as pessoas também, de como você dizer não pra alguém em algum momento vai fazer ir com aquele não pra casa. Falar: “Nossa! Meu, me falou não! Caraca, me falou não!” Porque assim é a normalidade, no limite. Quando você fala uma coisa que choca a pessoa, qualquer situação, ela vai pra casa pensando. Eu já não busco mais essa revolução tão longe. Muito tempo da minha vida eu fiquei na esfera, tentando pensar que existe vida além do capitalismo. Mas chega um momento em que você fala: “Não tem como fugir disso!” Muita coisa a gente não tem como fugir. E a gente está escutando isso a todo momento. Então vamos fazer com que esse momento possa gerar coisas boas. E mudar! Mudar no sentido de: “Vamos se propor a olhar o outro de uma outra forma!” O amor... às vezes a gente pensa também o lance do amor. O amor é passivo também. O meu amor não é nada passivo. Eu amo de um jeito muito radical. Às vezes você precisa mesmo. E mudar o que significa o amor, porque ele também foi cooptado pelo capitalismo. Às vezes eu fico pensando nesse lance de Jesus, que deu a outra face. Eu fico pensando que em alguns momentos eu não quero dar a outra face. Eu quero fazer outra coisa, quero meter a mão no peito. Falar: “O amor que eu tenho pra oferecer é esse outro aqui! Se você quiser receber, beleza. Se não quiser, tudo bem Em algum momento, você vai entender ou não vai entender! Mas é o que eu tenho pra oferecer.” E colocar limite também. O lance da produtividade. A gente tem que sempre estar com sorriso no rosto. O tempo todo com sorriso no rosto, porque senão alguém vai falar que você está de mal humor. (resmungos) Isso é um saco. Tem que sempre estar bem. Estar bem! Quando, por exemplo, a caixa te trata mal no mercado, a gente fala: “Ah, que incompetente. Por que me tratar mal se não fiz nada pra ela?” E alguém te responde: “Mas veja bem! Já parou pra pensar qual é situação dessa mulher. Já pensou quanto ela ganha. Já parou pra pensar o que ela sofreu com o chefe, sofreu assédio...” Quando você começa a pensar nessas outras possibilidades que podem estar acontecendo e não são coisas da nossa cabeça, elas podem estar acontecendo, você tipo se toca assim: “Veja bem! Veja bem!” Tudo é o “veja bem”, exceto algumas coisinhas, estupradores, pedófilos. Pra mim, isso aí não tem justificativa. Eu acho que é isso, quando a gente começa a ressignificar. Acho que uma palavra boa é essa: ressignificar as mudanças. Assim sabe? Tornar as nossas experiências mais humanas. O mundo está tudo tão objetivo, neutro, imparcial. E quando a gente começa a tornar as coisas mais humanas, a coisa vai mudando, tudo muda. De dentro pra fora. O de fora muda. Tudo passa a florescer de uma outra forma. A gente passa a perceber como a gente precisa dizer pras pessoas: “Olha, você é importante!” Pegar um papelzinho na rua. Eu sei que você não vai ler, vai jogar fora. Mas pega o papelzinho.

Joana_ Agora você falou... Minha aluna veio falar pra mim que ela... Agora quando eu vejo qualquer pessoa entregando folheto, eu vejo a minha aluna. Aquele sentimento que ela expressou pra mim... Eu fiquei: “Ah, sério?!” Ela falou: “Não, que a gente é

obrigado a ir lá. A gente trabalha aqui e tem que divulgar o lugar...” Agora eu pego o papel. É o simples fato de você pegar e olhar pra pessoa e obrigado e...

Isaque _ Isso é um problema, porque você está ajudando a “panfleteira”, mas está prejudicando o dono. É complicado. Eu pego os papéis todos que eu vejo na rua, porque eu tenho pena da pessoa que tem que acabar. Mas e o dono que tá perdendo o papel que você não vai ler.

Eliana _Eu penso por esse lado também. Eu estou aumentando o lixo do mundo.

Joana _ Tem o tratamento com a pessoa...

Isaque _ Sim, eu falo “Não, obrigado”.

Juliana_ Teve um cara esse ano. Um físico, completamente reacionário. Dá até ódio de ouvir o cara falando. Esse cara fala umas barbaridades. Tenho vergonha. Mas aí teve uma hora que ele falou uma coisa que eu achei genial. Ele disse que a filha dele foi tentar se inscrever na USP e aí parece que o reitor negou a menina. “Como assim renega a minha filha? Não sei o quê, não sei o que lá!” Ele foi lá na reitoria, maior caô, mas tudo bem. Ele foi falar com o Rodas: “Você sabe quem eu sou? Você sabe de onde vem a minha filha?” Contando a história. Aí diz que teve uma hora que um cara veio perguntar se eles queriam água e café. A menina dele falou: “Não, não quero não!” Aí o cara falou pra ela: “Você fez tudo certo até agora. Mas agora você fez uma coisa muito errada. Você quando alguém lhe oferece alguma coisa você não tem que negar, porque quando você nega, nesse sentido, você está renegando o trabalho da pessoa, você está falando pra ela o quando ela não é importante, o quanto ela não vale nada. Ela só está oferecendo uma água e um café pra você. Então, mesmo que você não queira, mesmo que o café for ficar cheio lá, você aceita.” Na hora que o cara falou isso, eu pensei: “Nossa, pode crer!” É uma metáfora. Mas é bizarro pensar nisso, se a gente for ficar pensando em tudo que a gente aceita e com isso faz a pessoa continuar sendo explorada, a gente surta. Porque tudo é uma exploração. O pobre tem que existir, porque o rico tem que existir. Entendeu? As coisas estão aí, mas quando você para pra olhar de outra perspectiva e esse cara me fez pensar nisso. Toda vez que eu vejo alguém entregando um papelzinho, eu lembro do cara falando da pessoa que oferece um café pra você. É difícil, mas a gente tem que encontrar caminhos... caminhos que nos façam bem. Se você aceita o papelzinho e vai pensando que tem que aceitar papelzinho, o papelzinho vai me fazer mal, então não aceita, sabe? É o seu limite. Mas se não vai custar nada,

aceita. Joga o papel fora, joga no lixo de preferência, não joga na rua. Ou aceita uma água. A pessoa às vezes fica feliz. É o lance do bom dia. Você pode humanizar isso de várias formas.

Joana_ Teve uma vez numa aula, eu fui toda educada com o aluno. Era um terceiro ano, do ensino médio. Ele respondeu exaltadíssimo: “Nem minha mãe fala assim comigo!” E esse menino era tranqüilo. Eu saí naquele dia da aula muito mal. Puxa, eu fui com todo cuidado. Não senta, presta atenção e aí ele veio com tudo, parecendo um leão se jogando em cima de você. Aí você vai pensar: “Pô, realmente, ele trabalha!” Não que isso seja uma justificativa. Mas você não sabe que todo dia como ele é escorçado no trabalho, como o patrão manda nele. O que ele passou? Então, assim, às vezes você acaba relevando. E realmente é difícil você ter esse tratamento, saber lidar com as pessoas. Mas amor gera amor. Você tem que se doar mais para os outros, independente do que vem pra você. Então, eu acho que é isso. A minha mudança é tua. Transformar o mundo é uma transformação tua, não do mundo. O mundo vai estar aí, você vai morrer e o mundo vai continuar. E que mudança você conseguiu levar pra dentro de si. O que você mudou? Acho que é isso.

Pesquisadora_ E pensando essa prática de mudar o mundo dentro de espaços de educação não formal, de museu, de exposição. Acho que alguns já foram um pouco por aí.

Rafael_ Na verdade (trecho ininteligível)... revolucionário. Revolucionar o mundo. Foi uma brincadeira que o P. sempre fala lá na Estação Ciência. O pessoal de LCN tá conquistando o mundo começando pela Estação Ciência, porque lá a maioria do pessoal que está lá é de LCN. Quando o pessoal de LCN chega lá, consegue fazer tudo. O legal lá que acontece isso assim é que a gente está sendo olhado de uma maneira diferenciada e talvez o grito de que nós vamos conquistar o mundo não seja conquistado. Mas talvez a gente consiga conquistar o mundo de uma criança. Eu falo isso porque, dando outro exemplo meu aí, quando eu larguei de ser bombeiro pra ser professor todo mundo falou que eu era louco. Não, você tem seis anos, uma carreira consolidada. Fui trabalhar na Estação Ciência. Então, o meu salário caiu um sexto do que eu estava acostumado. Então assim, o olhar do Capitalismo não deixa o pessoal enxergar que é o que eu gosto, sempre gostei de dar aula. E se eu tivesse professores comprometido, talvez seria diferente. Então olho de onde eu vim, de onde eu saí, da favela onde eu morei. Eu quero voltar lá e mostrar praquele pessoal que, da onde todo mundo falou que não saía ninguém, saiu um aluno da USP... E o pessoal chega e pergunta: “Você vai dar aula em escola particular?” Eu falo: “Não eu vou dar aula em escola pública, porque pra mim o dinheiro não é tudo”. Você não sobrevive sem dinheiro, mas assim ter o mínimo

possível pra viver. Eu sei que posso fazer onde eu morava, hoje eu moro numa casa no centro da cidade, mas eu sei que eu sei de onde eu saí e aquelas pessoas precisam de um professor ou de um amigo que incentive ela por exemplo a entrar na USP. Falar: “Então, você mora na favela, somos marginalizados, somos negros...” Então, você chegar e dizer: “Você vai conseguir!” Com isso eu estou mudando o mundo de uma pessoa, de uma família. Então, não vou querer mudar o Brasil. Mas eu sei que o que eu estou plantando talvez eu não possa enxergar o fruto pra ver que daqui dez, quinze anos aquela criança que eu estou trabalhando, desenvolvendo, ajudando, ensinando alguma coisa, ela vai pegar alguma coisa e vai gerar frutos. Então, eu tenho que ter uma visão macro e uma visão micro. Eu posso mudar o mundo de várias maneiras, depende de como eu vou enxergar. Então é essa visão que eu tenho. Talvez eu não consiga, eu brinco e tudo. Eu falo que a gente vai mudar o mundo. Eu tenho essa utopia. Eu sei que talvez não possa fazer muita coisa. Não possa mudar o mundo ou o Brasil, mas eu sei que vou mudar a vida de alguém. A mesma coisa eu falo em aula: “Paulo Freire mudou a minha vida! A maneira dele pensar... assim de um jeito que eu gosto. Me ajudou muito. Bateu muito!” Eu nunca vi o Paulo Freire, mas o livro dele vai despertar o que muda meu interior, me mudou. Isso eu sei eu posso fazer. É a batalha que eu tenho como professor de ciência: mostrar que a física pode ser legal, a matemática, apesar de eu não gostar... eu sei por que não gosto. Eu não tive matemática no ensino médio. Eu tive uma professora que matou a matemática na minha vida. Eu fiz um abaixo-assinado pra tirar ela da escola. Eu fiz uma revolução. Eu era presidente do grêmio e arrumei briga com meio mundo. Eu era dos melhores alunos. O primeiro “d” foi em matemática. O professor pode tanto matar o aluno, como ele pode trazer a vida pro mundo dessa criança. Depende realmente se você vai fazer isso e quer fazer isso.

Eliana_ A gente tem que pensar que nunca vai conquistar cem por cento. É bem isso que você falou: em dez, se você conquistou um, está ótimo. É vitória. É isso que eu penso nas oficinas que eu dou. Tanto que teve uma menina que passou na Geologia. Eu sou apaixonada por Geologia. Adoro o nosso curso, mas se eu fosse escolher de novo, eu escolheria geologia. Então, essa menina, eu acho que talvez eu tenha influenciado ela. Eu acho que em parte sim. Ela estava super desmotivada. “Ah, eu acho que não vou conseguir passar... não sei quê!” Ela passou na Federal do Paraná. Eu fiquei super feliz por ela. Ela vai estudar pra lá. Eu acho que eu tive uma parcela em relação a isso. Ela me manda recado. Isso faz a diferença, não é? Por exemplo, no semestre que a gente dá, a gente leva um caderno de comentários, contato, o que você quiser deixar ali você deixa. E eles falam cada coisa bonitinha e isso dá assim um “up”, da aquela força. Você vê que conseguiu conquistar pelo menos uma pessoa. Ela viu que pode ser diferente. E a gente sempre tem que lugar por isso, não é? Eu acho.

Gustavo _ Depois de ouvir todas as pessoas falarem. Só fazer um comentário na sua fala. O pessoal do LCN começou a mudar o Catavento antes de mudar a Estação Ciência. Quando eu estava lá, todo mundo era a parte da... todo mundo era de LCN. Você está numa segunda fase.

Rafael _ Eu falo isso, porque a abordagem do pessoal que faz licenciatura e bacharel é bem diferente. Agora eu estou ajudando a treinar uns estagiários. Então, a abordagem deles é diferente. Um chegava assim: “Eu sou bacharel em física, não sei o quê... e eu faço bacharel porque não gosto de dar aula.” Foi mandado embora. Mas a visão de quem faz LCN e quem faz bacharel em física, bacharel em matemática e até mesmo quem faz licenciatura. É diferente. Apesar que agora eles estão dando preferência pra quem faz LCN. Eu indiquei nove alunos de LCN e pegaram os nove. (sobreposição de falas). É uma abordagem legal, porque antigamente não se dava valor à licenciatura. E hoje, pelo menos nos museus de ciência onde eu passei, isso está diferente. Como acontece na Estação Ciência, eles estão dando preferência pra quem faz licenciatura.

Professora _ Qual é a diferença do aluno de LCN, atuando no museu?

Rafael _ A pessoa é bacharel em física? Vai para a área da física. É bacharel em matemática? Vai pra área de matemática. LCN? Por exemplo, eu apresento onze áreas diferentes. Então é assim. Não quer apresentar? Chama o pessoal de LCN. Eles apresentam tudo. Eles sabem tudo. Eu cheguei lá e não sabia nada. Fui aprender. Então tem gente não queria me ensinar. Peguei na internet, em livro e hoje apresento onze áreas e dou treinamento lá pro pessoal. Então é assim: a gente precisa de dez monitores, vamos contratar dez monitores, mas a gente quer o pessoal de LCN, porque o pessoal de LCN... Eu indiquei nove pessoas, pegaram as nove.

Isaque _ Eu acho que é porque a preocupação de LCN é mais de educação mesmo. Os outros querem trabalhar. Querem seguir na própria área, seguir área acadêmica, biologia, física, enquanto LCN tem...

(intervenção ininteligível a respeito do “interesse de ensinar”)

Juliana_ Eu acho que tem outros elementos aí que são importantes também. Tem muito professor ruim. Com todo respeito, mas tem professor canalha mesmo que faz coisa que se pá até deus duvida. Um coisa brutal! Tanta a arrogância da parte dos professores. Tem professores massa também. A Maria Helena é uma delas. Sinceramente eu acho que o que faz a gente ser assim não é os conteúdos. Muitos professores nem sacam o quanto o lance é integral. E a gente por ser tão humilhado. Não tô brincando não. Tem gente aqui que é humilhado. É humilhação mesmo. Com nota, com tudo que você pode imaginar. E eu acho que tem esse lance assim de cada um falar assim, agora é uma questão, vai ver só, vai ver só o rolê. Vem aqui que eu vou bater no peito e não vou

deixar isso acontecer. E acontece mesmo. E o que a gente faz com isso? Acho que a gente é tão humilhado e a gente tem que ter essa vontade e dizer: “não, agora eu vou falar... Você vai ver, vai ver o que vai acontecer.” O Rafael é um exemplo vivo. O cara chegou lá e falaram: “Não boto uma fé... não sei o que?” E o cara tá treinando o pessoal. Quanto tempo você tá lá Rafael?

Rafael_ Sete meses.

Juliana_ Sete meses. Eu acho que é um lance da gente se auto-afirmar mesmo. Não é a USP não. Não é esse professor de bosta não. Tem professores importantes que estão dentro da minha vida e nunca vão sair. Foram fundamentais. Mas é a gente também. Quem é essa galera que tá saindo daqui? E tá sofrendo tanta pressão aí pra fora e tanta porta fechada. Esses professores que fizeram concurso e tem que entrar com recurso. Você sabe do que você é capaz. Sabe da vontade que tem de fazer e tanta energia, sabe? E aí vem uma instituição, o Estado dizer que você não tem está preparado? Dizer que você não tem o diploma... (sobreposição de vozes)

Gustavo _ Pode ser uma falha no edital...

Juliana _ Não só falha do edital, não!...

Professora _ É mais que isso. É um problema político muito sério. O Conselho Estadual de Educação aprovou, a USP aprovou e acontece que os concursos continuam negando vaga para os alunos. É um problema político maior que a gente não vai discutir agora...

Juliana _ Eu acho que a gente ser tão foda no espaço em que a gente está, seja Estação Ciência, seja Cientec ou qualquer outro lugar. Mesmo não fazendo o que a gente quer. Porque chega assim uma hora que você não tem trampo, você vai fazer qualquer coisa.. Você precisa trabalhar. E nesse espaço, nessa experiência que a gente tem aqui dentro e tem muita dor. Tem muita bonança também, mas tem muita dor. Vale a gente ser bom no que a gente faz. Sabe fazer. Não, eu sei o que estou fazendo e é por isso, por isso, por isso. Elencar uma série de motivos. Os fundamentos do que eu estou fazendo ali. Os dez mandamentos do que eu estou fazendo aqui, sabe? Porque a gente passa por essa experiência... E sem falar no filtro, não é gente. A gente chega aqui dentro e já é humilhado, porque o curso de LCN não serve pra nada na linha do capitalismo aí. LCN serve pra quê? Aí você fica tipo: “Porra, eu passei num curso que não serve pra nada?” Você fala pras pessoas LCN e as pessoas não falam nada... E professor também! É humilhado quando entra, é humilhado antes de entrar, é humilhado quando passa. É humilhado dentro, é humilhado fora. Você vai fazer o que, mano?

Joana _ Já cria uma resistência.

Juliana _ Cria anticorpos. Cria imunidade. E eu acho que é isso que faz a gente ser bom. Não é a instituição, não! Eu não dou mérito pra essa instituição, não! Nenhum, nenhum! Dou mérito pras pessoas.

Pesquisadora _ Não sei. Uma divagação talvez. A nossa abordagem também é um pouco diferente talvez. Como o Rafael iniciou a fala, você tem uma abordagem categórica em que você começa colocando na mesa os seus títulos. Talvez a nossa abordagem seja: “O que vocês sabem sobre isso?” Não é mais convidativo trazer o público pra si, do que jogar-se sobre ele?

Joana _ Como é que você vai criar um diálogo, se já começa colocando uma hierarquia, não é?

Pesquisadora _ Se alguém tiver mais alguma coisa pra falar sobre isso? Queria então começar a fechar.

Carlos (operador de gravação) _ Falar duas coisas. Eu trabalhei cinco anos na Estação Ciência e o que vocês estão falando está me lembrando de coisas maravilhosas. Eu gravava a minha filha na Estação Ciência, passando por setores que não existe mais. Ela foi reformulada de uns dez anos pra cá. Existia uma área Butantã que eu acho que não existe mais. Tinha os animais, tinha vários tipos de cobra lá. Os funcionários do Butantã iam alimentar as cobras. Jogavam aqueles ratinhos... E Aquilo virava um espetáculo. Juntava um monte de criança: “Vão alimentar a cobra!” “Por que essa cobra pica e espera morrer e a outra já morde?” Era muito bacana. Eu tenho a minha filha gravada nisso. Hoje ela tem vinte anos. Outro dia ela achou essas imagens e ficou assistindo: “Poxa, pai, que legal!” Então, talvez isso tenha despertado o interesse dela estudar. Hoje ela está na faculdade, fazendo nutrição. Eu achei bacana você falar. Em contrapartida, eu tenho dois filhos gêmeos também, eles estão fazendo escola pública, lá em Guianeses. Teve uma reunião de professores e estava todo mundo no pátio. Algumas crianças ficaram de recuperação. Eu fiquei esperando e um dos meus filhos ficou. São gêmeos, mas estão em salas diferentes. Um ficou. Eu fiquei até o final da reunião. E foi chamando, chamando. De 45, chamou 25. Português. Eu fiquei pensando: “25 de 45? Está muito fora da média!”. Eu fui falar com o diretor: “O senhor não acha que é muita coisa de 45 ele deixou 25?” Escorregou pra cá, escorregou pra lá... Vou mandar o menino e tal. Ele falou com o professor. O menino foi em duas aulas, ele tirou. Eu falei: “Eu não sei o que está acontecendo aqui. Mas é muita coisa, é muito fora da média. Tem dez por cento pra cima, dez por cento pra baixo, tá dentro do ponderável. Agora você deixa 25 de 45? Se o senhor deixar essa percentagem no Estrela Guia, no Colégio Padre Oliverdano, o senhor sabe o que acontece com o seu professor...?...” “É exatamente!”

“Não é melhor o senhor chamar o seu professor? Pô, 25 de 45 é o fim da picada. Eu fiquei passado com um negócio desse. Outra coisa que eu ia falar também. Vocês estavam falando daquilo que desperta e o que não desperta... A gente cresceu num tempo, eu e a senhora (parece referir-se à professora), a gente tinha canal na TV de 2 a 13. Não tinha TV a cabo, não tinha internet. Faz tempo isso. E alguns programas a gente assistia e despertava interesse pela ciência. Então a gente assistia Tarzan e via os leões, as aves, os pássaros. Depois na década de 80, veio um seriado chamado Magaiver e hoje a juventude fala Magaiver e não sabe por que o cara é Magaiver. Aí hoje eu tive oportunidade, pus TV a cabo na minha casa e tem um canal que passa o Magaiver e aí eu chamei os meus meninos e falei: “Sabe aquilo que você s falam de Magaiver? É aquele ator ali, ó!”. “E por que ele é Magaiver.” “Assiste o seriado!”. Tem a ficção, mas ele é engenheiro. Ele não é agente secreto, ele não faz lutas marciais. Ele não é muito forte, ele não dá soco em ninguém. E como ele faz aquele monte de coisa e foge e tal, com vários experimentos? Por quê? Porque ele é engenheiro. Ele estudou ciências. E hoje a gente vê isso nos seriados mais modernos, no CSI. Se você analisar o CSI e ver os peritos criminais. E tá certo que até o próprio delegado da delegacia da polícia científica falou: “A gente não tem ainda isso aqui!”. Mas o que vê lá realmente acontece. Você tem que ter o químico, tem que ter o biólogo, tem que ter muita gente que conhece de ciências. E dos programas que a gente vê, realmente alguns você consegue captar. Não no dá Globo, você falou... esses seriados nojentos que a gente vê, não se aproveita nada. Mas algumas coisas realmente consegue despertar o interesse da ciência. Achei interessante no que vocês falaram aí o que pode e o que não pode despertar. E particularmente achei interessante isso acontecer na Estação Ciência. Eu vi alunos, monitores lá, que são professores na USP. Daí eu fui trabalhar na FEA, trabalhei na FEA durante treze anos. Tem professor aqui que eu vi começar na graduação. Dois. Só aqui. Fez graduação, mestrado, doutorado. Fez concurso. Passou e está aqui. Eu achei muito legal. E falar da Estação Ciência me trouxe boas lembranças. Principalmente da minha filha. Eu tenho essas imagens guardadas em casa. Eu ia filmando ela. Eu vou fazer um “remake” das imagens. Porque quem aparece nas imagens é o Fábio, ele trabalha lá no almoxarifado. Ele pegava minha filha no colo quando ela descia a escada do auditório. “Eu vou fazer um remake com o Fábio pegando na sua mão, porque ele ainda trabalha lá.” Só que alguns cenários mudaram, não é? Lá é muito legal. Mas como lá é um projeto, dependendo de quem está na administração, muda a forma daquele lugar. Era a professora Carlinha Borba que já faleceu. Ela era psicóloga. Depois ela saiu e veio um professor da Física. Pai de um cineasta famoso. Tinha uma outra visão, tirou umas coisas e tal. Agora parece que tem um cara que é militar, da marinha. Então, os meus amigos lá, Telma, Maria, Diva, me falam. “Poxa vida, ainda bem que eu saí de lá!” Mas é muito legal a Estação Ciência, eu gostei muito de passar por aí. E você tem razão no que falou: “O que pode despertar o interesse na ciência?” Quando a gente veio pra cá, em 2005. Em fevereiro de 2005. Mas em 2003, quando eu vim aqui pela primeira vez, não tinha nada. “O que você vai fazer aqui?” Eu não agüento mais ir pra lá. Eu estava terminando a faculdade, não agüentava ir de carro, não agüentava ir pela Rebouças, não agüentava ir pela Consolação, nem pela

Marginal Pinheiros. Hoje é pior, hoje piorou. Então eu vim trabalhar aqui. É mais perto. Tem outro projeto pra desenvolver. Aí no jornalzinho... Eu tenho esse jornal até hoje. Então, os cursos que saíram, por alguma razão social e outras mais política, então o curso de LCN tem uma parte mais social, mas na verdade é uma grande demanda, uma carência de professores nas escolas públicas. Então, vai fazer o *campus*, não vai fazer o *campus*. Então, tem que ter um curso...

Intervenção de terceiro_ de licenciatura...

Carlos (operador de gravação) _ Sim. Você precisa atender o meu pessoal. Pá pá pá. Porque eu sou candidato à reeleição. Então, teve toda essa história por trás do LCN. Não é isso? E dois já sucumbiram. Eram o curso de Mídias Digitais e o curso de Tecnologia Musical. E politicamente eles deixaram no baú. O curso de Tecnologia Musical era um contraponto ao curso de música que tem lá, na Faculdade de Música que é voltado pras pessoas mais abastadas. Elitizado e tudo. Esse curso me chamou a atenção pra vir trabalhar aqui e a parte de Mídias Digitais. O que hoje a gente faz na raça, a gente faz na raça com alguns equipamentos. E ele envolvia laboratórios caros e ele ficou na gaveta, infelizmente.

Falar mais uma coisinha. Posso falar? Aquele dia da inauguração, que teve várias aulas e um dos palestrantes foi o nosso diretor. Nosso atual diretor. Eu fui e só tinha eu. Então eu falei com o professor Mantovani: “Professor, por que não traz aquela sua colega a professora Mariana Zatz... pra dar uma palestra aqui?” Não trouxe... porque o que aquela mulher faz na parte de desenvolver na parte de genética. Mas as crianças não sabem por que ela participou daquele congresso, daquele projeto, o que quer dizer o projeto que ela faz. Não é divulgar. Mas a biologia que se ensina na escola não fala do projeto dela. Aliás, a gente não pode nem entrar no laboratório dela. É que nem aqui. Tem senha pra entrar, só algumas pessoas podem entrar. Ela ganhou um prêmio de 100 mil dólares por um projeto que ela desenvolveu na USP. Eu acho muito legal. A gente vai ver nos vídeos antigos que se gravava... Ela deu uma entrevista pro Gullar de Andrade há uns quinze anos. Ele perguntou pra ela: “Professora, por que a senhora insiste tanto nesse negócio de célula tronco...? Já tem isso de fazer com umbigo. O que uma célula tronco faz que um umbigo não faz?” Ela falou assim: “Olha, o umbigo faz algumas coisas. As células troncos fazem todas as coisas.” Até hoje eu lembro daquilo. E ninguém sabe. Não divulga. Ela foi no Roda Viva. Ela não conseguiu responder que progressos ela teve esses anos todos nesse projeto de pesquisa que veio favorecer a sociedade. São só suposições. Mas ela deve ter conseguido pelo menos a fonte da juventude. Ela é muito bonita aos 65 anos de idade.

Professora _ Quando eu saí da Unicamp, vim trabalhar com ela na Biologia. Ela está igualzinha. Não muda nada. Carlos (operador de gravação), muito obrigado por sua fala. Vocês viram? Da nossa fala, ele voltou lá pra filhinha dele, ele sentiu os cheiros, ele ouviu os barulhos. Ele viveu na biologia dele tudo aquilo. Ou seja, há uma experiência que marcou de tal maneira aquilo tudo volta a viver de uma maneira muito prazerosa. Eu só queria me despedir, eu tenho uma experiência importantíssima agora, pegar meu

filho na escola. É bem rápido. Eu fico tão orgulhosa de escutar vocês, assim. Eu fico realmente emocionada de escutar a fala de profissionais como vocês, pessoas íntegras que se assumiram, assumiram a sua verdade, assumiram o que querem da vida. Se assumiram e se assumiram junto com os outros. Eu fico olhando a Eliana que era super tímida, nunca falava na aula. Nunca falava não. O Isaque falava, só não era muito atirado assim... Eu só queria agradecer muito, porque não só estamos ajudando a Pesquisadora... Agradecer o Carlos (operador de gravação) que compartilha a experiência dele. Eu fico muito feliz... porque desde o primeiro dia de aula eu falo pra vocês, acredito que você pode tocar uma pessoa. Eu estou muito feliz que nos contaminemos uns aos outros.

Pesquisadora_ Agora eu queria ir pro encerramento. Queria que cada um respondesse se gosta ou gostava do trabalho no Museu e por quê?

Rafael _ Eu gosto do que eu faço na Estação Ciência e também nos outros que eu trabalhei. Eu me identifico muito com o que eu faço. Eu gosto muito do contato com as pessoas, com o contato com a criançada. Eu gosto de estar no meio da muvuca e contribuir para o crescimento intelectual das pessoas. Toda vez que eu estou explicando eu também aprendo. Minha explicação nunca é a mesma. Então, eu vejo assim que você doa conhecimento você recebe conhecimento. Então você também está crescendo juntamente com os alunos. Sempre gostei de atuar em sala de aula. É isso.

Juliana _ Eu estou com muitos problemas em relação a isso porque outras situações se colocaram na minha vida. Não sei se o meu lance de dar aula, de estar no museu. Educação formal, não formal... Isso hoje tá muito balançado. Bem balançado. Porque algumas certezas caíram, outras vão surgindo. Muita coisa está mudando numa velocidade que eu acho que não estou dando muita conta. Mas numa previsão, eu acho que quero estar nesse espaço sim. Não sei como meu corpo vai estar nesses espaços, como a minha cabeça vai estar nesses espaços, mas eu acredito sim que isso é uma ferramenta importante e admiro todas as pessoas que estão lá e não saem de lá, por uma série de razões. Mas hoje eu acho que essas coisas precisam ser ressignificadas. Tô sem caminho. Mas de alguma forma, eles estão surgindo, estão renascendo numa perspectiva muito diferente do que quando eu entrei e comecei a fazer LCN.

Rafael _ Eu gostava. Eu gostava muito tem a ver com o que você falou. Ter um contato com o outro assim e o que o outro faz também. O que o outro traz também mexe com você. A vivência do outro, os costumes do outro ali naquela hora, a comunicação que se estabelece ali, acho que a conexão se faz... Eu gosto disso. Eu gostava bastante disso. E além desse entrosamento com as pessoas, é muito enriquecedor, eu achava. Fora essa

parte meio chata da politicagem e tal... Mas o que eu gostava mais disso é de aprender junto com o outro. Aprender junto com o outro. É o que eu mais gostava.

Joana _ Eu gostei de trabalhar no museu. Eu acho que o fato de já... poupa a gente de ter que elaborar uma coisa concreta que eu posso lá e tocar. É diferente de uma sala de aula. Na sala de aula a gente não consegue muito preparar alguma coisa, existe um desgaste maior na sala de aula. E no museu não, você já está lá, já apresenta. A linguagem que você vai usar com a criança... Existe também - eu acho isso fantástico - as diferentes linguagens. O mesmo assunto eu vou tratar com criança, adolescente e idoso. O adolescente já que ele tem mais umas gírias e o outro não tem. Tudo o que ele traz e que a gente também incorpora. O fato de você poder apalpar e estar num ambiente fora de cadeiras e sentado numa mesa, já é novo e atrai mais a criança. É possível aprender aquilo nesse espaço. Eu trabalhei no Catavento e tinha lá a sala da lua. Se você for ver, não tem nada na sala da lua. Então você consegue mexer com a imaginação da criança, porque o espaço todo tá disposto de uma forma a mostrar pra ele um conhecimento, um saber. Então, eu gostei muito de trabalhar no museu e quero continuar trabalhando no museu.

Isaque _ Eu gostei muito de trabalhar no museu. Foi uma das melhores experiências que eu tive na minha vida de trabalho. Eu aprendi muito lá, conversando com os outros monitores, com as pessoas que eu conheci lá. Também ajudou a quebrar muito preconceito que eu tinha. E a despertar mais o meu interesse na ciência. Eu já gostava um pouco. Aí você chega lá e vai descobrindo coisas novas e vai tendo outros interesses. Coisas que você não tinha nem visto numa disciplina ou coisa do tipo. Por isso pra mim foi muito importante.

Eliana _ Eu nunca trabalhei em museu. Mas de tudo que eu trabalhei, assim nas oficinas, em relação à oferecer algo a alguém. Eu acho que assim, como eu já disse, é sensacional. Eu gosto muito de ensinar os outros. Eu acho que isso torna a gente mais humano. O contato, ensinar. Assim, eu acho que conhecimento não tem que ficar em uma pessoa. Tem que ensinar. E acho que é mais ou menos isso.

Pesquisadora _ Dentro do que vocês falaram... A Joana começou a tecer isso. Você vêem algum contraste nessa experiência no museu e na escola, com a sala de aula?

Gustavo _ Isso que você falou de ser mais fácil... Não ser mais fácil, mas de não ter aquele limite formal de um preparo... Não tem um preparo. Tem preparo sim. Eu escolhi

trabalhar lá e não na escola. Não, eu não vou trabalhar na escola porque aquele ambiente lá, aquela mesmice. Eu prefiro trabalhar num museu, não formal, por tudo isso que ela falou, de linguagem, de ficar mais à vontade. É o mesmo tema, mas usando a linguagem pra cada tipo de pessoa, é diferente a abordagem. E os objetos, você trabalha com objetos que já desperta uma atenção imediata dos alunos. Você não... Na sala de aula, você quem que falar: “Vamos lá pessoal, prestar atenção.” No espaço não formal, não. De fato, aquele ambiente é pra despertar a atenção. Não digo que é mais fácil, mas é mais fácil de despertar a atenção.

Eliana _ Se a pessoa já foi lá, já está disposta a ver alguma coisa. Na escola, não, está uniformizado, está lá. Seu pai mandou você ir pra escola! E por mais que meu pai esteja lá, porque o pai mandou que tem que ir, enfim, é um espaço diferente, é um ambiente diferente. Aquela coisa da criança ver coisas novas. Eu acho que é muito diferente, é incomparável, eu acho.

Juliana _ Eu me questiono sobre essas fronteiras na verdade, do que é educação formal e não formal. Eu acho que o espaço da sala aula é um sim um espaço que dá pra fazer educação não formal também. Você pode levar coisas, pode propor outro mecanismo de aula que altera completamente essa relação. E eu acho que... Me incomoda um pouco essas fronteiras na verdade. Agora aqui a gente faz educação formal, aqui não formal. Eu acho que são fronteiras muito tênues, eu acho. Não dá pra definir e não dá pra relegar o espaço do museu como espaço que é legal, divertido, em detrimento de um espaço super hostilizado que é sala de aula. Eu acho que quem faz a sala de aula... Ela não é uma coisa assim imposta e colocada. Pra mim, ela é uma coisa que a gente constrói, na relação. Se você estiver se propondo a fazer coisas massas, vai ser um espaço tão legal quando o de um museu. E se num museu a pessoa não estiver disposta e achar que todo mundo tem que ficar quieto prestando atenção, vai ser uma merda, como uma sala de aula. Quando a gente inverte essas coisas, a gente percebe... Eu percebo, pelo menos, que o lance não é essa fronteira entre o que tem nesse espaço e não tem nesse espaço. Eu vejo que os elementos são outros. Quem faz os elementos serem como são é a gente. Essa colocação, assim, de que não sei se é tão diferente assim, ou se é parecido. Já tive experiência em sala de aula que foram magníficas, tanto quanto essas de museu, e também tive experiências em museu que foram uma merda, tanto quanto experiências de sala de aula.

Eliana _ Eu falo assim no sentido do professor levar algo interessante pra aula. Já é uma diferença.

Gustavo _ Eu concordo e discordo com o que você falou ao mesmo tempo. Eu acho que pro aprendizado você não pode colocar barreiras. Ele vai aprender aqui no espaço formal, vai aprender no não formal, isso da instrumentação, dependendo da escola formal, é mais difícil. Mas o que enriquece o aluno sair da escola e ir pra outro espaço é o sair. É uma coisa mais diversificada... Você ter contato com outras pessoas, o monitor vai estar ali. Ele não é seu professor, é outro relacionamento que você vai ter. Eu acho que o aluno acaba aprendendo... Até chegar no museu ele vai aprender, seja no ônibus, seja com o motorista do ônibus, seja... Ele vai andar, ele vai ter outra visão. Eu acho que você pode proporcionar sim uma aula interessante, trazendo objeto, a coca-cola... Estava falando da gota, enfim. Eu acho que é muito enriquecedor o aluno sair da escola e ver outra coisa. Pra isso, sair de uma coisa e entrar em outra... ele vai ter uma diferenciação.

Juliana _ Nesse ponto eu fico pensando também. A vida enriquece também, não é? A gente se forma na vida e nunca sabe qual é a formação. Então... Eu acho que é enriquecedor também, mas isso faz parte da vida. O que me incomoda é a gente relegar ao museu, a qualquer outra instituição esse único papel de fonte de conhecimento enriquecedor. Então, peraí, vamos ver onde estão esses pontos também na sala de aula? São mais difíceis, porque é muito mais difícil num lugar... Que nem no Cientec os alunos faziam uma trilha! É muito difícil transportar a experiência de uma trilha pra uma sala de aula. São coisas que ficam difíceis. Mas se você se esforçar um pouco, são coisas que no limite acho que dá sim pra fazer parecer. Eu acho que é um papel que complementa, sabe? O papel do educador, pra mim, é complementar. Acho que é isso, eu não posso dar todo poder pro museu, ou dar todo poder pra escola. Isso é péssimo. Deixar o conhecimento só em um lugar.

Gustavo _ O fato de saber que existe uma coisa diferente. Às vezes o aluno não sabe que existe. Você mostrar que existe uma outra coisa.

Juliana _ Isso é fundamental. Esse é o nosso papel. A gente sabe que existe e é o nosso papel pegar e dizer: “Ô, eu vou mostrar um negócio aqui que você não sabe. E vai ser maior massa pra você.” Com alguma autoridade, (___) fala tanto disso. Autoridade. Mas não de cagar regra. Isso de cagar regra pra mim é uma merda. Mas de você falar: “Ó, tem esse lance aqui e seria maior massa você aprender. Mas se você não quiser tudo bem!” Mas mostrar que tem aquele caminho que é legal. No meu primeiro estágio, tinha uma menina, ela perguntou pra mim: “O que você é?” “Eu sou professor de ciência.” Uma menina de sexta série. Não, quinta. Deste tamanho. E ela falava assim: “Esse negócio de ciência não é pra mim não, ó. Eu não gosto desse negócio não. Não sei como você consegue.” Falava com o maior desdém. Eu perguntei o que ela estava estudando. “A gente tá vendo um negócio de astronomia lá. Mas é nada com nada. Essa professora não fala nada com nada”, ela falou. “E esse lance que eu estudo não é bom?” “Quem consegue estudar isso, não é? É tão chato...” Então eu respondi: “Você sabia que tem uma estrela...” Eu tinha acabado de aprender isso com o Diego. Ele falou de uma estrela

que já tinha passado do tempo de explodir, que pode mandar pra atmosfera. Eu comecei a falar isso pra ela que a gente não consegue ver. A gente não consegue enxergar tudo isso. “Você sabia que as estrelas explodem?” Então a menina começou a ficar (faz careta de espanto): “Nossa que legal!” Eu sei que no fim a menina começou a me perguntar tanto as coisas que no fim eu falei: “Você não disse que não gostava de astronomia?” “É que é diferente!” Ela não explicou. Mas pra mim é um bom exemplo. E foi num estágio obrigatório. A menina veio falar comigo no intervalo e começou a conversar comigo porque achou peculiar... Aí ela começou a conversar, conversar só sobre essas coisas. E no final elas saíram com um puta sorriso. Aí ela falava pra todas as meninas: “Aquele professora ali explica de uma estrela... assim, assim assado.” Então, assim você vai contaminando um ambiente. E ela nunca vai pro espaço, entende? Ela não vai ver a estrela de perto, nem eu. Ela não conhece uma estrela de perto, mas depende do jeito que você comunica... É impossível chegar no espaço, cara!

Isaque _ Isso aconteceu na escola, mas também pode acontecer no museu. Por exemplo, lá no planetário o aluno pode perguntar à vontade. E o monitor pode responder a uma curiosidade dessa.

Juliana _ Tem uma relação de poder nos museus que a gente precisa levantar. Tem uma relação de poder nesses espaços. O espaço está lá, mas não está isento de poder. Por exemplo, quando você está na escola, você tem que obedecer o professor, o diretor, o agente escolar. Você tem que obedecer todo mundo. Então tem uma relação de poder e fica mais difícil o aluno questionar. Tem uns que questionam, xingam... Se você for conversar com cada um que já sofreu alguma coisa na escola. O espaço tem uma relação de poder. Quando você sai da escola e vai pra um museu, não vai ter um professor falando: “Você tem que ficar quieto, porque o monitor vai explicar isso pra você.” E o espaço também. Um espaço bonito, lindo. O planetário, por exemplo. Leva uma criança pro planetário pra você. O moleque fica tipo, assim (faz cara de deslumbre). Nossa, nem sai palavra. E é legal pra ele aquele espaço. Mas tem um poder naquele espaço também. Agora, se você tem uma conversa informal... Quer dizer, tem uma relação formal, porque você é autoridade, sabe mais que ele, blá, blá, blá... Mas quando você permite que ele abuse um pouco, sabe?, de certas relações, a coisa vai se construindo, vai transpassando mais, vai transpassando de uma maneira diferente. Nunca vai esquecer disso, faz parte da experiência dele. Talvez ele lembre muito mais sobre uma conversa que ela teve sobre uma estrela. Tenho certeza que essa menina nunca mais esqueceu a história da estrela. Ela deve falar pra todo mundo e as pessoas devem falar: “essa menina é doida. O que é isso da estrela e tal...” Mas ela lembra, tenho certeza disso. Toda vez que eu ia pra escola ela falava de estrela. Toda vez que ela me via, falava: “A professora da estrela. A professora de ciência da estrela.” Impossível assim. É só isso.

Pesquisadora _ Rafael, você tem alguma coisa pra comentar?

Rafael _ Acho que já foi bem falado por todo mundo, mas o museu, ele tem esse papel de despertar o interesse da criança. Penso nisso também muitas vezes. A escola não desperta o interesse. O museu não. Eles vão poder sentir a ciência. A gente vê na escola, tô estudando física, tô estudando ciência, mas não consigo visualizar. No museu é diferente, já consigo ter um contato, consigo ver experimentos de física, de química. A gente deixa as crianças brincar e isso acaba despertando interesse. Por isso que a escola não é muito atrativa, você não pode apalpar, participar da ciência. E no museu, você tem essa oportunidade. Faz com que a criança venha a querer aprender, tirar curiosidade, parar você depois. Acontece isso muito lá onde eu trabalho. Você acaba a apresentação e vem um grupo de crianças ou até mesmo professores vêm perguntar. Mas você já tem que pegar outro grupo. “Tem outro grupo esperando”, eles falam. Aí você não consegue dar toda a atenção que queria pras pessoas. Então, isso também acaba... É o ponto ruim do museu de ciência. A gente 25 minutos pra falar de um assunto. E a turma, quando eles querem aprender, esses 25 minutos não são nada. Eu acho legal isso. Você poder participar. Tocar na ciência. Acho que isso falta na escola também.

Pesquisadora _ Muito bom. Vou deixar os meus comentários pra depois. Antes de finalizar eu gostaria de saber como vocês se sentiram dentro desse grupo, com a discussão a partir desses tópicos. Não sei, podem falar... Pode ser longo, tá, Gustavo?.. Enfim, como vocês se sentiram?

Isaque _ Eu achei muito bom participar assim. Mas eu sou uma pessoa que tem problemas com discussão. Sempre no início de uma discussão, mesmo que seja para o bem da humanidade, eu fico nervoso, fico tremendo, gaguejo. Parece que vai dar uma briga, parece que você vai querer impor uma idéia pra outra pessoa. Mas agora estou super à vontade e tal. Eu acho que foi super enriquecedor as coisas que o pessoal falou aqui. Aquele lance de ser uma experiência singular... pra mim.

Juliana _ Eu senti muito esse lance seu: “Nossa, o que está acontecendo aqui!” como eu já estou acostumada, acostuma entre aspas, eu já participei de um grupo focal que foi uma irmã minha, que é a Angélica, com as pessoas que eu tenho muita afinidade. A Joana já participou também, tanta coisa aconteceu naquele grupo focal. Hoje eu estou super à vontade. A Pesquisadora é uma querida também. Vim com todo o prazer e disposição pra dizer tudo o que penso. De coração mesmo. Eu acho que grupo focal é isso assim. A gente fala as coisas do coração. Eu senti o Isaque meio travado, meio: “Não, peraí, a gente tem que discutir coisas do museu.” Mas depois eu vi que você foi

ficando “sussa”. A professora falou com você e você foi ficando cada vez mais “sussa” e falando mais coisas de você, das suas experiências. O grupo focal proporciona isso pra gente, sabe? Você está lá, num espaço que aí fora não tem, conversar sobre coisas banais. E parar um pouco de cobrar que a gente tem que ser... Eu não me senti cobrando, exigindo. Se eu fiz isso, me desculpe! Só colocando ponto que talvez a gente não para pra pensar e ouvindo pontos que eu não parei pra pensar. Uma conversa franca, aberta, sabe? Claro que tem momentos de tensão, uma discussão super acalorada. A gente está falando da gente, da nossa vida. “e como assim essa menina está falando esse negócio?” Mas aí a gente vê, todo mundo parte de muitas experiências parecidas, outras nem tanto. Mas que quando a gente desce um pouco a porta, o muro, o negócio começa a ter outro efeito dentro da gente. Às vezes eu sinto que a gente constroi um muro e é foda mesmo esse lance de você vir pra discutir num ambiente como esse. Vamos pensar, a Pesquisadora faz Mestrado, tem a professora Maria Helena com doutorado super foda, que a gente admira pra caramba, é uma professora incrível, uma professora genial e aí todo mundo aqui, tipo: a gente tem que falar direito, não pode falar errado, não pode falar palavrão. A gente tem que estar aqui de corpo e alma, e no decoro, não pode falar nada que fuja disso. Quando a gente começa a ver que o lance é outro: “Ah, mano, então tá sussa, sabe?” Começa a falar de outro jeito. Eu acho que o ambiente acadêmico, ele é zuado nesse ponto, sabe? Ele fica cobrando a gente uma coisa que a gente não é. Eu posso até falar bem. Eu acho que eu tenho uma puta retórica, mas eu quero falar do meu jeito. Eu quero poder falar com as minhas gírias. Quero fazer a minha expressão e corporalidade que a academia não permite. Você tem que estar sempre ali, bonitinho e tal. (gesto segurando o colarinho) Quando a gente começa a quebra essa relaçõeszinhas, sabe? A Pesquisadora faz mestrado, então a gente tem que ter todo pudor com a Pesquisadora. Não! A Pesquisadora é nossa companheira de vida, não é uma pessoa melhor que a gente. A Maria Helena também. O próprio... Com é o seu nome mesmo?

Carlos (operador de gravação) _ Carlos.

Juliana _ Carlos. O Carlos está ali, ele não está servindo a gente. É um companheiro, ele tem todo o direito de falar, se expressar e comer com a gente. Por que não? Esse espaço proporcionado pra gente. Acho que tinha que acontecer mais vezes.

Joana _ Eu gostei desse espaço. Eu sinto falta de ter com quem falar, porque não é que eu filosofo demais, mas a gente fala muito. E aqui são poucos os espaços que a gente tem pra poder falar aquilo que a gente pensa, o que a gente fez e como a gente fala. São várias interpretações não é? Porque eu aprendi coisas na faculdade. Hoje eu estou aplicando durando as minhas aulas eu reflito, mas com quem eu falo sobre o que eu fiz, e penso e faço. Então eu acho que esse espaço é um espaço pra gente poder refletir e

juntos somar e mudar. Mudar eu, mudar o pensar dela, ou se negar. Mas é um momento de reflexão, em que a fala é importante. Não só o pensar, acho que a gente precisa falar. É o nosso corpo falando.

Gustavo _ Eu faço coro com vocês também. Mas se as cadeiras fossem mais confortáveis a gente ficava a noite toda. Eu nunca tinha participado de um grupo focal. Não sabia o que era isso. E achei bem bacana, por trazer diferentes pessoas, diferentes falas e diferentes modos de olhar uma coisa, apesar de ser todo mundo de LCN praticamente. Eu caí meio de pára-quadras, mas eu me senti super à vontade. E espero que aconteça mais vezes. Eu também gostaria de um feedback seu a respeito desse trabalho, sabe?

(comentários sobre o agradecimento de teses. Risos.)

Eliana _ Eu queria falar mais ou menos o que a Joana falou. Que é difícil ter alguém pra conversar sobre esses assuntos. Eu sou tímida, não gosto de falar em sala de aula. Mas quando é assim uma conversa informal, eu sou super comunicativa, falo pra caramba. E eu sinto falta desse espaço pra gente conversar. Em casa, os meus pais não têm formação, a gente vai conversar o que? Só coisas normais. E minhas irmãs também são indiferentes ao que eu faço. Eu tenho quatro irmãs, mas nenhuma faz o que eu faço. Então, é difícil você achar alguém que você converse e tal. Foi super gostoso. Foi legal. A professora Maria Helena é super querida.

Pesquisadora _ Gente, então agora eu vou fazer o meu “feed”. A primeira coisa, eu queria... Super! Eu vou fazer parte do agradecimento escrito oralmente.

Juliana _ Tem que escrever, Pesquisadora!

Pesquisadora _ Não, vou transcrever.

Juliana _ Ah, entendi! Pode crer! Genial! É porque agora a emoção está aqui!

Pesquisadora _ Então, um super agradecimento. Eu falei pra professora Maria Helena. Fiquei emocionada, vi todo mundo chegando. Já teve uma edição da tentativa de coleta

de dados. O Isaque participou. Ajudou muito já da outra vez. Era um grupo de discussão. Um pouco diferente desse. Não era o lance de frases abertas. É algo mais direcionado. Mas acho que isso foi muito legal. Fiquei emocionada. Porque quando eu cheguei aqui: “Nossa, quanta gente!” Da outra vez, um grupo tinha três pessoas. Acho que eram sete que tinham dito que iriam e vieram três. No outro, dez pessoas disseram que iam e foi uma. O meu objeto de pesquisa nisso tudo era um negócio que eu intitulei de encantamento. Porque de toda a minha experiência com educação formal e não formal, informal, de corredor, toda essa experiência me levou a procurar entender como se dava aquele encantamento dos caras pelo conteúdo, por um grupo de pessoas. O Isaque falou da outra vez: “Nossa, eu ficava tremendo quando eu tinha que falar em público. Tinha um grupo de pessoas que tinha que me ouvir e isso era pânico pra mim.” E depois de algumas falas ele percebeu que não era um bicho de sete cabeças. As pessoas paravam pra ouvir o que ele tinha a dizer. Aquilo passou a ser assim, uma atividade normal. Ele passou a dominar aquilo. Da mesma forma que o conteúdo, muita gente entrou no Catavento, de LCN, da mesma forma que o Rafael falou. Sem saber o conteúdo. E eu estava coordenando a área de física na época. A Joana entrou um pouco depois que eu saí. Então, a galera entrava na área de física do Catavento. E tinha tudo, fluidos, eletromagnetismo, mecânica, x, y, z... Tudo da física estava lá e você tinha que explicar aquilo. Mas como é que você vai explicar eletromagnetismo com dois ímãs suspensos? O que eu vou falar de dois ímãs suspensos. E eles não estão grudados. Não estão grudados a uma certa distância. Então, era algo muito engraçado ver esse processo. Era um processo. A pessoa chegava lá sem saber lidar com uma situação de falar em público ou então chegava lá sem saber lidar com uma situação de conteúdo e ela passava a dominar aquilo, num processo. Esse processo é doloroso. Esse processo, ele é trabalhoso. Não é um processo pura e simplesmente fácil. E esse processo é o que me interessava. E é o que me interessa. Uma coisa que foi tocada durante essa discussão e que eu acho super importante, mais do que a gente mudar mundos, a gente mudar o nosso mundo. O meu mundo. O seu mundo. Porque a gente só pode mudar o mundo do outro, enquanto a gente se reconhece ser em construção. Enquanto ser totalmente inacabado, porque nós somos mundos. O meu mundo influencia o seu mundo e influencia o do outro e do outro. E essa mudança, essa transformação, essas influências não terminam nunca, nem com a morte.

Juliana _ Você sabe que tem uma menina e teve uma vez que ela falou um negócio que eu achei mágico. Esse negócio de eu, esse unidade que a gente sempre pensa que é o eu, sujeito único. Ela disse que o eu é uma manada. O eu é uma manada, velho! Você é vários eus. É uma manada. Não existe essa unidade que a galera pensa. Essa noção de sujeito único, individual, sabe? Indivíduo!? Não! Não existe indivíduo. Existe uma manada.

Pesquisadora _ E é o que você falava: “Ah, isso pode ser. Pode não ser. Ah, talvez seja...”

Juliana _ Se permitir.

Pesquisadora _ É, é sempre isso. Você repensar o seu pensamento. Então é um pouco e eu acho que vou começar a repetir as coisas, então agora eu vou parar...

Juliana _ Mas é bom também repetir.

Pesquisadora _ Então, acho que falta eu e o Carlos falarmos como nos sentimos. Eu vou deixar você falar primeiro.

Juliana _ Falta o Rafael também.

Rafael _ Eu gosto desse tipo de discussão, porque é bem enriquecedora pra todo mundo. Então, todo mundo tá falando do mesmo assunto, mas com olhares diferentes. A gente pode falar o que nós sentimos. O que a gente pensa, sem ser censurado. E isso acontece na universidade. Então, assim eu posso colocar o meu ponto de vista. A maneira como eu me sinto ou o que eu acho. Trocar idéias e poder enxergar que a minha visão não era a mais adequada pro assunto. Então, a gente tem isso também nesse tipo de conversa. A gente poder melhorar, se modelar como pessoa, melhorar o seu pensamento. Melhorar a maneira como você sente determinado assunto. É muito legal quando você conversa com pessoas que têm o mesmo pensamento que você, mas é mais legal quando você conversa com pessoas que têm um pensamento um pouco diferenciado, assim você pode analisar você próprio. Então assim, cada um aqui tem um tipo de pensamento. Eu não preciso que ninguém concorde comigo. E como ele pensa alguma coisa diferente do que eu penso, eu vou começar a questionar: “Será que o meu pensamento é o correto ou o dele é o correto? Ou todo mundo está errado?” Então, você começa a analisar você mesmo, isso faz com que você se torne melhor como pessoa, como ser humano. Comece a pensa sobre vários assuntos e não só pensar. Mas procurar evoluir como um ser humano. Isso pra mim é primordial. E não vai ficar estagnado, mas sempre... Nós não somos Pokemon, mas nós temos que evoluir.

Juliana _ Facebook, não é gente?

Carlos (operador de gravação) _ Eu gostei da participação. Bacana. Não tem muito aqui, esse tipo de coisa. Principalmente pelo curso e formação de vocês. Agora, a carência de professor que realmente quer dar aula, que gosta, que tem “sangue no zóio” pra dar aula é muito grande. Quando eu trabalhava na Estação Ciência, eu tive a oportunidade de gravar, durante uma semana um curso que foi fantástico. E nesse curso vieram professores de vários lugares do Brasil, porque o professor era o professor Aziz Ab Saber. Faleceu ano passado. E durante cinco dias... Ele já tinha setenta anos, mais ou menos. Ele já era aposentado, mas ele fazia questão de fazer trabalho voluntariamente. Porque ele amava trabalhar. Amava dar aula e ensinar professores. Era geógrafo. Aliás, foi o maior geógrafo do Brasil. E ver aquele homem mostrando mapas do rio do Brasil e dizer: aquele rio começa em tal lugar, tem aquele afluente, tem outro, tem outro... E ver o rosto dos professores se enchendo: “como é que ele conhece?” E ele passou ali, tinha conhecimento de causa. Tinha passado por aqueles lugares. Foi fantástico. Eu gostei muito de participar. Então, existem realmente professores que querem evoluir, querem crescer, independe do salário, independente da distância que as escolas têm. Isso acontece também com médico. Atrás da minha casa tem um posto de saúde, tem um médico. Aquele negócio da família, saúde da família tem seis mil famílias cadastradas e tem um médico. Quando ele sai de férias, é um sufoco pra marcar a consulta pras pessoas. Por quê? Porque ele não quer sair de lá da Faculdade Paulista de Medicina e passar seis horas, quatro horas em Guaianazes. O salário é baixo. Acontece com o professor? Acontece! Lá na escola dos meus filhos que é um exemplo. Falta professor em tudo que você imagina. Não tem professor de história. Não tem professor disso. Não tem professor daquilo. E esse negócio de tirar dúvida, de conversar... Eu vou esperar os meninos lá meio dia e vejo os professores saindo correndo. O aluno não consegue tirar uma dúvida. Não conseguem. Eles falam pra mim: “O professor sai correndo!” E vai pro estacionamento e pum (barulho com a mão). Porque tem que dar aula em outra escola. É uma questão econômica também, política, mas é enriquecedor o trabalho que você tá fazendo. Como eu já falei, teve pessoas que eu vi entrar aqui na graduação, passar pelo mestrado, doutorado, se tornar professor dessa casa. Talvez você esteja cumprindo essa meta. E ajudando a formar melhores professores, pra formar os nossos filhos também.

Pesquisadora _ Enfim, gente! Eu me sinto muito honrada. Essa é a palavra, porque é uma honra poder ouvir vocês. Poder reunir vocês, tanta gente boa que eu gosto muito. Super saudade de todos. Agora com essa vida mais louca que eu estou, fica difícil ver a galera sempre. Então é muita honra, super obrigada.